

CÁTIA SUSANA PEREIRA DUQUE

**FRAGMENTOS DA VIOLÊNCIA FAMILIAR:  
UM ESTUDO DE CASO**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2009



CÁTIA SUSANA PEREIRA DUQUE

**FRAGMENTOS DA VIOLÊNCIA FAMILIAR:  
UM ESTUDO DE CASO**

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2009

CÁTIA SUSANA PEREIRA DUQUE

**FRAGMENTOS DA VIOLÊNCIA FAMILIAR:  
UM ESTUDO DE CASO**

Monografia Apresentada à Universidade Fernando Pessoa  
Como Parte dos Requisitos para Obtenção do Grau  
de Licenciada em Psicologia Clínica

UNIVERSIDADE FERNANDO PESSOA

PORTO, 2009

## Resumo

A família é um sistema complexo, particularmente em meio disfuncional e violento, podendo o seu impacto, nas diversas gerações, ser desmesurado. O objectivo central deste trabalho debruça-se sobre a tentativa de perceber o mundo de alguém que viveu, e ainda vive, neste tipo de sistema familiar, fazendo uma análise detalhada da experiência sentida por este sujeito e perceber as consequências psicológicas que surgiram daí.

Possibilitando um maior contacto, com uma vivência particular, o trabalho conduziu a um estudo de caso minucioso, sobre uma história de vida traçada por um sistema familiar disfuncional, que envolveu o sujeito numa teia transgeracional, que se prolongou para todas as áreas da sua vida, apesar da sua tentativa em se libertar aquando da sua gravidez e breve maternidade. Os efeitos desta vivência denotam-se principalmente num conflito interno e intenso entre as crenças do sujeito e a sua ambivalência afectiva em relação à família de origem, agravado ao mesmo tempo por uma “herança” que o impossibilita de acreditar na capacidade de mudança e no futuro.

Palavras-Chave: Família, Violência Familiar, Transgeracionalidade, Estudo de Caso.

Ao Vítor,  
por partilharmos juntos  
os desafios da vida.

## Agradecimentos

É fundamental agradecer à Unidade da Maternidade Júlio Dinis, do Centro Hospitalar do Porto, por ter possibilitado o acesso ao objecto de estudo, não só ao Serviço de Psicologia, mas também aos Serviços de Neonatologia e de Ginecologia-Obstetrícia.

Quero agradecer também, em especial, à Professora Paula Santos, minha orientadora da monografia, que me ajudou neste percurso. A sua ajuda, assim como a sua dedicação, foram essenciais para a concretização deste trabalho.

Gostaria de agradecer ainda ao Professor Doutor Joaquim Ramalho, meu supervisor de estágio, pelo seu apoio e disponibilidade.

Finalmente, quero agradecer à “J.P.”, pela sua partilha e confiança, sem a sua colaboração não teria sido possível a realização deste estudo.

*“Passa uma borboleta por diante de mim  
E pela primeira vez no Universo eu reparo  
Que as borboletas não têm cor nem movimento,  
Assim como as flores não têm perfume nem cor.  
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,  
No movimento da borboleta o movimento é que se move,  
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.*

*A borboleta é apenas borboleta  
E a flor é apenas flor.”*

Alberto Caeiro – O Guardador de Rebanhos

## **Índice**

<b>Introdução</b>	1
<b>Capítulo I – A Família</b>	
1. Definição de Família	3
2. Estrutura da Família	4
3. Hierarquia Sistémica e Propriedades do Sistema Familiar	6
4. Conceito de Família Saudável (segundo Carl Whitaker)	7
5. O Ciclo Vital da Família	8
6. A Identidade Materna e a Família	11
7. A Relação Parental na Família	12
8. O Processo de Perda e Luto no Sistema Familiar	14
<b>Capítulo II – A Violência na Família</b>	
1. Considerações sobre a Violência	15
2. Mau Trato Infantil	16
3. Violência Conjugal	16
4. A Origem da Violência Familiar	17
5. Conceito de Família Multiproblemática	19
<b>Capítulo III – A Transgeracionalidade no Sistema Familiar</b>	
1. Modelo Familiar de Murray Bowen	21
1.1. Processo de Projecção Familiar	22
1.2. Corte Emocional	23
1.3. Processo de Transmissão Multigeracional	23
2. Modelo Familiar de Ivan Boszormenyi-Nagy	24
3. Modelo Familiar Simbólico-Experiencial de Carl Whitaker	25
<b>Capítulo IV - Estudo Empírico</b>	
1. Metodologia Qualitativa	27
2. Objectivos do estudo	27



9.2.5. Escalas Suplementares	57
9.2.6. Subescalas	59
9.2.7. Análise Final do M.M.P.I. 2	61
9.3 - T.A.T.	62
9.3.1 - Análise Detalhada dos Cartões	62
9.3.2 - Análise Final do T.A.T.	65
10 – Entrevistas e Observação do Estado Mental	67

### **Discussão dos Resultados**

1. Introdução	71
2. Síntese de Anamnese	72
3. Observação e Exame do Estado Mental das Entrevistas	73
4. Análise do Resultado dos Testes	74
5. Conclusão da Análise	76
6. Plano de Intervenção	76
7. Discussão do Caso	77
8. Pesquisas Futuras	79

<b>Bibliografia</b>	80
---------------------	----

### **Anexos**

## **Índice de Tabelas e de Figuras**

### **Figuras**

Figura I – Fluxo de Ansiedade na Família	9
Figura II – Modelo Ecológico de Violência Familiar	19
Figura III – Genograma Estrutural	42
Figura IV – Genograma da Dinâmica Familiar	43
Figura V – Legenda dos Genogramas	44
Figura VI - Percentagem de Respostas com Verdadeiro e Falso	53
Figura VII– Escalas de Validade do M.M.P.I. 2	54
Figura VIII – Escalas Básicas do M.M.P.I. 2	55
Figura IX – Escalas de Conteúdo do M.M.P.I. 2	56
Figura X – Escalas Suplementares do M.M.P.I. 2	57
Figura XI – Sub-Escalas do M.M.P.I. 2	59

### **Tabelas**

Tabela I – Estádios do Ciclo de Vida Familiar	10
Tabela II – Formas de Violência Familiar	15

## Introdução

Ackerman (1986) afirma que a família é a unidade básica de crescimento e experiência, desempenho ou falha, como também é a unidade básica de doença e saúde. O objecto de estudo deste trabalho está relacionado com o sistema familiar, particularmente com a violência na família, destacado através de um estudo detalhado sobre a experiência de um sujeito envolvido num meio familiar disfuncional e violento.

O caminho que me levou a conhecer esta história e esta vida, tornou-se tão importante quanto a necessidade de compreendê-las. Uma vida singular, que desafia à curiosidade em saber como foi cinzelada, e que consequências advieram daí. Por isso, as minhas motivações pessoais e académicas convergem num só sentido, as de enriquecer o conhecimento com um contacto diferente sobre uma realidade tão presente, e contudo, tão oculta. Ao fazê-lo, dou também a conhecer a outros, para que também a possam entender.

Desta forma, torna-se claro que o objectivo central deste trabalho é perceber o mundo de alguém que viveu, e ainda vive, num sistema familiar disfuncional e violento, fazendo uma análise detalhada da experiência sentida por este sujeito e perceber as consequências que surgiram daí.

O método utilizado neste estudo é o método qualitativo, especificamente o estudo de caso. Para González Rey (1998) a investigação qualitativa substitui a resposta pela construção, a verificação pela elaboração e a neutralidade pela participação. Para o autor, o investigador entra no campo com o que lhe interessa investigar, no qual não supõe o encerramento no desenho metodológico, de somente aquelas informações directamente relacionadas com o problema explícito *a priori* no projecto, pois a investigação implica a emergência do novo nas ideias do investigador, processo em que o marco teórico e a realidade integram-se e contradizem-se de formas diversas no curso da produção teórica. De acordo com Yin (2005), o método do estudo de caso é adequado nos casos em que a pesquisa pretende relacionar vários aspectos de um mesmo fenómeno.

Para este estudo foram utilizadas as provas de avaliação de personalidade de Rorschach, o Inventário de Personalidade Multifásico de Minnesota (M.M.P.I. 2) e o Thematic Apperception Test (T.A.T.). Igualmente foi feita a recolha da história de vida do sujeito, através das entrevistas e de registos biográficos feitos pelo próprio, assim como o registo da observação sobre o seu estado mental.

A pesquisa bibliográfica envolveu o tema da família, destacando no capítulo I, pontos importantes, como a estrutura da mesma, a sua hierarquia e as suas propriedades. Também se distinguiu o ciclo vital da família, assim como momentos significativos vividos pelo sistema, como a identidade materna, a relação parental e o luto. No capítulo II, tornou-se mais específica a temática familiar, levando-a ao campo da violência, distinguindo as suas várias formas e tramas. Em relação ao capítulo III, relacionou-se a família e a herança transgeracional da mesma, através de três teorias principais, com autores como Murray Bowen, Ivan Boszormenyi–Nagy e colaboradores, e Carl Withaker. É importante salientar que a pesquisa bibliográfica acompanhou a temática do estudo de caso, de forma a contextualizar o percurso de vida do sujeito e a sua dinâmica familiar.

Possibilitando um maior contacto, com uma vivência particular, o trabalho conduziu a um estudo de caso minucioso, sobre uma história de vida traçada por um sistema familiar disfuncional, que envolveu o sujeito numa teia transgeracional, que se prolongou para todas as áreas da sua vida, apesar da sua tentativa em se libertar aquando da sua gravidez e breve maternidade. Os efeitos desta situação denotam-se principalmente num conflito interno e intenso entre as crenças do sujeito e a sua ambivalência afectiva em relação à família de origem, agravado ao mesmo tempo por uma “herança” que o impossibilita de acreditar na capacidade de mudança e no futuro.

## Capítulo I – A Família

Para determinar e compreender melhor uma vivência baseada, maioritariamente, no contexto familiar, torna-se necessário compreender primeiro os parâmetros que tecem uma família, não só compostos pela própria, como também pelos elementos que a constituem e pela comunidade em que estão inseridos. Seguidamente, serão apresentados conceitos sobre a família, tipos de estrutura e hierarquia sistémica, propriedades do sistema familiar, noções sobre o ciclo vital da família, o conceito de família saudável, o luto e a perda no sistema familiar.

### 1. Definição de Família

De acordo com Minuchin (1979) a família é uma rede invisível de necessidades funcionais que organiza o modo como os elementos da família interagem.

Relvas (1996) indica, por sua vez, que cada família é vista como um todo, como emergência dos elementos que a compõem, sendo definitivamente una e única. Apelando à Teoria Geral dos Sistemas, a autora revela ainda que cada família é também parte de sistemas, de contextos mais vastos nos quais se integra (comunidade, sociedade), sendo igualmente importante a existência dentro da família de outras totalidades mais pequenas (sendo a menor o indivíduo) que são elas próprias, partes do grupo total, os chamados subsistemas.

Já Gameiro (1992, cit. *in* Relvas, 1996) afirma que a família é uma rede complexa de relações e emoções que não são passíveis de ser pensadas com os instrumentos criados para o estudo isolado dos indivíduos. Para o autor, a simples descrição de uma família não serve para transmitir a riqueza e complexidade relacional desta estrutura.

Minuchin (1981) considera ainda a família como um sistema relacional primário hierarquicamente organizado, no qual a mudança de um de seus subsistemas atinge o sistema familiar como um todo. Relvas (1996) afirma que o indivíduo é um todo, parte de uma família e de uma sociedade, mas nesse indivíduo vive, existe e reconhece-se essa família e essa sociedade.

Dentro do sistema familiar, Koestler (1981) usa o conceito do *hólon* para caracterizar a dupla natureza de cada um dos elementos do sistema, revelando que todo o *hólon* é

simultaneamente, parte e todo, isto é, encerra em si duas tendências aparentemente antagônicas: *tendência integrativa* e *tendência auto-afirmativa*. Sendo que, para Koestler (1981), enquanto parte de um sistema maior, como subsistema, manifesta a sua tendência integrativa, a sua capacidade de integração. Se focado como um todo, como um sistema que contém em si outro subsistema, ele expressa a sua tendência auto-afirmativa, a sua autonomia. O autor ainda sublinha que todo o elemento vivo necessita que essas duas tendências estejam em equilíbrio para que possa haver crescimento. Ao integrar-se a um sistema maior o indivíduo pode desenvolver o sentimento de “pertencer” e, paradoxalmente quanto mais pertence, mais se diferencia e se torna autónomo, mais desenvolve o sentimento de “ser”.

## 2. Estrutura da Família

Para Relvas (1996), existem vários subsistemas na família, explicando que o subsistema individual é constituído pelo indivíduo, que para além do seu envolvimento no sistema familiar, desempenha funções e papéis noutros sistemas, interagindo com o seu desenvolvimento pessoal, e logo, com o seu posicionamento familiar. Continua, descrevendo o subsistema parental, com funções executivas, tendo a seu cargo a protecção e educação de gerações mais novas e que, na maior parte das vezes, é constituído pelos pais. O subsistema conjugal, para a autora, engloba o casal e o subsistema fraternal é constituído pelos irmãos, com funções específicas de treino de relações entre iguais.

É neste contexto ainda que Relvas (1996) enfatiza a estrutura familiar, pela forma como se organizam estes subsistemas e o tipo de relações que se desenvolvem entre eles e no interior de cada um. A autora acrescenta ainda que todas as famílias se organizam através de um estrutura de relações onde se definem papéis e funções conformes às expectativas sociais, mas a forma específica como essa organização é concretizada é única em cada família.

Minuchin (1981) afirma, em relação aos subsistemas, que a criança tem que agir como um filho, enquanto o seu pai age como um pai: e quando a criança o faz, pode ter que ceder ao tipo de poder que aprecia, quando em interacção com seu irmão mais novo. Assim, segundo o autor, a organização dos subsistemas de uma família fornece um treino valioso no processo de manutenção do ser, diferenciado, ao mesmo tempo que promove o exercício de habilidades interpessoais em diferentes níveis.

Jimenez e Valência (2007) abordam o tipo de relações na família, distinguindo-as entre simétricas e complementares. Estas autoras explicam que com as interações quotidianas, identificam-se padrões, como aqueles que integram condutas recíprocas ou equilibradas. Assim, nas relações complementares cada um dos elementos assume um papel, que os coloca em posições diferentes, apresentando relações de domínio/submissão. A pessoa considerada com mais poder aceita o estilo da relação e actua em correspondência com o mesmo. Ao contrário das relações simétricas, em que os elementos encontram-se em igualdade de condições.

Ainda de acordo com Minuchin (1990), relativamente à existência de limites no sistema familiar, revela que existem três tipos diferentes: os limites claros, que ocorrem quando os membros do sistema familiar usam regras claras de funcionamento intra e inter-sistemas permitindo a troca de influências entre eles; os limites difusos (famílias emaranhadas), marcados por uma enorme permeabilidade que ameaça a diferenciação dos subsistemas; e os limites rígidos (famílias desmembradas) que dificultam a comunicação e a compreensão recíprocas.

Alarcão (2002) apresenta como família emaranhada, uma família dominada por movimentos centrípetos e pelo mito da unidade familiar, fechando-se sobre si mesma e desenvolvendo o seu próprio microcosmos onde há promoção de um exagerado intercâmbio e de preocupações entre os diferentes elementos, reduzindo as distâncias interpessoais e misturando as fronteiras entre gerações, subsistemas e indivíduos. Da mesma forma, a autora fala da noção de família desmembrada, como famílias que estabelecem fronteiras excessivamente rígidas no seu interior e difusas no seu exterior, numa profusão de movimentos centrífugos, onde os intercâmbios comunicacionais entre os subsistemas tornam-se difíceis e as funções de protecção da família são diminuídas, sendo que os papéis parentais são instáveis, apesar da aparente rigidez.

Minuchin (1979, cit. *in* Alarcão 2002, pp. 62 e 63) apresenta uma tipologia estrutural familiar, em que salientou os seguintes aspectos:

1. Não existe diferença qualitativa entre famílias funcionais e famílias disfuncionais, todas as famílias se situam num continuum pontuado entre estes dois;
2. É possível encontrar, numa família funcional, períodos de maior emaranhamento ou de maior desmembramento, adaptados à etapa do ciclo vital em que a família se encontra;

3. Numa mesma família podem existir diferentes tipos de limites entre os vários subsistemas ou elementos;

4. É fundamental, na apreciação valorativa do grau de emaranhamento ou desmembramento de uma família, situá-la no contexto cultural de que faz parte assim como na sua história familiar.

### 3. Hierarquia Sistémica e Propriedades do Sistema Familiar

Segundo Relvas (1996), a hierarquização enfoca um aspecto importante: a abertura dos sistemas. Refere ainda que o grau de abertura da família é variável conforme a sua organização, sendo que a família integra, no seu funcionamento, as influências externas, não estando dependente delas, não sendo simplesmente reactiva às pressões do meio, por estar sujeita a forças internas, possuindo uma capacidade auto-organizativa que lhe dá coerência e consistência no jogo de equilíbrios dinâmicos. A referência aos equilíbrios dinâmicos é referenciada por Relvas (1996) de acordo com a noção de capacidade auto-organizativa dos sistemas através da 2ª Cibernética, referindo que apesar das mudanças permanentes a que está sujeito, o sistema mantém uma organização estável, possuindo uma *abertura funcional* e um *fecho organizacional*.

Com Nobre (1987), esta definição torna-se mais concisa, revelando a família como um sistema aberto em permanente interacção com seu meio ambiente interno e/ou externo, organizado de maneira estável, não rígida, em função de suas necessidades básicas e de um modus peculiar e compartilhado de ler e ordenar a realidade, construindo uma história e tecendo um conjunto de códigos (normas de convivência, regras ou acordos relacionais, crenças ou mitos familiares) que lhe dão singularidade.

Alarcão (2002), em relação a propriedade da totalidade aplicada à hierarquia sistémica da família, revela que a vida da família é algo mais do que a soma das vidas individuais dos seus componentes, pelo que tem sentido observar a interacção e equacionar o seu desenvolvimento como sistema total. Da mesma forma, a autora sublinha que é importante perceber que o comportamento de cada um dos membros é indissociável do comportamento dos restantes e aquilo que lhe acontece afecta a família no seu conjunto, tanto ao nível dos indivíduos, como nas relações do sistema, revelando-se num ecossistema.

Para Manguiera (2005), de acordo com o princípio da equifinalidade, em qualquer sistema fechado, o estado final está inequivocamente determinado pelas condições iniciais, sendo que o mesmo não acontece nos sistemas abertos, pois pode-se chegar ao mesmo estado final partindo de diferentes condições iniciais e por diferentes caminhos.

A retroacção, segundo Alarcão (2002), é uma propriedade que revela que o comportamento de um elemento não é suficiente para explicar o comportamento de outro elemento e vice-versa, existindo dois tipos de retroacção: a negativa (mecanismo de regulação auto-correctiva, que permite manter o sistema estável, corrigindo os efeitos de factores internos e externos ao sistema, capazes de modificar o seu equilíbrio) e a positiva (mecanismo de mudança qualitativa, possibilitando o crescimento e a criatividade, permitindo atingir um nível superior de complexidade).

#### 4. Conceito de Família Saudável (segundo Carl Whitaker)

Carl Whitaker (1988) faz referência a particularidades que determinam uma família saudável. Segundo o autor, numa família saudável, as regras e os limites são usados como orientações, servindo para o desenvolvimento familiar. Por sua vez, nas famílias patológicas, as regras e os limites são usados para impedir a mudança e manter o status.

Um dos componentes básicos de uma boa estrutura do funcionamento familiar é o destaque das gerações, tendo em conta que os pais e os filhos não são iguais no que toca à autoridade e responsabilidade. Mas o autor refere que um bom destaque geracional não deve ser confundido com uma estrutura organizacional rígida. Em famílias saudáveis, o poder dos pais actua de forma reservada, por ser óbvio o poder parental na família, não há necessidade de estar sempre a dar provas desse mesmo poder, nem para os filhos, nem para os próprios pais. Isso permite que, dentro da família, se possam experimentar novos papéis, havendo flexibilidade, sem comprometer a segurança da estrutura familiar, possibilitando também brincadeiras entre os pais e filhos.

Outra nota característica de uma família saudável remete para a possibilidade de existirem alianças e coligações entre os elementos, dentro dos diversos subsistemas que compõem a família, ou mesmo entre eles, sem sentirem insegurança ou ciúme derivado a isso. A importância da liberdade em experimentar essas alianças ou coligações reforça as relações

familiares. Whitaker (1988) também destaca a importância em haver espaço para os pensamentos e sentimentos de cada elemento da família, nas várias fases da vida familiar, mesmo em situações de conflito, e que isso possa ser aceito e discutido pela família sem risco comprometer a unidade familiar.

O investimento nas relações familiares inter-geracionais, entre três ou quatro gerações, desenvolve o intercâmbio e estreita as relações entre as mesmas, sendo também uma forma de acesso à informação cultural da família. O autor ainda refere que uma família saudável é um sistema aberto, onde os elementos não pertencentes à família são aceites, sem haver desconfiança sobre eles. Qualquer elemento da família sente liberdade para trazer os seus amigos para dentro dela, sem medo de se sentir rejeitado.

## 5. O Ciclo Vital da Família

Para Relvas (1996) o ciclo vital da família expressa e integra uma perspectiva desenvolvimentista, por representar um esquema de classificação em estádios que demarcam a tal sequência previsível de transformações, diferenciando fases ou etapas na carreira familiar. Esta carreira familiar, contínua, comporta duas inter-faces desenvolvimentais: o indivíduo/grupo familiar e família/meio sociocultural.

Para Falceto e Waldemar (2001, cit. *in* Eizirik, Kapczinski & Bassols, 2001) o ciclo vital da família é o processo evolutivo pelo qual a família passa ao longo da vida, onde há etapas com tarefas específicas e problemas típicos, e do seu encaminhamento adequado dependem o bem-estar e o crescimento biopsicossocial dos seus membros. Estes autores referem ainda que estas mudanças de etapas – *crises evolutivas* – desencadeiam transformações na organização da família, que requerem simultaneamente múltiplos ajustes dos seus vários membros.

Relativamente às mudanças, Carter e McGoldrick (1989) explicam existirem muitas evidências sobre os stressores familiares, que costumam ocorrer nos pontos de transição do ciclo da vida, frequentemente criarem rompimentos neste ciclo e produzirem sintomas e disfunção. Estas autoras apresentam ainda um esquema que descreve o fluxo de ansiedade na família, apresentado em seguida.

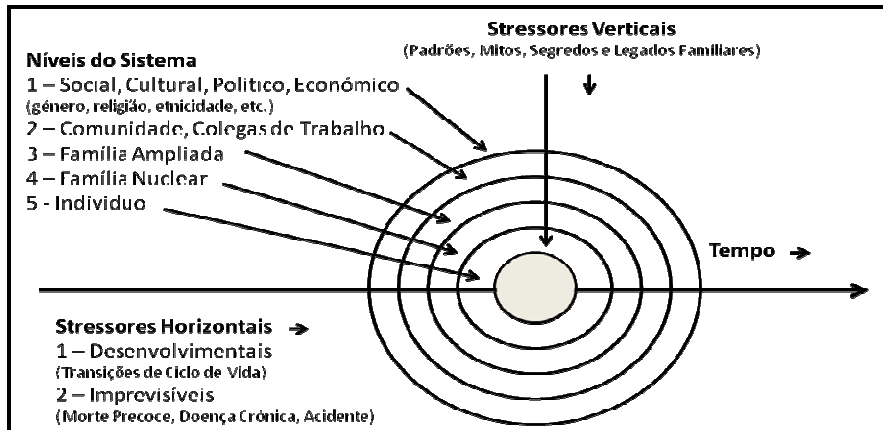


Figura I – Fluxo de Ansiedade na Família  
(Cit. in Carter & McGoldrick, 1989, p. 12)

De acordo com Bowen (1978), como se pode ver na figura I, o fluxo vertical num sistema inclui padrões de relacionamento e funcionamento que são transmitidos para as gerações seguintes de uma família, principalmente através do mecanismo de triangulação emocional. Carter e McGoldrick (1989) explicam que este fluxo inclui todas as atitudes, tabus, expectativas, rótulos e questões opressivas familiares com os quais nós crescemos. As autoras comentam, em relação ao fluxo horizontal, que este inclui a ansiedade produzida por stress na família conforme esta avança no tempo, lidando com as mudanças e transições do ciclo de vida familiar. Mesmo um pequeno stress horizontal numa família em que o eixo vertical apresenta um stress intenso irá criar um grande rompimento no sistema (Carter & McGoldrick, 1989, p. 11). Ainda é referido, pelas mesmas autoras, que embora toda a mudança normativa seja stressante até certo ponto, observa-se que, quando o stress horizontal (desenvolvimental) faz uma intersecção com o vertical (transgeracional) existe um aumento importante da ansiedade no sistema, assim como quanto maior for a ansiedade gerada na família em qualquer ponto de transição, mais difícil ou disfuncional será a transição.

Relativamente aos estádios do ciclo da vida familiar, Hill e Rodgers (1979, cit. in Relvas, 1996) apresentam três critérios de marcação destes estádios, consistindo nas alterações dos números de elementos que a compõem, nas alterações etárias e nas alterações no estatuto ocupacional dos elementos encarregados do sustento/suporte familiar. Desde 1950, primeiramente com o sociólogo Duvall a incluir tarefas de desenvolvimento no sistema familiar, permitiu, mais tarde, a criação de diversos esquemas classificativos do ciclo vital da família. Segundo Carter & McGoldrick (1989), Duvall separou o ciclo da vida familiar em

oito estádios, referentes aos eventos precisos relacionados às idas e vindas dos membros da família: casamento, o nascimento e a educação dos filhos, a saída dos filhos do lar, aposentação e morte. Contudo, estes estádios e tarefas são baseados em famílias nucleares intactas, de classe média. A próxima tabela descreve pormenorizadamente os estádios que Duvall apresentou:

Estádio	Tarefa
1 - Casais sem filhos	Estabelecimento de uma relação conjugal mutuamente satisfatória; preparação para a gravidez e para a parentalidade.
2 - Famílias com recém-nascido (filho mais velho: nascimento – 30 meses)	Ajustamento às exigências de desenvolvimento de uma criança dependente.
3 - Famílias com crianças em idade pré-escolar (filho mais velho: 2,5 – 6 anos)	Adaptação às necessidades e interesses das crianças no sentido da sua estimulação e promoção do desenvolvimento.
4 - Famílias com crianças em idade escolar (filho mais velho: 6 – 13 anos)	Assumir responsabilidades com crianças em meio escolar; relacionamento com outras famílias na mesma fase.
5 - Famílias com filhos adolescentes (Filho mais velho: 13 – 20 anos)	Facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade; partilha desta tarefa com a comunidade; estabelecimento de interesses pós-parentais.
6 - Famílias com jovens adultos (saída do 1º filho – saída do último filho)	Permitir a separação e o “lançamento” dos filhos no exterior, com rituais e assistência adequada (1º emprego ou educação superior); manutenção de uma base de suporte familiar.
7 - Casal na meia-idade (ninho vazio – reforma)	Reconstrução da relação do casal; redefinição das relações com as gerações mais velhas e mais novas.
8 - Envelhecimento (reforma – morte de um ou ambos os cônjuges)	Ajustamento à reforma; aprender a lidar com as perdas (lutos) e a viver sozinho; adaptação ao envelhecimento.

Tabela I – Estádios do Ciclo de Vida Familiar

(Adaptado de Duvall, 1977, cit. *in* Relvas, 1996, p. 18)

De seguida, o esquema apresentado é adaptado por Relvas (1996, p. 19), composto por 5 etapas:

1ª Etapa – Formação do Casal

2ª Etapa – Família com filhos pequenos

3ª Etapa – Família com filhos na escola

4ª Etapa – Família com filhos adolescentes

5ª Etapa – Família com filhos adultos (empty-nest)

Os estádios do ciclo vital da família de Duvall foram criticados por diversos autores. Presentemente recordam-se alguns argumentos que põe em causa a organização e conteúdo desses estádios. Relvas (1996) afirma que, num grande número de famílias, as etapas de desenvolvimento sobrepõem-se, (por exemplo, uma grande fratria e filhos mais pequenos ao lado de filhos adolescentes) ajudando a alertar para a necessidade de atender à individualidade de cada família, não só nos conteúdos mas também nas suas possibilidades de constituição e organização. Por outro lado, as tarefas apresentadas, características de cada fase, são tarefas particularmente assinaladas, com o objectivo de destacar a sua premência ou grau de dificuldade em determinada fase.

Carter e McGoldrick (1989) explicam que a maioria das descrições do ciclo de vida familiar típico deixa de transmitir os consideráveis efeitos da etnicidade e da religião em todos os aspectos de como, quando e de que maneira uma família faz as suas transições de uma fase para outra. As mesmas autoras afirmam que a definição de família, assim como as fases do ciclo de vida e a importância das diferentes transições, varia de acordo com o background cultural da família.

Relvas (1996) refere ainda o facto de só surgirem esquemas de famílias típicas nucleares intactas, não contemplando uma série de variáveis (como os divórcios, as famílias reconstruídas, as famílias monoparentais, as famílias de homossexuais, as famílias sem filhos e as famílias de adopção), bem como a duração das diferentes etapas se altera em função de vários factores, como o aumento de tempo de vida conjunta do casal ou o aumento do período de dependência dos filhos, por exemplo.

## 6. A Identidade Materna e a Família

Segundo Canavarro (2007), para se iniciar o processo de identificação materna, é necessário que a mulher (grávida) procure referências nos modelos maternos conhecidos, especialmente na sua própria mãe, sobre a forma como se comportar e de se preparar, a si própria e à família, para a chegada do novo elemento. Rubin (1984) afirma que a identidade materna é construída durante a gravidez, por meio de uma imagem idealizada que a mulher tem de si como mãe e do bebé como filho.

Para Kitzinger (1978), o parto é considerado um processo social, porque afecta a relação entre o marido e a mulher, o grupo em que ambos estão inseridos, levando, também, a uma redefinição da identidade da mulher que passa, agora, a assumir o papel de mãe.

Segundo Colman e Colman (1994), este processo uma vez accionado, não é possível voltar atrás ou ser interrompido, porque dá início a uma nova vida, à do filho, mas também modifica irremediavelmente a identidade, funções e papéis da mãe.

Soares (2007, cit. *in* Canavarro, 2007), explica, em relação ao papel materno na família, que enquanto principal figura de vinculação, a forma como a mãe lida com a sua filha, enquanto bebé, e depois criança, constitui uma base que serve para a criação de expectativas sobre o comportamento dos outros, para a construção do conceito sobre si própria e para a sua própria auto-regulação emocional. Por outro lado, explica a autora, a sua própria mãe é, para cada mulher, o primeiro e principal modelo de comportamentos e afectos maternos, por transmitir-lhe, de forma verbal e não verbal, o que é ser mãe.

## 7. A Relação Parental na Família

De acordo com Relvas e Lourenço (2007, cit. *in* Canavarro, 2007), um casal que desenvolveu no seu interior fortes laços de cumplicidade, afecto, capacidade de negociação e flexibilidade é um casal com maiores possibilidades de ser, também um sistema parental competente sem deixar de ser um casal funcional, sendo que o nascimento de um filho intensificará o relacionamento íntimo do par conjugal que concretizou a sua capacidade reprodutiva e de continuidade familiar. Para estes autores nas famílias desmembradas, ou desagregadas, os papéis parentais são instáveis, apesar de uma rigidez aparente, e os filhos serem afectivamente autónomos, apesar da sua imaturidade.

Segundo Relvas (1996), o modelo parental é composto por dois tipos distintos: o maternal e o paternal, permitindo esta representação assumir a função parental, baseada no ajustamento das funções maternal e paternal que não significam, estritamente, papel desempenhado pela mãe e pelo pai. A autora ainda refere que enquanto o parentesco é de tipo causal, a função parental alarga-se, ultrapassando a simples interacção de tipo causal, que consiste na protecção e educação do jovem pelos seus progenitores, interagindo com as finalidades próprias da família da criança, que se expressam na transmissão intergeracional

das regras, nas redundâncias dos modelos comunicacionais, na utilização dos mitos e rituais familiares.

Para Lebovici (2004, cit. *in* Ponton & Solis, 2004), a parentalidade vai para além do factor biológico; sendo que para se tornar um pai ou mãe é preciso ter feito um trabalho interior que começa pela aceitação de que herdamos algo dos nossos pais, algo que é relativo à transmissão intergeracional.

A forma como a parentalidade se organiza na família resulta da articulação de quatro modelos inerentes a esta função. Cada um dos elementos do par traz consigo uma dupla definição que corresponde à representação dos modelos maternal e paternal aprendidos e triangulados, enquanto criança, na família de origem. A comunicação conjugal triangula-se, em grande parte, à parentalidade, do mesmo modo que os comportamentos da criança dizem respeito, no essencial, às parentalidades dos seus pais (Relvas, 1996, p. 87). A autora explica, contudo, que se tal não acontecer, pode facilitar o mecanismo de fenómenos disfuncionais como as coligações intergeracionais ou a parentificação de uma das crianças.

Para Moro (2005) a parentalidade constrói-se com componentes complexos, sendo alguns deles colectivos, pertencendo à sociedade como um todo, mudando com o tempo, sendo históricos, jurídicos, sociais e culturais. A autora descreve outros elementos mais particulares, conscientes ou inconscientes, pertencendo a cada um dos dois pais enquanto indivíduos, à relação conjugal e à própria história familiar do pai e da mãe. Moro (2005) refere que está em jogo o que é transmitido e o que é escondido, especialmente os traumas infantis e a maneira como cada um deles é contido.

Para Relvas (1996), a parentalidade organiza-se a partir do ajustamento/articulação entre as quatro definições presentes no par conjugal transformado em parental, num processo que integra, ainda três outros aspectos: - a interacção com a realidade da criança que não é um elemento passivo, participando com as suas competências e características próprias na modelação desta função; - a relação com as famílias de origem; - as expectativas sócio-culturais e familiares acompanham o seu nascimento.

Para Relvas e Lourenço (2007, cit. *in* Canavarro, 2007), a única “escola” é aquela em que os pais foram “professores”, tendo eles a consciência das suas inaptidões, falhas ou simplesmente imperfeições, que de uma forma saudável vamos compreendendo, contudo isto não quer dizer que não se repita os modelos parentais que nos foram transmitidos.

## 8. O Processo de Perda e Luto no Sistema Familiar

O luto é a dor de uma perda tão impossivelmente dolorosa, semelhante ao pânico, que têm que ser inventadas maneiras para se defender contra a investida emocional do sofrimento. (Sanders, 1999; pág. 3)

Segundo Walsh e McGoldrick (1998, cit. *in* Sutcliffe, Tufnell & Cornish, 1998), do ponto de vista sistémico, a morte na família envolve múltiplas perdas, como a perda da pessoa, a perda de papéis e de relações, a perda da unidade familiar intacta e a perda de esperanças e sonhos por tudo o que poderia ter sido.

De acordo com Brown (1995, cit. *in* Carter & McGoldrick, 1995), não só o impacto da morte, no sistema familiar, é normalmente intenso e prolongado, como também os seus resultados não são habitualmente reconhecidos pela família como estando relacionados com a perda, podendo levar a uma ruptura no equilíbrio familiar. Para o autor, o grau de ruptura para o sistema familiar depende de diversos factores, destacando-se o contexto social e étnico da morte; o historial de mortes anteriores na família; a altura da morte no ciclo de vida; a natureza da morte ou da doença grave; a posição e função da pessoa no sistema familiar; e a abertura do sistema familiar.

Walsh e McGoldrick (1998) sublinham que a perda é um poderoso acontecimento nodal que abana a fundação da vida da família, sendo o significado de uma determinada perda e as respostas moldados essencialmente pelo sistema de crenças da família, o qual, por sua vez, é modificado por todas as experiências de perda. A capacidade de aceitar a perda, para os autores, está no cerne de todas as competências nos sistemas familiares saudáveis, no entanto, há desafios adaptativos cruciais na família que, se não forem ultrapassados, deixam o sistema familiar vulnerável à disfunção e aumentam o risco da dissolução do mesmo.

Os autores apontam assim para duas tarefas principais, que tendem a promover a adaptação imediata e a longo prazo do sistema familiar e a fortalecer a família como uma unidade funcional, traduzindo-se pela aceitação partilhada da realidade da morte e experiência partilhada da morte, onde todos os membros têm de se confrontar com a realidade de uma morte na família; e pela reorganização do sistema familiar e reinvestimento noutras relações e no seguimento da vida (este processo de recuperação envolve um realinhamento das relações e uma redistribuição dos papéis necessários para compensar pela perda, amortecer o stress transaccional e prosseguir com a vida familiar).

## Capítulo II – A Violência na Família

Porque o tema principal do estudo foca o crescimento e desenvolvimento de um indivíduo em meio sociocultural adverso, nomeadamente em meio familiar, torna-se importante salientar esse mesmo ponto, explorando alguns conceitos sobre tipos de violência familiar, bem como as origens dos vários tipos de violência na família e a definição de famílias multiproblemáticas.

### 1. Considerações sobre a Violência

Apesar de a família ser vista como um local de realização afectiva, de compreensão recíproca e de segurança, diversos estudos empíricos revelam que, pelas suas características de intimidade, privacidade e crescente isolamento, ela está a tornar-se, cada vez mais, como um sistema que tende a ser conflituoso (Corsi, 1995, cit. *in* Alarcão, 2002).

Alarcão (2002) refere que o poder e o género são dois elementos importantes da organização da estrutura familiar e a sua consideração parece inegável quando pretende compreender-se a violência familiar. Corsi (1995, cit. *in* Alarcão, 2002) revela que na avaliação potencial de violência, numa família, é importante atender aos seguintes aspectos: grau de verticalidade da estrutura familiar, grau de rigidez das hierarquias, crenças em torno da obediência e do respeito; crenças em torno da disciplina e do castigo; grau de adesão a estereótipos de género e ao grau de autonomia relativa dos membros.

A tabela que se segue resume todas as formas de violência familiar.

Formas de Violência	Tipos de Abuso
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas Activas:</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Abuso Físico</li> <li>○ Abuso Emocional</li> <li>○ Abuso Sexual</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas Passivas:</li> </ul>	
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Crianças Testemunhas de Violência</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Abandono Físico</li> <li>○ Abandono Emocional</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Mau Trato da Mulher</li> <li>• Violência Cruzada</li> <li>• Mau Trato do Homem</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Abuso Físico</li> <li>○ Abuso Emocional</li> <li>○ Abuso Sexual</li> <li>○ Outras Formas de Abuso</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas Activas:</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Mau Trato Físico</li> <li>○ Mau Trato Emocional</li> <li>○ Abuso Financeiro</li> </ul>
<ul style="list-style-type: none"> <li>• Formas Passivas:</li> </ul>	
	<ul style="list-style-type: none"> <li>○ Abandono Físico</li> <li>○ Abandono Emocional</li> </ul>

Tabela II – Formas de Violência Familiar

(Adaptado de Corsi, 1995, cit. *in* Alarcão, p. 300)

## 2. Mau Trato Infantil

Alarcão (2002) explica que o mau trato infantil cobre toda e qualquer acção ou omissão (dos pais ou substitutos), não accidental, que impeça ou ponha em perigo a segurança dos menores e a satisfação das suas necessidades fisiológicas e psicológicas básicas. A autora ainda explica que, a longo-prazo, as consequências mais assinaladas são o comportamento agressivo e delinquente do adolescente, o consumo de álcool e de drogas, as fugas de casa, as tentativas de suicídio ou outros comportamentos auto-agressivos, assim como sintomas depressivos, psicossomáticos e ansiosos.

Para Graham-Bermann (1998, cit. *in* Sani, 2006), as crianças expostas à violência parental têm mais problemas comportamentais, exibem afecto significativamente mais negativo, respondem menos apropriadamente às situações, mostram-se mais agressivas com os pares (e. g., situações de bulling) e têm relacionamentos mais ambivalentes com as pessoas que delas cuidam do que as crianças de famílias não violentas.

Nas vítimas de abuso sexual, Rodrigo e Palacios (1998, cit. *in* Alarcão, 2002) ainda refere sentimentos de insatisfação, culpabilidade e ansiedade sexual, com evitamento, baixa auto-estima e evitamento de contacto sexual ou comportamento promíscuo.

## 3. Violência Conjugal

Segundo Alarcão (2002), a violência conjugal engloba todas as situações de abuso que ocorrem, de forma cíclica e com intensidade crescente, entre os cônjuges. Este tipo de violência inclui vários tipos de abuso, que de acordo com a autora, no abuso emocional há insultos, gritos, críticas permanentes, desvalorização, ameaças que podem levar à instalação de um quadro depressivo e ao suicídio. No abuso sexual, a mesma autora refere que todos os actos sexuais realizados contra a vontade do parceiro, incluindo a violação estão presentes. Em relação à violência recíproca cruzada, seja verbal ou física, é necessário observar-se uma simetria dos ataques e paridade de força física e psicológica entre o homem e a mulher.

Walker (1979, cit. *in* Angelim, 2004), defende a existência de três fases: construção da tensão (começam os incidentes menores, uma tendência a considerar os fatos como se estivessem sob controle e uma aceitação por meio de explicações racionalizadas); tensão

máxima (ocorre o descontrole da situação e as agressões são levadas ao extremo, há reconfiguração da dinâmica relacional, podendo surgir separação, intervenção de terceiros ou manutenção da relação violenta), lua-de-mel (ocorre uma reestruturação do relacionamento, o agressor relata desejo de mudança, promessa de que não ocorrerá mais violência e restabelece a relação conjugal). Com o tempo, devido à dinâmica e ao desgaste relacional, tende-se a iniciar um novo ciclo.

Alarcão (2002) chama ainda a atenção para outros dois tipos de violência conjugal, a que chama de microviolência da desqualificação (discurso desqualificador que anula o outro, não apenas no seu discurso verbal ou no comportamento manifesto, mas sobretudo na sua própria essência) e a traição conjugal.

#### 4. A Origem da Violência Familiar

Em relação à violência familiar, segundo Alarcão (2002), o modelo sistémico insiste na importância de equacionarmos o problema no contexto total, significativo, das relações geradas em torno desse mesmo problema.

De facto, Cirillo e Di Blasio (1991) identificaram algumas redundâncias, relacionadas com maus tratos infantis, que organizaram em duas categorias, sendo a primeira caracterizada com um progenitor sobretudo negligente, não cumprindo com a sua tarefa de cuidar, proteger e criar os seus filhos. Na segunda categoria, os autores explicam que há um contexto de “conflito conjugal” e que a criança (geralmente com mais de 2 anos) alia-se a um dos progenitores contra o outro.

Cirillo e Di Blasio (1991, cit. *in* Alarcão, 2002, pp. 311 e 312), tentando esclarecer a posição da criança no desenvolvimento deste processo de mau trato, estimam que esta mesma decorre através de quatro etapas importantes. Na primeira etapa, “conflito de casal”, é descrita por oposição constante e sistemática entre os cônjuges, com rupturas mais ou menos breves e por sucessivas ameaças de separação que alternam com sucessivas reconciliações. Na segunda etapa, a de “inclinação dos filhos”, a situação do conflito perpetua-se, ocasionando a criança a tomar partido por um dos progenitores. Com a terceira etapa, a de “coligação activa do filho”, começa realmente a ser desenvolvida a hostilidade activa para com o outro progenitor. Para a

quarta etapa, chamada de “instrumentalização de respostas”, complexifica-se o jogo familiar, por a criança adoptar a posição de “instigador activo do mau trato”.

De acordo com Graham–Bermann (1998, cit. *in* Sani, 2002), a criança não é simplesmente um recipiente passivo das influências da família, mas um ser activo e reactivo, agente participante das transacções familiares. Por isso, as reacções da criança à violência interparental, de acordo com Sani (2002) podem ser uma função, entre outras, das suas características pessoais, acrescidas pelo significado construído pelas crianças acerca da violência, e as crenças sobre os relacionamentos com outras pessoas, acerca da família e do seu desenvolvimento do sentido do self.

Para Koller (1999) a experiência de conviver com a violência, desde tenra idade, faz com que esta seja percebida como algo natural e esperado nas relações. Essa aprendizagem acontece a partir da vivência de relações abusivas, como actor, vítima e testemunha da violência nas relações familiares e sociais. A família, que deveria ser um contexto de protecção e desenvolvimento para as crianças, passa a aparecer no cenário do risco, como ambiente no qual ocorre o treino para a violência.

Loketek (cit. *in* Alarcão, 2002) debruça-se sobre as vítimas e o vitimador, referindo que no desenvolvimento da violência há sempre um jogo circular em que um comportamento provoca o outro. Explica ainda que, previamente ao acto violento, aparece no subsistema uma situação de pedido, vivido como exigência, que impede qualquer negociação e não existe ninguém, na família, que tenha interesse em aliviar essa ligação patológica; pelo contrário, existem os instigadores ou cúmplices, que se vêem beneficiados pela violência desse subsistema. Alarcão (2002) refere ser importante atender ao triângulo vitimador-vítima-instigador, para uma melhor leitura da violência.

Ferrari e Vecina (2002) sugerem que existe com frequência uma cristalização em relação aos lugares de quem foi vitimizado e o agente da agressão, podendo estes lugares serem mantidos pelas mesmas pessoas por vários anos.

Para isso, o modelo ecológico de Corsi é apresentado, como um exemplo entre vários outros modelos, para uma melhor apreciação da leitura da violência familiar.

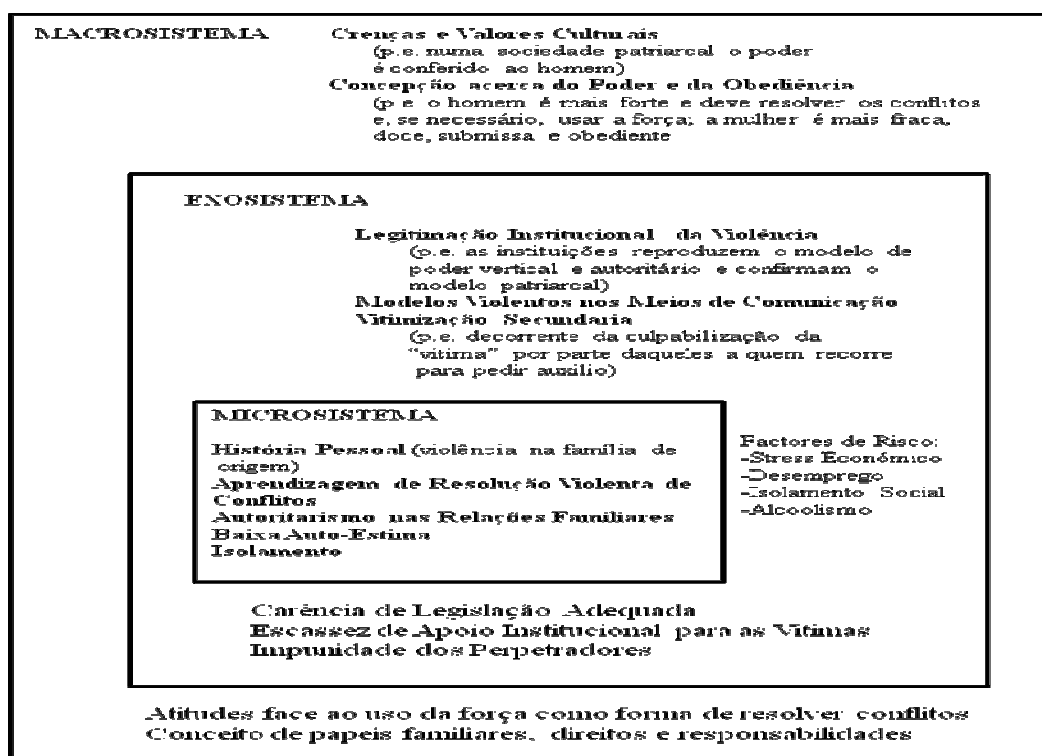


Figura II – Modelo Ecológico de Violência Familiar

(Adaptado de Corsi, 1995, cit. in Alarcão, 2002, p. 315)

Corsi (1995, cit. in Alarcão, 2002) afirma, como se pode ver na Figura II, que a realidade que só se constrói e se desenvolve no microsistema tem não só a ver com as características dos elementos que o compõem e com a totalidade que ele forma, mas é também influenciada pelas características do exosistema e do macrosistema. Ao nível do exosistema, há factores de risco que podem amplificar o comportamento violento ainda que, por si sós, não sejam suficientes para os desencadear.

## 5. Conceito de Família Multiproblemática

Alarcão (2002) verificou que dada a diversidade de problemas apresentados e de pessoas atingidas, estas famílias são normalmente assistidas por uma corte de serviços, num equilíbrio inter-sistémico que tem que ser considerado para que os próprios comportamentos e relações evidenciadas ganhem sentido. A autora explica ainda que dada a importância dessa

multiassistência no desenvolvimento das famílias multiproblemáticas estas são também muitas vezes assim chamadas.

Aponte (cit. *in* Alarcão, 2002) compreendeu as famílias multiproblemáticas como “famílias sub-organizadas”, esclarecendo as suas características disfuncionais no plano estrutural, devido a graves lacunas ou carências no desempenho de papéis parentais.

Cancrini, Gregório e Nocerino (1997, pp. 52 e 53) propõem seis critérios de identificação de uma família multiproblemática: presença simultânea de dois ou mais elementos do mesmo sistema familiar com comportamentos problemáticos estruturados, estáveis no tempo e suficientemente graves para exigir uma intervenção externa; grave insuficiência na assunção, por parte dos pais, das actividades funcionais e afectivas necessárias ao adequado desenrolar da vida familiar; reforço recíproco entre o primeiro e segundo aspectos; labilidade das fronteiras, própria de um sistema caracterizado pela presença de profissionais e de outras figuras externas que substituem parcialmente os elementos incapazes; estruturação de uma relação de dependência crónica da família face aos serviços externos e vice-versa, criando as condições para o desenvolvimento de um equilíbrio inter-sistémico e o desenvolvimento de comportamentos sintomáticos característicos, tais como a toxicodependência do tipo D (sociopática).

Sousa e Ribeiro (2005), comparativamente a estes critérios, referem duas abordagens relativas às competências nestas famílias. Linares (cit. *in* Sousa & Ribeiro, 2005), descreve a hipótese compensatória, ao sugerir que alguns mecanismos correctores partem, paradoxalmente, da desarmonia conjugal, introduzindo um factor de relativização na deterioração parental quando, por vezes, o desacordo entre os pais abre fissuras por onde pode fluir a protecção e nutrição emocional dos filhos. O autor ainda refere que esta hipótese compensatória verifica-se, igualmente, quando a desarmonia parental e conjugal têm a qualidade de facilitar e promover a intervenção externa (informal e formal).

Madsen (1999, cit. *in* Sousa & Ribeiro, 2005), por sua vez, sublinha que estas são famílias multi-stressadas, pois vivem momentos de stress normativo e não normativo frequentes e, até, simultâneos. Para o autor, a necessidade de responderem a sucessivas crises, procurando novas soluções para recentes circunstâncias, dá-lhes a aparência de caóticas e instáveis, mas revela, ao mesmo tempo, a preocupação em procurar soluções, demonstrando capacidade de resolver problemas.

### Capítulo III - A Transgeracionalidade no Sistema Familiar

O impacto da herança das gerações anteriores na geração actual é, de tal forma, significativo, que poderá prosseguir para as gerações futuras como impressões digitais, marcas de um sistema familiar que, sendo este saudável ou disfuncional, revela-se nos vários aspectos da vida do indivíduo. No presente estudo de caso, esse impacto é notório e verosímil, sendo importante destacar alguns aspectos deste padrão de dinâmica familiar, através de autores como Murray Bowen, Ivan Boszormenyi–Nagy e Carl Whitaker.

*«Cada um de nós é portador de um mandato transgeracional: podemos dizer que a nossa "árvore da vida" mergulha as suas raízes na terra molhada, no sangue que os ferimentos provocados pelos conflitos infantis dos nossos pais fizeram correr. Entretanto, essas raízes podem deixar a árvore da vida desabrochar quando elas não estão escondidas nas profundezas da terra, e portanto inacessíveis.»* (Lebovici, 1995, cit. in Moro, 2005, p 263).

#### 1. Modelo Familiar de Bowen

Para compreender melhor o modelo de Bowen, torna-se necessário distinguir certos conceitos do autor. Para Bowen (1988, cit. in Brown, 1999), a fusão emocional na família ocorre quando as escolhas individuais são postas de lado com o objectivo de adquirir harmonia com o sistema, através de um sentido de responsabilidade para com as reacções dos outros ou do corte emocional da tensão gerada na relação, sendo que quanto maior for a tendência familiar para a fusão, menor será a flexibilidade para se adaptarem ao stress.

Em relação à diferenciação do self, o autor (1978) descreve-a como a capacidade do indivíduo funcionar de forma autónoma, tomando ele próprio as suas decisões, mantendo, no entanto, a ligação emocional ao significado do sistema relacional familiar, dependendo o nível de diferenciação do self de diversos factores, tais como o nível de stress, as diferenças individuais derivadas das reacções de diferentes stressores e o grau de contacto individual para com toda a sua família.

O triângulo é descrito por Bowen (1988, cit. in Brown, 1999) como uma pequena unidade relacional, que ocorre quando um stress inevitável numa díade é libertado pela

participação de um terceiro elemento vulnerável, que toma posição preferencial num dos outros dois elementos ou cria um atalho para o stress (por exemplo: filhos, trabalho). De acordo com Bowen (1988, cit. *in* Brown, 1999), com o stress, este processo alimenta-se a si próprio, gerando novos triângulos para fora do sistema (comunidade, membros da família, médicos, professores, terapeutas, etc.) possibilitando que os triângulos se repitam pelas gerações seguintes, ocorrendo, por exemplo, quando um elemento da relação parte ou morre, outro elemento poderá ser levado a ocupar esse lugar, repetindo esse papel (por exemplo: vítima, vilão, ovelha negra).

### 1.1. Processo De Projecção Familiar

De acordo com Bowen (1988, cit. *in* Brown, 1999), o processo de projecção familiar descreve como as crianças desenvolvem sintomas quando são apanhadas pelo stress relacional da geração anterior, ocorrendo este acontecimento quando a criança responde de forma ansiosa à tensão da relação parental. Segundo o autor, um triângulo deteriorado é posto em movimento, onde a atenção e a falta de protecção são deslocados para a criança. Dentro deste ciclo de ansiedade recíproca, a criança torna-se mais exigente ou mais disfuncional, como por exemplo, quando a doença de uma criança distrai um pai do investimento da relação conjugal, à medida que a tensão é libertada na relação conjugal, ambos os cônjuges tornam-se investidores em tratar da condição de saúde da criança podendo tornar-se crónico ou psicossomático.

Bowen (1988, cit. *in* Brown, 1999) sublinha que a projecção intergeracional ocorre em todas as famílias, variando no grau de projecção, podendo muitas influências intergeracionais determinar se a criança se tornará o foco do stress familiar e em que estágio do ciclo de vida é que isso poderá ocorrer. O autor revela que o impacto das crises e o tempo que duram influenciam a vulnerabilidade de determinada criança, considerando os eventos traumáticos como sendo mais significativos no ênfase dos processos familiares do que a origem desses mesmos eventos.

## 1.2. Corte Emocional

Bowen (1988, cit. *in* Brown, 1999) descreve o corte emocional como a forma com que um indivíduo gere a intensidade da fusão entre as gerações, podendo este ser feito através da distância física ou através de formas de distância emocional. O autor descreve que viver longe da família, por exemplo, é visto como parte da diferenciação (membros familiares adultos que seguem objectivos independentes aos mesmo tempo, reconhecendo que são parte do seu sistema familiar), mas o corte é comparado a uma fuga, em que um indivíduo decide ser completamente diferente da sua família de origem.

Se alguém não se vê como parte do sistema, as suas únicas opções são encontrar outros para mudar ou continuar distante emocionalmente (Kerr & Bowen, 1988, p 272 e 273). A hipótese central da teoria de Bowen (1978) é que quanto mais as pessoas mantêm o contacto emocional com a geração anterior, menos reactivas serão nas relações actuais. Contrariamente, para o autor, quando há corte emocional, o grupo familiar actual pode experienciar pressão emocional intensa em válvulas de escape efectivas. Esta tensão familiar é como “pisar ovos”, com questões que se mantêm pode resolver por causa do corte, continuando a ser evitadas. O triângulo facilita o atalho, já que os membros da família ajudam os outros a partir da sua própria posição em relação ao corte.

## 1.3. Processo de Transmissão Multigeracional

Bowen (1978) descreve o processo de transmissão multigeracional como os padrões, temas e papéis no triângulo que são passados de geração em geração, da projecção do pai para a criança. O autor explica que o impacto será diferente para cada criança, dependendo do grau de fusão do triângulo que tem com os pais. Bowen foca-se, pelo menos, em três gerações da família no que toca a lidar com o sintoma presente.

Através do que se aprende sobre a família e sabendo o que estimula os membros da família, como se relacionaram e onde encalharam, pode-se considerar o seu próprio papel não simplesmente como vítima ou reactor às suas experiências, mas um jogador activo nas interacções que são repetidas pelos mesmos. (McGoldrick, 1995, p 20)

## 2. Modelo Contextual da Família de Boszormenyi – Nagy

Boszormenyi–Nagy e Spark (1973) usaram termos como *legado* e *lealdade*, com a intenção de enfatizar que os membros da família adquirem inevitavelmente um conjunto de expectativas e um código de responsabilidade em relação aos outros. As famílias mantêm uma espécie de “livro de contabilidade familiar”, um sistema contável multigeracional de quem, psicologicamente falando, deve o quê a quem. Os autores descrevem que sempre que ocorrem injustiças, existe uma expectativa de restituição ou de um pagamento posterior. Os problemas nos relacionamentos dão-se quando a justiça faz-se muito lentamente ou numa quantidade mínima para satisfazer a outra pessoa. Visto desta perspectiva, o comportamento disfuncional, de qualquer indivíduo, não pode ser compreendido sem que se observe a história do problema e sem que se examinem contas que não foram ajustadas ou devidamente anotadas.

Boszormenyi–Nagy e Krasner (1981) sugerem que se compreende melhor as famílias em termos de lealdade (quem está ligado a quem, o que se espera dos membros da família, como a lealdade se expressa) quando as contas relativas à mesma estão desequilibradas.

Várias noções, que descrevem este modelo, são apresentadas de forma a ilustrar o contexto transgeracional na família. A *ética relacional*, segundo Boszormenyi–Nagy (1965, cit. in Sexton et al., 2003), designa que os membros da família têm um dever no sentido de serem imparciais nos seus relacionamentos através do conhecimento das suas obrigações e serem responsáveis pelas consequências dos seus comportamentos; assim como o mérito ou crédito relacional acumulado por um determinado indivíduo é referido como resultado da concretização dos seus deveres éticos para com os outros membros da família, mais visível no balanço nas relações pais-filhos, este mérito pode ser acumulado através das gerações. Por sua vez, o *débito* é considerado por Boszormenyi–Nagy (1965, cit. in Sexton et al., 2003) como o fracasso no conhecimento dos deveres éticos para com os outros membros da família que resulta na acumulação de dívidas acrescentadas, enquanto o *relatório de contas* é um termo usado para denominar as contas acumuladas de créditos e débitos nas relações familiares, sendo este o balanço do que foi dado e pago.

A *lealdade intergeracional*, segundo Boszormenyi–Nagy (1965, cit. in Sexton et al., 2003), equivale aos compromissos emocionais e obrigações/deveres para com a família de origem e para com a dinâmica geral, que pode cruzar múltiplas gerações e que envolve ligações preferenciais a figuras relacionais. É importante notar que as lealdades verticais

devem ser equilibradas com as lealdades horizontais (parceiro). Por sua vez, as *lealdades invisíveis* ou indirectas, de acordo com Boszormenyi–Nagy e Krasner (1986), são apresentadas através de atitudes e comportamento associados com relacionamentos passados que bloqueiam compromissos num relacionamento actual. Por exemplo, um compromisso inconsciente com um pai ou os dois pode bloquear um compromisso com o parceiro conjugal.

O *legado*, segundo Boszormenyi–Nagy e Krasner (1986), refere-se às expectativas associadas aos relacionamentos entre pai e filho decorrentes da história familiar. A geração actual tem o imperativo para decidir o que é benéfico para a posterior qualidade de vida e sobrevivência. A *conta intergeracional* monitoriza a concretização das obrigações efectuadas a *priori* e nas gerações seguintes, incluindo parceiros conjugais, que orienta e mantém os membros dentro do sistema.

Finalmente, para Boszormenyi–Nagy e Spark (1973) a *parentificação* ocorre quando a criança é submetida a responsabilidades maiores do que as que são apropriadas para a sua idade, tais como o papel de cuidador para com um dos pais, ou os dois, ou dos irmãos. Este resultado pode ser positivo e negativo. Este papel serve não só difundir o stress conjugal, como aumentar o poder da criança na família. Raras vezes, nestes casos, há rivalidade entre irmãos, contudo a criança parentificada tem maior vulnerabilidade para incidentes de incesto ou abuso físico.

### 3. Modelo Simbólico-Experiencial de Carl Withaker

Este modelo, segundo Withaker (1982, cit. in Roberto, 1992), baseia-se na ideia de que o conhecimento de valores, crenças, e necessidades de cada indivíduo são criadas na família de origem, através da experiência da partilha de pensamentos e da dinâmica emocional entre os membros. As experiências são interiorizadas, no sentido psicodinâmico, através do processo de identificação, e formula a base para expectativas sobre as relações mais próximas. Desde a infância que estas experiências são vividas, ocorrendo desde a fase pré-verbal, com base emocional, por serem experiências simbólicas, que são completamente ou não explícitas.

Em relação ao factor da transgeracionalidade, Whitaker (1988) refere que os conflitos de valores numa determinada família, por serem extremamente rígidos ou ainda enraizados

nos costumes do passado, tendem a permanecer por várias gerações e serem libertados numa geração posterior, pela sua posição na família, características biológicas, e/ou circunstâncias de nascimento. Este processo ocorre por essa geração em especial ser mais persistentemente monitorizada, criando outros factores de stress relacional conjugal e familiar, tornando-se indivíduos com exigências emocionais mais difíceis de cumprir. As consequências e preocupações sobre stressores transgeracionais paralelos focam-se no sintoma enviado, sendo este processo denominado de “*bode expiatório*”.

Para Withaker (1982, cit. in Roberto, 1992), a família nuclear integra e modifica características da família materna e paterna de origem para produzir o sentido de identidade familiar. Apesar de haver compromissos em determinadas alturas com a família alargada, limites permeáveis permitem apoio às famílias alargadas durante esse tempo sem criar stress no sistema nuclear (conjugal e parental). O autor refere que o stress transgeracional pode existir por causa da presença de mitos destrutivos ou legados familiares (tradições), o que submete os membros da família às necessidades e perdas da geração anterior. Este processo cria pressão no sentido de manterem-se leais às crenças e práticas do passado, em vez de adaptarem as crenças familiares às condições do presente.

## **Capítulo IV - Estudo empírico**

### **1. Metodologia Qualitativa**

Segundo González Rey (1999, pp. 37 a 40), as três principais características da epistemologia qualitativa são: o conceito do conhecimento ser uma produção construtiva-interpretativa (pela necessidade de dar sentido às expressões do sujeito estudado cuja significação para o problema estudado é somente indirecta e implícita); o carácter interactivo do processo de produção do conhecimento (enfatiza não só que as relações investigador-investigado são uma condição para o desenvolvimento das investigações nas ciências humanas, mas também que o interactivo é uma dimensão essencial do processo de produção de conhecimentos, um atributo constitutivo deste processo no estudo dos fenómenos humanos); e a significação da singularidade como nível legítimo de produção do conhecimento (a afirmação da singularidade na investigação da subjectividade reveste de uma importante significação qualitativa, que nos impede identificá-la com o conceito de individualidade. A singularidade constitui-se como realidade diferenciada na história da constituição subjectiva do indivíduo).

Na concepção de Almeida e Freire (1997), integram-se na investigação qualitativa as dimensões internas do sujeito, grupo ou organização, ou os seus aspectos não directamente observáveis nem susceptíveis de experimentação. Os autores referem ainda o reconhecimento de que as pessoas interagem em função dos significados que as coisas, as pessoas e as condições têm para elas, sendo tais significados produzidos pela própria interacção e interpretação do sujeito.

### **2. Objectivos do estudo**

O objectivo principal deste trabalho é, como já foi referido anteriormente, perceber a vivência de um sujeito num sistema familiar disfuncional e violento, fazendo uma análise do efeito que tal disfuncionamento afecta na sua formação enquanto pessoa e na estrutura da sua personalidade, em suma, na sua existência, na sua vida. Compreender a globalidade e a

percepção dos fenómenos observados numa determinada vivência, e reproduzir a realidade estudada.

Almeida e Freire (1997) referem a metodologia qualitativa como uma forma de busca pela globalidade e a compreensão dos fenómenos, visando o seu cariz indutivo, holístico e ideográfico, estudando a realidade sem a fragmentar ou descontextualizar, partindo da explicação, particularmente, dos próprios dados e não de teorias prévias, e situando-se mais nas singularidades do que na obtenção de leis gerais.

### 3. Método

O método escolhido na investigação qualitativa é o estudo de caso, de um sujeito com uma história de vida característica, que permite um contacto com uma realidade diferente, e ao mesmo tempo, singular. Segundo Almeida e Freire (1997) o estudo de caso visa geralmente à observação de fenómenos raros, mais ricos e importantes do ponto de vista da informação contida, para questionar uma dada teoria ou contrapor teorias, para explorar uma hipótese ou uma metodologia de análise.

Yin (2005) sustenta a ideia de que o método do estudo de caso apresenta uma vantagem comparativa sobre os demais métodos quando se pergunta “*como?*” e “*por quê?*” a respeito de uma série de eventos contemporâneos sobre os quais o pesquisador tem pouco ou nenhum controle. Para Creswell (1997), o método de estudo de caso é escolhido para estudar um caso com fronteiras bem definidas. O autor ainda destaca a importância do acesso a materiais contextuais, bem como de um conjunto amplo de informações que permitam ao pesquisador uma descrição profunda e detalhada do caso.

### 4. Sujeito

O nome utilizado para identificar o sujeito, objecto de estudo, é “J.P.”, tem 29 anos e é do sexo feminino. A sua caracterização física descreve uma mulher de estatura média, cabelos louros e olhos escuros, com uma expressão corporal e facial tranquila. É actualmente divorciada, mora em Vila Nova de Gaia e trabalha como técnica de apoio ao cliente no serviço de pós-venda de uma superfície comercial. Os contactos com a “J.P.” foram feitos na

Maternidade Júlio Dinis, do Centro Hospitalar do Porto (segue em anexo a descrição da Entidade), desde Novembro de 2007 a Setembro de 2008. Foi apresentado o intento da monografia à “J.P.”, esclarecendo todos os objectivos e procedimentos da mesma, tendo sido aceite e assinado o Consentimento Informado pela própria (segue em anexo).

A “J.P.” foi encaminhada para a consulta de Psicologia, a 26 de Novembro de 2007, a pedido da própria na Entrevista de Triagem de Pais em risco da Neonatologia, na Maternidade Júlio Dinis, após o nascimento da sua filha, prematura, com 28 semanas e muito baixo peso (760 gramas). O seu estado emocional era instável e demonstrava poucas expectativas sobre a sobrevivência da filha, além da pouca vontade de a conhecer e de lhe tocar. Após esclarecimento sobre os possíveis riscos e expectativas, pela pediatra, a “J.P.” passou a estar mais tempo junto da filha e a interessar-se por todos os cuidados que prestavam à filha. Apresentou-se num registo de associação entre o bebé que nasceu e um que perdeu há 5 anos, derivado às mesmas complicações na gravidez. A “J.P.” foi diagnosticada com trombose na placenta, situação que provocou a paragem de crescimento fetal nos dois casos, por diminuição de produção de líquido amniótico e fraca passagem sanguínea pelo cordão umbilical. A sua filha faleceu 16 dias depois do nascimento, na madrugada do dia 10 de Dezembro de 2007, com uma hemorragia pulmonar. Aquando da estadia da filha na Neonatologia apresentou-se mais interessada, investindo na vinculação com a filha. Com a notícia do falecimento, a “J.P.” revelou choque, mas conseguiu despedir-se dela, pegando-a ao colo e beijando-a. Afirmou não a querer esquecer, revivendo momentos de interacção entre ela e a filha e emocionando-se quando descrevia como a filha lhe sorria e reagia ao seu nome.

Esta gravidez foi desejada e planeada, contudo foi fruto de uma relação na qual a “JP” se sentia pouco confortável e apoiada. Referiu a relação com o companheiro como superficial, sentindo-se sozinha. Possui uma história de família desestruturada, com ausência de apoio familiar. Apontou episódios de extrema violência com o pai durante toda a infância e adolescência e encara a sua mãe como a pessoa que a abandonou. Vê os pais como um espelho, que reflecte tudo o que ela não quer ser. Nesta fase, vivia com o companheiro, encontrando-se desempregada.

Não apresenta história psicopatológica, contudo a mãe sofre de perturbação psicopatológica (desconhecida a tipologia) e é portadora do vírus da SIDA, sendo actualmente acompanhada na consulta de psiquiatria do Hospital de S. João.

É notória a baixa auto-estima da “J.P.”, aliada à necessidade de gratificar os outros, com dinheiro e bens, para se sentir amada. Este último facto promoveu conflitos com a sua mãe, irmãos e companheiro. Como projectos futuros, pretende abrir um negócio de restauração e comprar uma casa.

Actualmente, trabalha no serviço pós-venda de uma empresa, tem casa própria e já não se encontra com o companheiro.

## 5. Procedimentos

De acordo com Yin (2005), os dados para estudos de caso podem ser recolhidos através de diversas formas e, para utilizar cada uma dessas fontes, são necessários procedimentos metodológicos distintos, tais como: documentos e publicações, estatísticas em arquivo, entrevistas, observação directa, observação participativa e objectos / artefactos.

Foi feita a recolha de informação sobre a história de vida, não só durante as entrevistas, como também através de anotações que a “J.P.” fez no intervalo das consultas. O período de recolha de informação deu-se entre Dezembro de 2007 e Junho de 2008. Aplicou-se ainda o Rorschach, o M.M.P.I. 2 e o T.A.T. para avaliação de personalidade, tendo sido administrados entre Abril e Setembro de 2008.

## 6. Instrumentos

Os instrumentos utilizados estão adaptados à investigação qualitativa, sendo eles a anamnese (uma narrativa cronológica da vida do sujeito, desde o nascimento até ao momento presente, focando também a história sexual e familiar do mesmo) e as provas de avaliação de personalidade, nomeadamente o teste projectivo Rorschach, o M.M.P.I. 2 e o teste projectivo T.A.T. que seguidamente serão apresentados.

O teste de Rorschach é uma prova projectiva criada pelo suíço Hermann Rorschach, em 1921. Esta prova é composta por 10 pranchas, apresentando diversos estímulos que se estruturam de modo diferente, facilitando a evocação de diferentes imagens mentais. O examinando deverá elaborar respostas a partir das imagens que lhe ocorrem, em função das suas experiências passadas e do seu modo pessoal de reagir e organizar as situações. Desta

forma, o Rorschach permite a avaliação dos processos psíquicos superiores tais como a memória, a atenção, a percepção, o pensamento, a emoção e a comunicação (mímica e verbal), indicando a combinação específica destes processos na prova a dinâmica de personalidade.

O inventário da personalidade de Minnesota Multiphasic (M.M.P.I.) é um teste utilizado para avaliar a personalidade, com o objectivo de identificar problemas pessoais, sociais, e comportamentais. O MMPI foi criado em 1942, na Universidade de Minnesota, por Starke. Hathaway e McKinley. A versão standardizada actual, o MMPI-2, foi liberada em 1989 e é indicada para adultos a partir dos 18 anos. A interpretação clínica da composição actual do instrumento centra-se em cinco grandes grupos, nomeadamente as escalas de validade, as escalas básicas, as escalas de conteúdo, as escalas suplementares e as subescalas. Os resultados do teste fornecem a informação relevante à identificação do problema, no diagnóstico, e no planeamento de tratamento para o paciente. O MMPI-2 tem 567 afirmações, ou perguntas, sendo respondidas com verdadeiro ou falso, sendo a duração da prova de 1 a 2 horas.

O teste projectivo T.A.T. (Thematic Apperception Test) foi criado em 1935, por Henry Murray e Christiana Morgan. Este teste é projectivo, e tem como objectivo analisar os padrões de pensamentos, atitudes, capacidades observacionais e respostas emocionais de determinado sujeito em relação aos estímulos apresentados. O T.A.T. é composto por um total de 31 cartões, divididos em três categorias diferentes: os aplicados ao sexo feminino, os administrados ao sexo masculino e os dirigidos a ambos os sexos. O teste projectivo T.A.T. (Thematic Apperception Test) é constituído por dez cartões, que revelam figuras humanas numa variedade de ambientes e situações, sendo dados 5 minutos para elaborar uma história para cada cartão, referindo os seguintes aspectos em cada história: o acontecimento actual, a origem do acontecimento, as personagens, destacando os seus pensamentos e sentimentos, e o desfecho da história.

## 7. Anamnese

### 7.1. História Familiar

A “J.P.” tem 29 anos, os seus pais são reformados, a sua mãe tem 62 anos, e o seu pai 71 anos.

A mãe da “J.P.” engravidou com 33 anos, já com uma filha de dois anos de idade, de outra relação, que foi acolhida pelo pai da “J.P.” como filha. O pai tinha 42 anos, era vendedor ambulante, já com 7 filhos do casamento anterior, facto que a mãe de “J.P.” desconheceu durante o início da relação, tendo o pai ocultado o seu passado familiar. Conheceram-se numa loja de fotografias e começaram a sair juntos. A certa altura o pai de “J.P.” pediu-lhe um filho, o que ela lhe assegurou se ele lhe arranjasse uma casa. Ele alugou-lhe um apartamento, assim como lhe montou um salão de cabeleireiro em casa e lhe deu muitos presentes. Nunca se casaram, tendo o pai de “J.P.” optado por fazer visitas regulares à sua companheira.

Durante a gravidez, a sua mãe foi descobrindo sobre a existência dos outros filhos do companheiro e também da ex-mulher, que certa vez lhe pediu para cuidar deles, por o ex-marido não ajudar os filhos, a filha mais velha teria 16 anos. Quando a “J.P.” nasceu, já existia uma terceira mulher, “Ana”, na vida do seu pai, uma adolescente de 16 anos que o seu pai mantinha, numa outra casa, sem o conhecimento da mãe da “J.P.” O seu nascimento foi sentido com desagrado pelo pai, visto ele querer um menino.

Entretanto a sua mãe voltou a engravidar, e só mais tarde descobriu a existência da “Ana”. Quando finalmente se conheceram como companheiras do mesmo homem, a mãe da “J.P.” acabou por permitir essa situação, por ter pena dela, por ainda ser uma criança. Cada uma vivia na sua casa, mas os pormenores desta vivência em comum passaram por usar os mesmos vestidos de gravidez, escreverem mensagens na roupa interior do companheiro, por este não saber ler e deixarem-lhe marcas de batom nas costas. Destas relações nasceram mais 5 crianças, três da mãe da “J.P.” e duas da “Ana”. Durante os anos que se seguiram houve várias relações afectivas paralelas por parte da mãe de “J.P.”, com conhecimento do seu companheiro, e permanência da relação entre ambos.

Os episódios de violência, por parte do pai de “J.P.”, eram constantes no sistema

familiar, não só para com as companheiras, como também para os filhos. Quando a “J.P.” tinha 10 anos, ela e os irmãos maternos foram para uma instituição de solidariedade por se encontrarem em risco, tendo lá ficado por 5 anos. A vivência em comum continuou por algum tempo, chegando a juntar as duas famílias por várias vezes, até haver uma separação oficial entre o casal, 15 anos após o início da relação. Contudo, de forma não oficial (sem a actual companheira saber), continuaram a ver-se por mais 10 anos.

A mãe da “J.P.” é caracterizada como uma pessoa que não se preocupa com os filhos, tendo por várias vezes, abandonado os mesmos em casa, privando-os de comida e outros cuidados por vários dias. Teve vários parceiros sexuais, além do pai da “J.P.”, tendo numa dessas relações contraído o vírus da sida. A relação com a mãe reside na ambivalência de investimento afectivo por parte da “J.P.”, tendo em conta que a sua mãe só lhe dá atenção enquanto ela lhe paga as suas contas. Actualmente, a mãe da “J.P.” vive com o filho mais novo.

O pai da “J.P.” é caracterizado por uma pessoa muito impulsiva e agressiva, com historial de violência para com as companheiras e filhos. É acusado pela ex-mulher de ser responsável pela morte do filho mais novo do anterior casamento, por negligência, facto que o mantém até hoje de relações cortadas com os outros filhos dessa antiga relação. Sempre manteve uma relação de desconfiança para com a “J.P.”, favorecendo os filhos da terceira relação em detrimento desta e dos outros irmãos. Sofre de diabetes e regularmente faz análises para saber se contraiu o vírus da sida, por até há pouco tempo ter mantido contacto sexual com a mãe de “J.P.”.

Os avós paternos da “J.P.” estavam já internados num lar antes de esta nascer, tendo falecido entretanto. O pouco contacto com os avós maternos deveu-se a uma má relação entre estes e a sua mãe, privando-a de estar com os avós. No entanto, a “J.P.” viveu com a avó materna, durante a infância, descrevendo-a como uma senhora má, que sempre tratou a filha e os netos como se fossem bastardos.

Houve a perda de um irmão, aos 22 anos, assassinado por atropelamento, devido a conflitos com terceiros. A “J.P.” recorda-se que o motivo da sua morte deveu-se a uma rixa com uns ciganos no bairro onde moravam, e que na noite do atropelamento, simplesmente esperaram que o seu irmão saísse de casa para o atropelarem. Mais tarde, o condutor do carro entregou-se à polícia, e actualmente está a cumprir pena por homicídio premeditado. Sentiu-se muito abalada com esta perda, por ter sido o irmão com quem tinha mais afinidades. Tinha

uma grande admiração por ele, por ter sido sempre uma pessoa íntegra e trabalhadora, destacava-se por essas qualidades, dentro de uma família onde não existia esse tipo de valores.

## 7.2. História Pessoal

### 7.2.1. Nascimento e Primeira Infância

A relação entre os seus pais, antes e após o seu nascimento, foi baseada numa relação superficial, com construção de uma família desestruturada, em que os pais nunca foram casados, mantendo o seu relacionamento em paralelo com outros. A “J.P.” não foi desejada, nem aceite, pelo pai, pois este queria um filho. Facto que precipitou para que a sua mãe voltasse a engravidar, desta vez nascendo o filho desejado pelo pai.

A “J.P.” não se lembra muito dos seus primeiros anos de vida, apenas de ainda muito pequena já cuidar dos irmãos mais novos, fossem da parte da mãe ou da outra companheira do seu pai. A mãe trabalhava em casa, no salão de cabeleireiro, e foi nesse mesmo local que a “J.P.” descobriu que a mãe tinha uma relação amorosa paralela, (encontrava-se de noite com outro homem). Teria uns 5 anos de idade quando isso aconteceu, em que ela e os irmãos ouviram barulho e foram todos espreitar. Aí observaram o encontro e, em seguida, a chegada do seu pai e da “Ana”, ele agrediu verbal e fisicamente o outro homem e a mãe da “J.P.” A sua mãe teve de se esconder durante um tempo, por causa das agressões, tendo, por isso, as crianças ficado com o pai e a “Ana”. Tem como recordação mais engraçada o facto de ter usado chucha até aos 6 anos, chegando ao ponto de tirar as chuchas dos irmãos mais novos para usar.

### 7.2.2. Infância

A “J.P.” recorda-se do seu primeiro dia de aulas, com 6 anos, acompanhada pelo pai e pela “Ana”. Gostava que a sua mãe tivesse estado presente, mas nessa altura ainda estava

escondida. Entretanto a “J.P.” voltou a viver com a mãe, coincidindo com o nascimento de mais um irmão.

Por volta dos 7 anos, a sua mãe começou a abandoná-los em casa, sem comida e fechados numa marquise, ausentando-se por alguns dias. O salão já não era rentável e o pai da “J.P.” não ajudava com as despesas, razões que levaram a sua mãe a abandoná-los propositadamente para que o seu companheiro lhe desse dinheiro. Estes episódios repetiram-se algumas vezes, a “J.P.” não tem noção do número de vezes que isso aconteceu. A “J.P.” e os seus irmãos foram sobrevivendo à custa da caridade de uma vizinha, que certa vez chegou a partir os vidros da marquise para poder dar-lhes leite e bolachas.

Entretanto, o seu pai foi buscá-los. Recorda que ela e 2 irmãos voltaram a viver com o pai, enquanto a mãe foi com a filha mais velha e o filho mais novo para uma instituição. A casa tinha só 2 quartos, sendo um total de 5 crianças a dormir no mesmo quarto, e a “J.P.” a única a dormir num pequeno colchão, no chão. A “J.P.” mudou também de escola, mas o que mais lhe custou foi não poder pronunciar o nome da mãe, não podia perguntar onde e como estava, o que era feito dos seus outros irmãos. O pai proibiu os filhos de falarem da mãe, agredindo-os se eles o fizessem.

Considerava o dia-a-dia na casa do pai diferente, ele passava o dia fora, a trabalhar, enquanto a madrasta cuidava deles. Os cuidados da “Ana” eram rudes, com episódios em que os obrigava a tomar banho de água muito quente ou fria, não se preocupando com elas. Certa vez, durante o banho, a “J.P.” queixou-se da água estar quente, tendo-a deixado na banheira toda nua, para quando o seu pai chegasse, tratasse dela. A “J.P.” lembra que estava cheia de frio e de medo do pai, mas que nunca imaginou que ele a fosse tratar tão bem. Ele deu-lhe banho, alimentou-a e levou-a para a cama, fazendo com que a sua madrasta ficasse muito aborrecida, por contar que ele fosse agredir a “J.P.”.

De noite, o casal costumava sair para ir ao café, ficando as crianças sozinhas, por várias horas. Como os seus irmãos não adormeciam logo, a “J.P.” tinha de cuidar deles, até o pai chegar. Certa noite, os seus irmãos foram ao quarto do pai e descobriram algum dinheiro, sem a “J.P.” saber. Passado uns dias, o seu pai deu por falta de 5 mil escudos e perguntou aos filhos quem tinha tirado o dinheiro. Os irmãos da “J.P.”, que não queriam ser castigados, disseram que tinha sido ela, e o seu pai agrediu-a. Os pormenores desta situação são violentos, o pai de “J.P.” tinha um chicote em casa, que usou para bater nos filhos, em especial na “J.P.”. Ela ainda tentou proteger um dos irmãos, quando o pai o empurrou contra a janela, pegando

nela e colocando-a fora da janela, do 5º andar, ameaçando-a de a largar se não confessasse. A violência foi tal que a “J.P.” ficou com um olho muito machucado e o seu pai ainda lhe espetou uma faca no pulso. A violência verbal também ocorreu, chamando-a de ladra e mentirosa, mesmo após a “J.P.” lhe dizer que não tinha roubado nada. Ainda sente hoje que, por causa dessa situação, o seu pai não confia em si. Nessa noite, o que a “J.P.” acredita terem sido remorsos, o seu pai deixou-a a ver televisão, e juntos viram um filme de terror.

Na manhã seguinte, quando foi para a escola, lembra-se de ter nevado nessa manhã, e lembrasse de o pai a ter obrigado a usar uns óculos de sol coloridos, para que ninguém visse o olho negro. Na sala de aula, foi questionada pela professora, que lhe tirou os óculos e viu como ela estava. O pai foi chamado à escola, mas não sabe o que se passou, pois nunca mais esse assunto foi referido. Pensa que ele terá inventado uma desculpa para ninguém o acusar.

Lembra-se, certa vez, de ter trocado o lugar onde dormiu com um dos irmãos, por este se ter magoado numa das brincadeiras, e que o seu pai a acusou de fazer “coisas” com o irmão, supostamente de cariz sexual, por ele estar na cama dela. A “J.P.” também se recorda de não ter tempo para brincar, por estar sempre a cuidar dos irmãos mais novos. Antes de ir morar com o pai, recorda-se, com estima, das festas que a mãe fazia em casa, dos banhos de mangueira que ela dava aos filhos, e aos amigos dos filhos, quando andava a lavar o pátio. Lembra-se de como a mãe se esforçava nos aniversários dos filhos e no Natal. Recorda ter muita liberdade, tanto para brincar na rua, como trazer os amigos para brincar. No verão, a sua mãe levava-os a colónias de férias, que a “J.P.” apreciava muito, pela brincadeira e pelos chapelinhos coloridos que usavam.

Entretanto, a mãe de “J.P.” iniciou um processo em tribunal para obter a custódia dos filhos, usando a filha mais velha para depor contra o companheiro. Com esta nova situação, a “J.P.” lembra-se de visitar a mãe em Coimbra. Numa dessas visitas, o pai ofereceu aos filhos umas sapatilhas, que a “J.P.” trocou com o irmão, por gostar mais das dele. Quando o seu pai viu o que tinham feito agrediu-os com tal violência, que ela e o irmão foram doridos e urinados, durante o caminho todo, para Coimbra. Como forma de evitar uma maior exposição em tribunal, o pai de “J.P.” entregou-lhe as crianças. Ficaram a morar em Rio Tinto, em casa da avó materna, onde estiveram cerca de dois anos. Durante esse período, contactou com uma avó severa, que tratava a filha como bastarda, dirigindo também esse comportamento para os netos. Lembra-se que faltava muito à escola, por ter de ficar com o irmão mais novo, tendo ela e os outros dois mais velhos de faltar à vez para ficar em casa. No 4º ano lectivo, ela e um

irmão chumbaram por faltas, tendo sido a primeira vez que isso aconteceu. Os companheiros que a mãe teve nessa altura foram vários, no entanto a relação com o pai da “J.P.” manteve-se. Destes companheiros da mãe, recorda-se de um que lhes dava comida, presentes e carinho. Lembra-se também de ver a G.N.R. em sua casa para ir buscar o irmão mais novo, para o levar para uma instituição. Mais tarde, quando tinha 10 anos, a sua mãe deu-lhe a escolher, bem como os seus irmãos, a instituição para onde queriam ir, porque ela já não conseguia cuidar deles. A “J.P.” foi para o Lar da Nossa senhora da Nazaré, em Candeias, com a sua irmã mais velha, onde já estava o irmão mais novo, enquanto os outros irmãos foram para o Lar Juvenil dos Carvalhos.

A sensação de revolta foi imensa, na “J.P.”, que passou só a ir a casa nas férias ou festas. Em relação à sua personalidade, considerava-se uma criança tímida, com sentimento de inferioridade em relação aos outros, lembrando-se que nas festas raramente comia por não se sentir à vontade, porque só queria estar em casa.

### 7.2.3. Adolescência

A “J.P.” esteve durante 5 anos internada no Lar da Candeias. Frequentou a escola fora da instituição, vendo frequentemente a mãe, a caminho da escola, por esta trabalhar perto.

A sua mãe ia visitá-los aos Domingos, mas a noção que a “J.P.” teve daquela instituição era de algo irreal, como se vivessem num mundo à parte. O lar era dirigido por mulheres, não ligadas a uma vocação religiosa, mas que faziam uma rotina de vida parecida com a das freiras. Nunca houve ligação afectiva com nenhuma dessas mulheres, mas a “J.P.” ligou-se muito às crianças mais novas, porque cuidava delas. Lembra-se não gostar do colégio, mas sabia que era um bom lugar para viver, porque haviam regras, rotinas, faziam limpezas à casa, cozinhavam, rezavam, e não era mal tratada. Às vezes revoltava-se com as monitoras, por não aceitar a sua autoridade, num misto de revolta com a mãe e impotência perante o que a rodeava. A irmã mais velha, “Dina”, acalmava-a sempre, tentando minimizar os atritos entre a “J.P.” e as monitoras. Quando a irmã saiu do colégio, deixando-a lá por mais dois anos, sentiu-se sozinha e desistiu de batalhar contra as pessoas com quem vivia.

Na escola, tinha inveja das colegas e vergonha por saberem que vivia numa instituição. As notas na escola eram razoáveis, gostava muito de inglês, mas não gostava de

história e português. No contexto escolar, também experienciou os primeiros namoros, considerados normais, mas pouco investidos. Em relação à sua mãe, lembra-se de, muitas vezes no colégio, ter adormecido a chorar e pedir a Deus que um dia não se tornasse numa mulher como a mãe. Quando iam de férias, encontravam sempre um companheiro da mãe diferente em casa, assim como a persistente relação paralela entre a mãe e o pai.

Aos 15 anos, completou o 7º ano e saiu do lar, indo viver com o pai. Viveu com ele até aos 18 anos, indo, ocasionalmente a casa da mãe passar uns dias. O contexto em que se vivia na casa da mãe era sentido pela “J.P.” como vergonhoso. A sua mãe tinha sempre um companheiro diferente todas as semanas, levando-os para sua casa, e vivendo com eles uma vida marital, em frente dos filhos. Lembra-se que, por várias vezes, precisou de tirar os irmãos de casa, por a mãe e o companheiro estarem a ter relações sexuais à frente deles. Sempre que tinha de o fazer, levava-os para casa do pai. O pai aceitava-os por uns dias, mas depois mandava-os, novamente, para casa da mãe. Em casa do pai, prosseguiu os estudos, nunca tendo contudo conseguido completar o 8º ano, por ter chumbado três vezes seguidas, facto que a fez desistir da escola. Apontou como razões para o seu fracasso escolar o clima em que se vivia na casa do pai, onde era tratada como criada, sempre alvo de agressões físicas e verbais.

Foi neste contexto que conheceu o ex-marido “Marco”, com 16 anos, criando uma relação de amizade, por ele ter sido o único a ajudá-la, dando-lhe, por várias vezes, abrigo em casa da sua família e alimento. Esta relação fortaleceu-se de tal forma que “J.P.” foi viver com ele aos 18 anos, sendo muito bem recebida pela família dele. Nessa altura, manifestou, pela primeira vez, vontade de trabalhar. Começou como vendedora de imóveis, e mais tarde, foi trabalhar como costureira com a cunhada.

#### 7.2.4. Idade Adulta

A “J.P.” casou aos 20 anos, vivendo uma relação que sempre considerou mais de gratidão do que de amor. A família do ex-marido era muito acolhedora e simpática, aceitavam-na como ela era e sempre a ajudaram. Aos 22 anos, perdeu um irmão, assassinado por atropelamento, devido a conflitos com terceiros. A “J.P.” gostava muito dele, era mais novo que ela dois anos. Considerava-o um homem trabalhador, que gostava de praticar

desporto e boxe. Sentiu-se muito abalada com esta perda, sentiu que perdeu o seu irmão mais querido. Com a chegada dos 23 anos, aceitou fazer a vontade ao marido e engravidou. O marido tinha 25 anos, nessa altura, e trabalhava na construção civil. A “J.P.” não queria ser mãe, e durante a gravidez não teve ninguém que a apoiasse, nem o marido ia com ela às consultas, por estar sempre a trabalhar. Sentia-se sozinha e, por volta dos cinco meses de gestação, deixou de sentir o bebé. Fez uma ecografia, que confirmou que o bebé estava morto, às 20 semanas de gestação. Lembra-se que quando perdeu o bebé, sentiu que tinha voltado a si mesma. Nessa altura o ex-marido não a apoiou, quando lhe deu a notícia, ele não mostrou tristeza pela perda do bebé, e não a acompanhou, uns dias depois, ao hospital para o parto. A “J.P.” recorda-se do horror que sentiu por fazer nascer um bebé morto, que nem pôde ver como era, só mais tarde sabendo que era uma menina.

Alguns meses depois, a Juliana tirou a carta de condução e foi para Inglaterra, com o ex-marido. Recordou que, apesar de ter qualificações para arranjar um trabalho melhor, além de falar muito bem inglês, optou por trabalhar junto do marido, nas portagens. Lembra-se de ser uma época decisiva na sua vida, porque foi quando se divorciou. O marido traía-a com uma toxicod dependente. Quando o apanhou com a outra mulher, o marido ainda lhe perguntou se ela não sabia bater à porta antes de entrar no quarto, não demonstrando qualquer remorso.

O ex-marido acabou por voltar para Portugal, tendo ela ficado por três anos, onde teve um relacionamento com um emigrante do Kosovo. Durante essa altura, fez algum consumo de drogas, nomeadamente cannabis. Lembra-se da relação com o emigrante como boa, mas sem futuro, por serem de culturas e religiões diferentes. A “J.P.” é católica e esse companheiro era muçulmano. Por isso, quando viu que já tinha uma boa quantia de dinheiro voltou para Portugal. Quando voltou, com 26 anos, o ex-marido tentou reatar a relação, mas a “J.P.” não aceitou, porque o ex-marido não teve coragem de assumir o que fez perante a família.

Começou a trabalhar numa empresa comercial, tendo lá permanecido por mais de 1 ano. Durante esta altura, manteve um relacionamento com um homem por 7 meses, descobrindo depois que ele a traía com a sua ex-mulher. Esta relação foi lembrada com uma certa estranheza, porque terem sido 7 meses muito bons, e, ao mesmo tempo, muito excessivos. Passava o tempo todo em festas, sabia que ele não a amava, mas fazia-a sentir bem-disposta e feliz. A relação com os pais manteve-se conflituosa ao longo dos últimos anos. O pai pensa que foi a “J.P.” a responsável pelo fim do seu casamento, enquanto a mãe aproveita sempre para ficar com algum dinheiro da filha, seja por dizer que está doente ou por

não ter dinheiro para pagar as compras. A “J.P.” acaba por ceder às exigências da mãe, facto que fez com que o seu pai deixasse de ajudar a sua mãe, monetariamente.

Depois conheceu o último companheiro, “M.”, 5 anos mais novo, com quem teve vontade, pela primeira vez, de ser mãe. Apesar de ser mais novo, a “J.P.” via nele alguém com quem passar a sua vida, por sentir que ele a amava de verdade. A gravidez surgiu aos 28 anos, mas sempre sentiu receio pelo desenvolvimento da gravidez. Entretanto, ficou desempregada derivado a conflitos com o chefe no trabalho. Passou a depender do subsídio de desemprego e de maternidade para se manter financeiramente, visto o companheiro não trabalhar. Com do decorrer do tempo, a gravidez foi considerada de risco pelos antecedentes clínicos, com toma de medicação específica para tentar controlar o envelhecimento da placenta.

A “J.P.” teve um parto prematuro, por cesariana, na Maternidade Júlio Dinis, no dia 23 de Novembro de 2007, por perda de líquido amniótico e placenta envelhecida, com 28 semanas de gestação. O bebé, do sexo feminino, nasceu com 760 gramas, com imaturidade extrema, devido ao tempo da gestação e a má nutrição fetal. O bebé foi internado na Unidade de Neonatologia, nos Cuidados Intensivos. Apesar do esforço dos pediatras, a sua filha faleceu na madrugada do dia 10 de Dezembro de 2007, com uma hemorragia pulmonar. Os dados da autópsia revelam que a sua imaturidade extrema foi um factor determinante para o seu falecimento. Lembrou esse momento com muita frustração e sentimento de culpa, por causa da sua incapacidade em mantê-la dentro de si. Também recordou ter sentido revolta, por durante aquelas semanas, ter dado apoio a outras mães e, contudo, ter sido a sua filha a falecer.

Descreveu a lembrança que teve sobre a morte da filha com a ida à morgue, com o companheiro, onde uma médica foi a um frigorífico pequeno e tirou de lá um embrulho, colocou a bebé numa mesa e começou a descolar o tecido que a envolvia, lembra que até o barulho que fazia ao descolar o tecido lhe fez impressão. A filha estava toda tapada pelo tecido, quando a médica descolou a parte do tecido que tapava a cabeça da bebé, a “J.P.” deu um grito e fugiu da morgue. Vê-la morta foi a confirmação da notícia, não se sentia preparada para aquilo. Voltou à morgue e pegou na sua filha, esta ainda estava quente e parecia estar a dormir, sentiu que queria levá-la para casa, mesmo morta, por ser a sua filha. No funeral, quis que a urna estivesse aberta, apesar da família querer o contrário. Antes do enterro, a “J.P.” beijou a filha e acariciou-a, dizendo que a face da sua filha levou as suas lágrimas.

A “J.P.” recordou que, com o nascimento da sua filha, sentiu que tinha uma nova oportunidade de começar a sua vida, longe dos pais e de todos os problemas que eles criaram. Durante a sua vida tem usado a imagem dos pais como um espelho, que reflecte tudo aquilo que ela não quer ser, e que, de certa forma, isso a tem orientado na vida. Com o falecimento da sua filha, sentiu que essa oportunidade foi desaparecendo novamente.

### 7.3. História Sexual

A menarca surgiu aos 13 anos, tendo ocorrido durante as férias de verão. Lembra-se que falou com a irmã mais velha, e não com a mãe, que a esclareceu sobre o que se passava e a ter orientado sobre questões como higiene e relações sexuais.

A coitarca ocorreu aos 18 anos, tendo ido, anteriormente, com o namorado ao médico, ginecologista, para se inteirar sobre métodos contraceptivos e outras questões relativas à relação sexual. Referiu que o pai também fez pressão para esta consulta de especialidade, por desconfiar que ela já não seria virgem. Lembra-se que o pai a fez sentir muito mal, por estar sempre a compará-la com a sua mãe, que tinha muitos companheiros. A sua orientação é heterossexual, nunca tendo havido dúvidas sobre esse assunto. Teve um total de 4 parceiros durante a sua vida, tendo utilizado maioritariamente o preservativo como método contraceptivo. Não há registos de desvio de comportamento, a nível sexual.

### 7.4. História Actual

Presentemente, a “J.P.” trabalha numa superfície comercial, no serviço pós-venda, a tempo inteiro. Começou a trabalhar há 3 meses, altura em que também arrendou uma casa para morar com o companheiro e a sua irmã, “Dina”. Após ter conseguido várias propostas de emprego para o companheiro, sem interesse da parte dele, a “J.P.” acabou com a relação. Lembra que foi difícil a tomada de decisão, mas aproveitou o facto do seu companheiro também já não estar interessado na relação. Referiu que desde aí começou a dormir melhor durante a noite.

Desde então tem saído mais com as suas amigas, reencontrou muitos antigos colegas de trabalho e sente-se realizada no emprego. Mencionou que a sua chefe a elogia muito, e isso

deixa-a satisfeita. A sua relação com os pais continua tensa, apesar do agrado que demonstraram ao saber que a “J.P.” já não estava com o companheiro. A relação com a irmã, com quem partilha a casa, tem sido delicada, por a “J.P.” querer mais liberdade no dia-a-dia, não tencionando dar satisfações à irmã sempre que sai com as amigas.

## 8. Genograma

De acordo com McGoldrik e Gelson (1987) o genograma apresenta a árvore familiar, que assinala a informação sobre os membros de uma família e as suas relações durante pelo menos três gerações, apresentando dados numa estrutura gráfica que oferece uma rápida *gestalt* (estrutura) das complexas normas familiares e uma vasta fonte de hipóteses sobre como um problema clínico pode estar relacionado com o contexto familiar e a sua evolução, quer do problema, quer do contexto ao longo do tempo.

O genograma que se segue inclui as três famílias que o pai da “J.P.” formou. É um genograma estrutural, que permite uma visão geral da posição dos diversos elementos. Segue, em seguida, o significado dos símbolos presentes, para melhor apreciação.

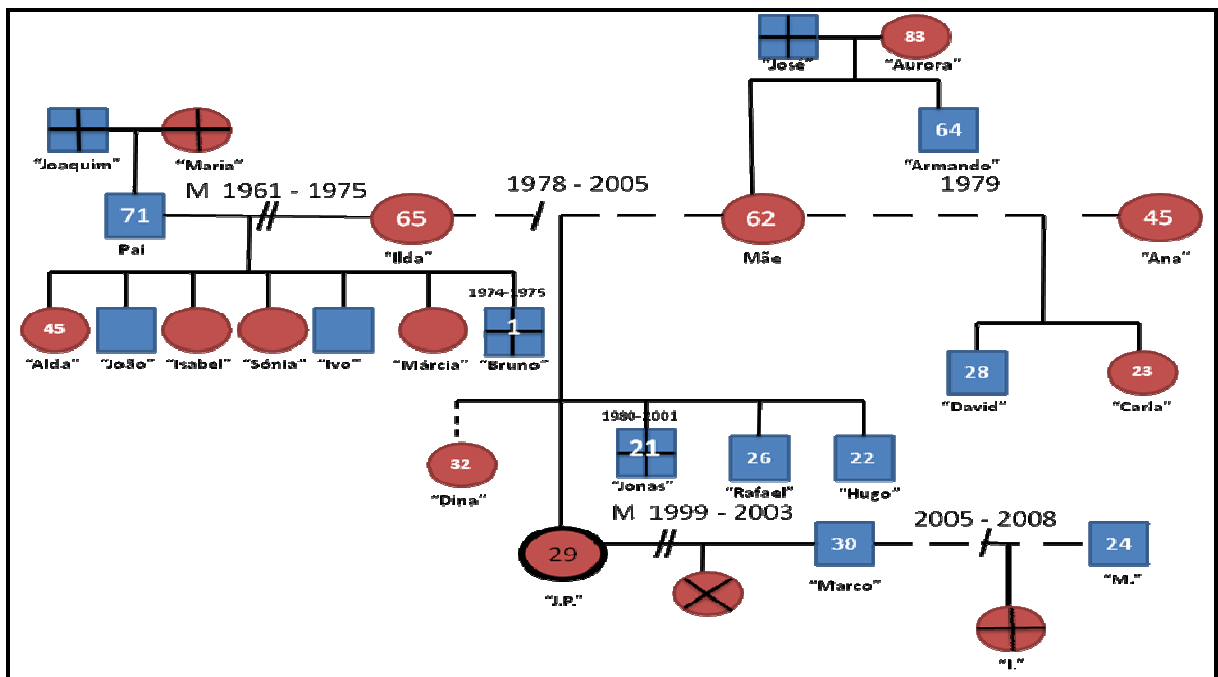


Figura III - Genograma Estrutural

De acordo com Rodrigues et al. (2007), numa família podem-se identificar padrões multigeracionais de êxito ou de fracasso, sendo que os registos vinculares de proximidade, distância, conflito, entre outras, também se podem repetir de uma geração para outra, intensificando-se quando uma estrutura se repete de geração em geração, levando a que, quando se procura uma repetição no funcionamento e nas relações, também se procure a repetição da estrutura familiar.

Em seguida, o genograma apresenta as duas famílias actuais (visto a primeira ter cortado relações com o pai da “J.P.”) com a respectiva dinâmica familiar. Segue, em seguida, o significado dos símbolos presentes, para melhor apreciação.

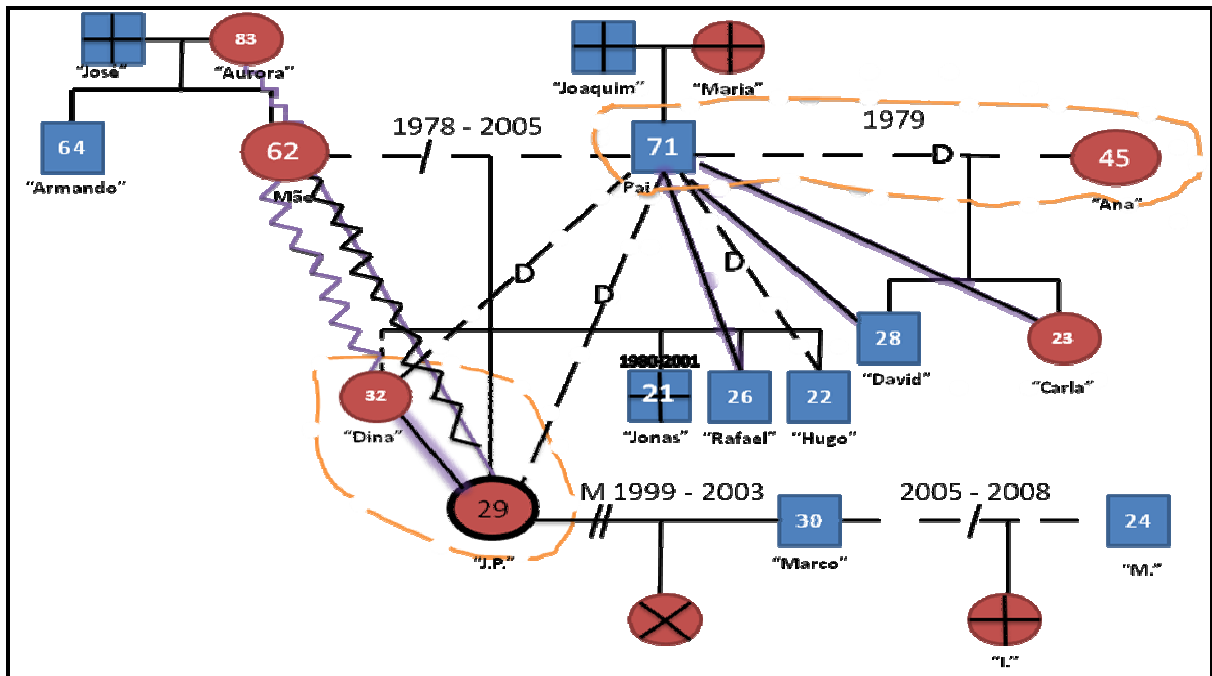


Figura IV - Genograma com Dinâmica Familiar

Nesta Figura, destaca-se a relação fusional e conflituosa que a “J.P.” tem com a mãe, e a relação distante entre a “J.P.” com o pai, sendo a relação que tem com a irmã, “Dina”, a única fusional.

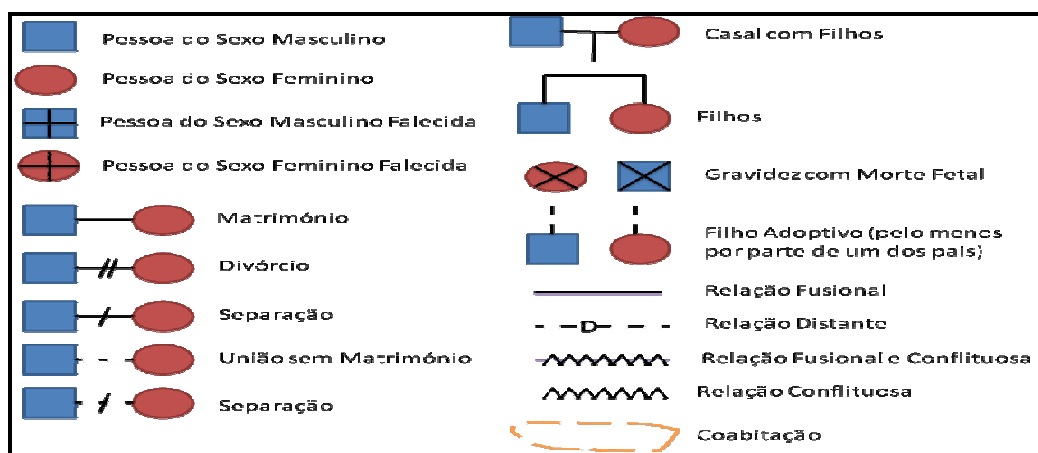


Figura V – Legenda dos Genogramas

## 9. Resultado da Aplicação de Instrumentos

### 9.1. Rorschach

#### 9.1.1. Sistema de Classificação

O sistema de classificação adoptado nesta prova é o de Bruno Klopfer, de 1942, que de acordo com Vaz (1997), permite uma perfeita sintonia entre quantificação e integração dinâmica de dados. Segundo Vaz (1997), as diferenças entre um e outro sistema de classificação são irrelevantes, dizendo sobretudo respeito à maneira como esses dados se expressam (codificação), não implicando em discrepâncias na interpretação e no diagnóstico.

#### 9.1.2. Análise Qualitativa

O protocolo e respectivo psicograma encontram-se em anexo, sendo assim possível a sua consulta. As impressões gerais do protocolo revelam uma prova caracterizada por um protocolo diminuto, constituído por 11 respostas, estando abaixo da média das respostas esperadas, sendo estas entre 15 a 30, de acordo com Vaz (1997), em relação aos parâmetros do sistema de classificação de Klopfer. Não houve nenhuma recusa de cartão, tendo o tempo

médio de reacção (latência) estado dentro dos parâmetros normativos, com 17,2 segundos, que segundo Vaz (1997) se situa entre os 10 e os 25 segundos. No entanto, o tempo total das respostas foi de 4 minutos e 23 segundos, sendo indicador de alguma ansiedade durante a realização do teste, com uma média de 23,9 segundos por resposta.

É importante salientar uma elevada percentagem de determinantes de forma nas respostas, sugerindo uma formalização excessiva, com preocupações de vigilância, prendendo-se na realidade exterior de forma a evitar expor-se e entrar em contacto com o imaginário.

Em relação à análise de dinâmica intelectual, a atitude durante a prova foi de alguma desconfiança, denotando certa preocupação com as respostas que dava, com uma projecção geral escassa. No final da prova demonstrou alguma confusão mental e emocional, bem como alguma insegurança. Os conteúdos variam moderadamente, no entanto várias respostas acusam conteúdo animal, cerca de 27%, podendo indicar algum conformismo social.

#### 9.1.2.1. Análise de Respostas Globais

As respostas globais são, na sua maioria, simples, indicando a ausência de análise e curiosidade em relação aos cartões. Este resultado sugere também uma atitude defensiva e inexistência de capacidades de investigação.

Também há um valor acentuado de respostas globais cortadas (36%), sendo indício de inibição do pensamento, do senso crítico.

Os determinantes associados às respostas globais são formais, tendo 4 destas respostas globais tido boa qualidade, em detrimento de 1 com forma de má performance. Por sua vez, as respostas globais cortadas também apresentaram determinantes formais, tendo-se distribuído por formas de boa qualidade ( $F+=2$ ) e de forma duvidosa ( $F\pm=2$ ), facto este que se define por uma escassa adaptação à realidade.

#### 9.1.2.2. Análise de Respostas de Grande Detalhe e dos Determinantes

Os valores baixos de resposta de detalhe comum (18%) confirmam o já referido, pouco senso de realidade objectiva e pouca adaptação à realidade, com dificuldades em estabelecer diferenciação sobre o óbvio.

O F% é extremamente elevado (91%), o que indica a tentativa de um funcionamento corrente e necessário, de forma a apreender a realidade o mais próximo possível do contorno formal. Mas também indica demasiado controlo sobre o racional, com consequente prejuízo na sua espontaneidade afectiva e emocional. Na prova, também está patente a presença de um FK, forma com características de perspectiva e profundidade. Nele denotam-se sentimentos de insatisfação, dependência e angústia de separação, encarados com resistência por parte da “J.P.”. No entanto, também revela capacidade de transformar esse sofrimento, através da introspecção e auto-crítica.

#### 9.1.2.3. Conclusão da Dinâmica Intelectual

A dinâmica intelectual, através dos valores de F%, com 91% das respostas, e F+, aponta para a predominância do pensamento racional. Segundo Klopfer (1946, cit. *in* Vaz, 1997), uma elevada percentagem de determinantes de forma, em princípio, ocorre em pessoas rígidas, severas, estruturalmente reprimidas e repressivas. Os valores do T.R.I. indicam esta afirmação, sustentando a pouca capacidade de afectividade e de mentalização, tendo como consequência uma actividade intelectual conformista e pouco dinâmica, com bloqueio perante novas situações.

#### 9.1.2.4. Análise do Nível de Socialização

A ausência de respostas com cor, movimento humano e movimento animal, indicativos de constrição e rigidez intelectual, opõem-se à elevada percentagem de F% e ao reduzido número de respostas com detalhe, podendo significar uma socialização em superfície, com dificuldades em relação aos processos afectivos e emocionais e atitude

conformista perante os outros, indicando também pouca capacidade de resposta a estímulos externos, estando a socialização em profundidade comprometida. De acordo com Klopfer (1946, cit. in Vaz, 1997), a proporção G:M serve para verificar o nível de aspirações, explicando que se as respostas globais forem em maior número do que o movimento humano (neste caso a proporção é de 6G:0M), as aspirações estão a ser conduzidas para o nível da fantasia.

No que toca à análise de dinâmica afectiva demonstrou que a atitude da “J.P.” foi, simultaneamente, cooperante e defensiva. As respostas curtas, prestação pouco projectiva e número total de respostas reduzido são prova dessa defesa. Contudo não recusou nenhum cartão, preocupando-se em responder aos cartões. Através da sua atitude perante a prova, pelo que dizia: “*Tenho de dizer alguma coisa sobre isto...*”; “*É difícil...*”, foi possível verificar o seu receio perante o desconhecido. A sucessão de respostas foi ordenada, reforçada pelo embotamento afectivo durante a prova, com elevado número de resposta globais e determinantes de formas, no sentido de objectivar a realidade naquela situação, apontando que o nível de aspiração é demasiadamente alto para sua capacidade de realização.

#### 9.1.2.5. Tipo de Ressonância Interna

O tipo de ressonância interna, também chamado de tipo vivencial, é coartado, puro, com valor nulo em ambos os pólos (movimento humano e cor). O tipo coartado define o individuo como alguém voltado para si próprio, com alguma capacidade de reflexão, mas com dificuldades no relacionamento e imaturidade na expressão de afectos e emoções. Também está presente a dificuldade na tomada de decisões, principalmente em situação de maior tensão. Possui ainda fraca capacidade de relacionamento, mente estreita, com pouca ou nenhuma capacidade de empatia.

Em relação à análise da forma complementar, não foram encontradas respostas com movimento, contudo foi dada uma resposta com FK, sugerindo a existência de alguma capacidade de insight para conseguir abordar as suas angústias.

#### 9.1.2.6. Análise de Conteúdos

Os conteúdos são variados, apesar do reduzido número de respostas. Verifica-se 27% de respostas de conteúdo animal, um pouco abaixo dos parâmetros normativos (30% a 40%), cuja diferença não se apresenta significativa. A inexistência de respostas de conteúdo humano indica uma incapacidade de relacionamento com as pessoas, podendo sugerir desconfiança em relação aos outros.

#### 9.1.2.7. Análise dos Fenómenos Específicos

Ocorreram fenómenos específicos em quase todos os cartões, tendo sido mais repetidos os choques de reacção, por dilatação de tempo, e as respostas globais cortadas. Tendo em conta os valores simbólicos de cada cartão, considera-se importante associar os fenómenos presentes a esses mesmos cartões, de forma a determinar o tipo de dinâmica presente na “J.P.”.

Descrevendo os fenómenos, pode-se verificar 4 respostas globais cortadas, nos cartões I, III, VI e IX, sugerindo inibição do pensamento, utilizando como defesa a imposição de uma barreira ao senso crítico. Também se verificaram 3 choques de reacção, por dilatação de tempo, nos cartões I, II e VII, indicando sentimento de incapacidade perante os estímulos presentes. Houve 2 respostas confabuladas, respectivamente no cartão VIII e IX, significando fuga, utilizando de forma comprometedora a fantasia. Uma contaminação no cartão III vem indicar uma dissociação do pensamento, nomeadamente ao nível de organização, precisão e coerência deste. O girar ansioso, no cartão VI, aponta para ansiedade situacional elevada, com sentimentos de perda de controlo sobre a situação.

É importante referir que os cartões IV e X não apresentam fenómenos específicos, contudo ambos foram seleccionados na prova das escolhas, tendo o cartão IV ocupado o lugar de preferência em detrimento do cartão X, que a “J.P.” acusou de ser esquisito.

#### 9.1.2.8. Análise Simbólica dos Cartões

Iniciando uma análise detalhada e começando pelo cartão I, denota-se neste, além da resposta global cortada, um choque de reacção, por dilatação de tempo, sugerindo sentimentos inadequados e reprimidos em relação à mãe, como também sentimentos de impotência reprimidos. Este sentimento gera também ansiedade e frustração, apontando dificuldades no relacionamento não só com a figura materna, como também outras figuras femininas, indicando angústia de castração. Há indícios de inibição do senso crítico e reacções de ameaça e insegurança, não só perante a figura materna onipotente, mas perante situações novas, que requerem adaptação.

Relativamente ao cartão II, houve um choque de reacção, sugerindo sentimento de agressividade, ameaça ou perigo que sente em cada nova situação, pondo em causa a sua capacidade de adaptação, a resposta: “ Máscara do tipo diabólica”.

No cartão III estão presentes dois fenómenos, a global cortada (pondo de parte o vermelho) e a contaminação. O significado simbólico deste cartão remete para o relacionamento interpessoal, o que pela ausência de respostas com conteúdo humano sugere sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos a terceiros. A inibição do pensamento relativo à representação de si própria e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se, de acordo com a sua resposta: “-Pinguim, quer dizer, um fato de smoking parecido com um pinguim”, sugerindo fragmentação, percebendo a realidade de forma distorcida. A não referência a uma imagem humana sugere problemas com a relação do corpo representado, reforçando mais uma vez a angústia de fragmentação.

O cartão IV, cuja resposta foi: “ Um cão”, e na prova de escolhas referido que sentia pena do cachorrinho por causa das orelhas, simbolicamente significa a figura paterna e pessoas que desempenhem papéis de autoridade. Esta reacção de se refugiar na imagem do cachorrinho, que provoca pena, sugere submissão e impotência perante a figura paterna e de autoridade, camuflada através do evitamento às referências de força, lei e domínio. A reacção de disforia está presente, denotando dificuldade de relacionamento e aceitação da figura paterna e de figuras de autoridade, sugerindo contra investimento a essa força.

Observando o cartão V, verifica-se uma resposta banal, estando relacionado com a integridade física, este não apresenta nenhum indício significativo.

No cartão VI, simbolizando a conotação sexual viril, aponta para, além de uma resposta global cortada, um girar ansioso. Além da tonalidade emocional negativa e do corte com o senso crítico, sugere perda de controlo sobre o estímulo e imaturidade psicosexual. A “J.P.” escolheu este cartão como um dos que menos gostou, na prova de escolhas, dizendo “*Mostra um animal morto, é chocante...*”, sugerindo repulsa e descontrolo emocional perante a imagem do animal morto, podendo indicar angústia de castração. Esta resposta aponta que a “J.P.” vê a sua sexualidade como uma parte de si morta, extinta, ao associá-la a um animal morto.

O cartão VII, relacionado com o simbolismo materno, foi respondido: “*Espartilho*”, tendo no inquérito referido que parecia a parte de cima de uma mulher, através dessa roupa. Neste cartão foi revelado um choque de reacção, englobando toda a mancha, sugerindo sentimentos de incapacidade e vazio perante os estímulos que figuram o materno (e o feminino), dirigido a dificuldades afectivas e emocionais. A associação que faz ao espartilho sugere a caracterização de uma mãe inflexível e distante, mostrando-se também privada de uma relação básica materna.

O cartão VIII, pela sua variedade de cores, podendo representar o mundo externo, com o seu relacionamento social e afectivo, foi respondido: “*Uma taça de gelado*”, descrevendo no inquérito todos os gelados que a taça continha. Enquanto o cartão IX simboliza, em termos gerais, não só a imagem pré-genital e a sua própria representação sexual primitiva, como também possíveis conflitos e angústias existenciais que não consegue comportar. A sua resposta a este cartão foi: “*-Uma máscara...como se diz...daquelas de rei. Uma máscara de baile dos castelos*”, tendo sido uma das escolhas que mais gostou referindo: “*...uma máscara que não tem nada a ver. Um vestido bonito e uma máscara feia, esconde algo*”. Nestes dois cartões foram dadas respostas confabuladas, indicando fuga, através do uso da fantasia, de situações que não pretende confrontar, sugerindo no primeiro cartão uma atitude primária perante as necessidades relacionais, pelo conteúdo de alimento, e, no segundo cartão, a existência de conflitos internos, que a própria “J.P.” sugere desagradar-lhe, mas contudo esconde.

Em relação ao cartão X, relacionado com a vivência afectiva, a “J.P.” assume ser: “*Um cartão que não faz sentido, não consigo ver nada. É esquisito*”, sugerindo dificuldade de relacionamento afectivo.

### 9.1.3. Análise Final do Rorschach

A integração de dados foi apresentada de acordo com os parâmetros recomendados por Cícero Vaz<sup>1</sup>.

Em relação às condições intelectuais, verificou-se uma ausência de análise e curiosidade em relação aos estímulos externos. Sugerindo também uma atitude defensiva e inexistência de capacidades de investigação, com inibição do pensamento. Denota-se ainda a tentativa de um funcionamento corrente e necessário, de forma a apreender a realidade o mais próximo possível do contorno formal. Observa-se assim um rigor no pensamento, com fraca produtividade e evitamento ao imaginário.

Como capacidades de adaptação e de relacionamento humano, os valores sugerem pouco senso de realidade objectiva e pouca adaptação à realidade, com dificuldades em estabelecer diferenciação sobre o óbvio.

Em relação ao controlo de reacções impulsivas e emocionais e a capacidade para suportar conflitos e tensões, os valores sugerem demasiado controlo sobre o racional, com conseqüente prejuízo na sua espontaneidade afectiva e emocional. Pela ausência de respostas com cor, movimento humano e movimento animal, denunciativos de constrição e rigidez intelectual, induz a uma socialização em superfície, com dificuldades nos processos afectivos e emocionais e atitude conformista perante os outros, estando a socialização em profundidade comprometida. A proporção de respostas globais elevadas em relação à inexistência de respostas de movimento humano revela um nível de aspirações que são conduzidas para o nível da fantasia.

O tipo de ressonância interna presente indica um indivíduo voltado para si próprio, com alguma capacidade de reflexão, mas com dificuldades no relacionamento e imaturidade na expressão de afectos e emoções. Também está presente a dificuldade na tomada de decisões, principalmente em situações de maior tensão. Possui ainda fraca capacidade de relacionamento, mente estreita com pouca ou nenhuma capacidade de empatia.

Analisando as capacidades de autocritica e poder de reparação, verificou-se sentimentos de insatisfação, dependência e angústia de perda de objecto, encarados com

---

<sup>1</sup> no seu livro *Teoria e Desempenho*, de 1997, referido na Bibliografia.

resistência por parte da “J.P.”. No entanto, também revela capacidade de transformar esse sofrimento, através da introspecção e auto-crítica.

A análise simbólica dos cartões aponta para inibição do senso crítico e sentimento de insegurança não só perante a figura materna, mas perante situações novas que requerem adaptação. A relação com a mãe é caracterizada por abandono efectivo, provocando desconfiança não só na figura materna, como também noutras figuras femininas.

Apresenta ainda dificuldade em se ajustar ao meio-ambiente, criando tensão e repressão na espontaneidade como forma de se ajustar. Este sentimento gera também ansiedade e frustração, sugerindo uma angústia de castração.

O uso da fuga, através da fantasia, para evitar situações que não pretende confrontar, sugere uma atitude primária perante as necessidades relacionais, assim como a existência de conflitos internos e imaturidade psicosexual, indicando problemas com a relação do corpo representado e a sua sexualidade. Ainda sugere submissão e impotência perante a figura paterna e de autoridade, camufladas pelo evitamento e depreciação às referências de força, lei e domínio. Também se apurou a existência de sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos às pessoas em geral. A inibição do pensamento relativo à representação de si própria e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se através da angústia de fragmentação, percebendo a realidade de forma distorcida.

## 9.2. M.M.P.I. 2

As Figuras apresentadas, em seguida, ilustram os resultados, estando as respectivas Tabelas em anexo, para apreciação.

### 9.2.1. Análise da Percentagem de Verdadeiro e Falso

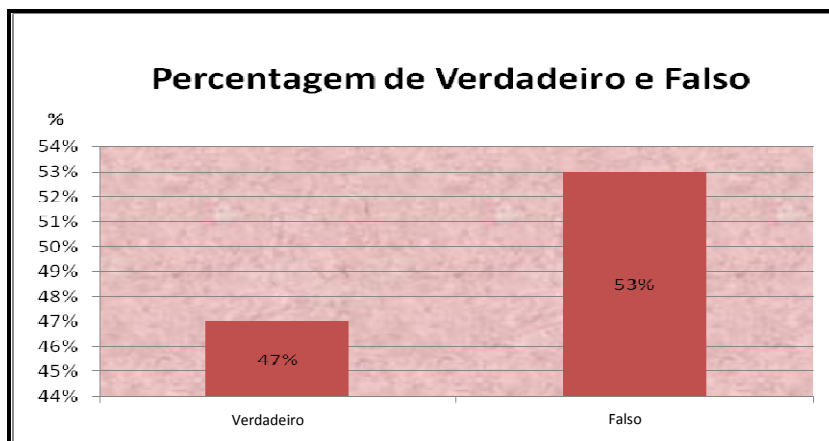


Figura IV – Percentagem de Respostas com Verdadeiro e Falso

Foram observadas as percentagens de respostas com verdadeiro e falso para determinar a atitude da “J.P.” na prova. Todas as questões foram respondidas, não havendo nenhuma resposta omitida.

De um total de 567 respostas, 265 foram respondidas com verdadeiro e 302 com falso, respectivamente 47% e 53%, como se pode ver na Figura IV. Apesar de a diferença não ser significativa, pode-se verificar uma possível tendência da “J.P.” em negar os seus problemas e dificuldades.

### 9.2.2. Análise das Escalas de Validade

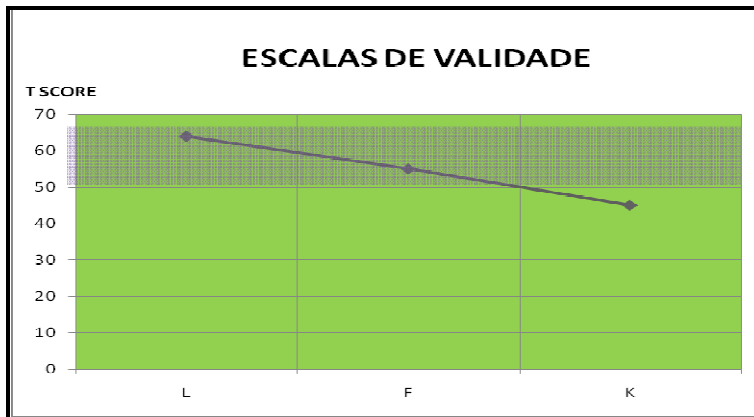


Figura V– Escalas de Validade do M.M.P.I. 2

(Média Normativa a escuro – de 50 a 65)

Na prova, todos os itens foram respondidos, o que se verifica pela PD (pontuação interrogante) igual a 0, confirmando a validade da prova. A média normativa, para as escalas, encontra-se entre os valores 50 e 65, como exemplificado no Figura V, a escuro.

O valor da escala L (mentira) indica uma pontuação de 64, apontando a probabilidade de um perfil válido, contudo apresentando um quadro defensivo, por suposto conformismo e rigidez moral. Em relação à escala F (incoerência), como a Figura V aponta, os valores encontram-se dentro da média normativa, utilizando um registo aceitável, denotando respostas típicas e bom funcionamento na prova. Na escala K (correção), os valores encontram-se abaixo da média normativa, pondo em questão a validade do perfil.

#### 9.2.2.1. Indicadores Adicionais das Escalas de Validade

Juntamente com a avaliação das escalas básicas, foram também avaliadas as escalas suplementares Fb, VRIN e TRIN para comprovar a validade da prova (ver Figura VIII). A escala Fb (F posterior), como suplemento da escala de validade F, indica uma pontuação de 52, sugerindo uma pontuação aceitável, dentro da média. Com a escala TRIN (inconsistência de respostas verdadeiras), com pontuação directa de 10, e a escala VRIN (inconsistência de

respostas variáveis), pela pontuação directa de 9, há indicação da existência de um perfil válido. A avaliação destas escalas confirmou a validade da prova.

### 9.2.3. Análise das Escalas Básicas

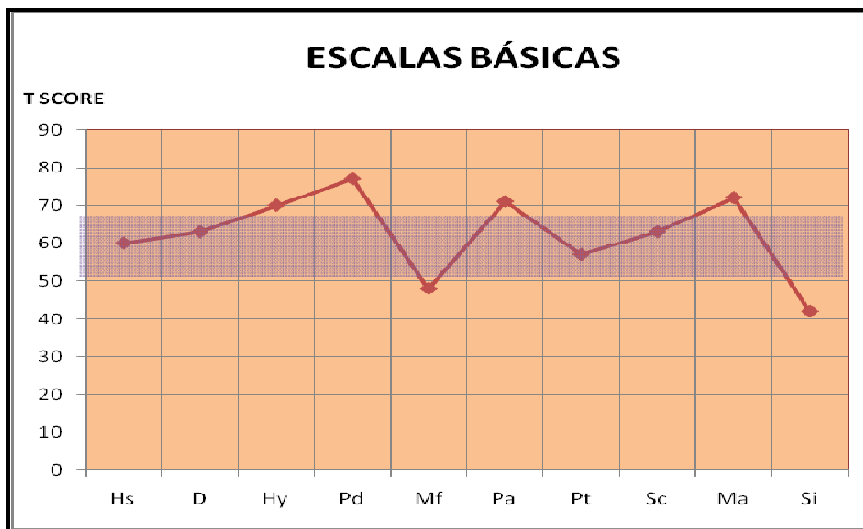


Figura VI – Escalas Básicas do M.M.P.I. 2  
(Média Normativa a escuro – de 50 a 65)

Iniciando com a escala Hs (Hipocondria), esta apresentou o valor de 60, como se pode verificar na Figura VI, encontrando-se dentro dos parâmetros normativos (50-65), não demonstrando queixas somáticas significativas. No que toca à escala D (Depressão), apesar de estar dentro da média, os valores sugerem insatisfação e disforia, com valor de 63, sugerindo falta de confiança sobre si próprio e auto-depreciação. Na escala Hy (Histeria), os valores são mais elevados (com valor 70), revelando um perfil de imaturidade, centrado em si mesmo, com dificuldade em compreender as causas dos seus sintomas e facilmente sugestionável.

Através da escala Pd (Desvio Psicopático), com o valor de 77, foi possível verificar um perfil com comportamento anti-social, imaturo e egocêntrico, demonstrando um senso crítico pobre, onde a instabilidade e a agressividade podem estar presentes. A escala Mf (Masculinidade - Feminilidade) revela uma pontuação de 48, apesar de estar ligeiramente abaixo dos valores normativos, designa um perfil empático, idealista, competente e

acomodado à sua identidade sexual. Na escala Pa (Paranóia), os valores apontam para uma psicose paranoide, com um valor de 71, como se apresenta na Figura V.

Com a escala Pt (Psicastenia), o resultado foi de 57, encontrando-se com pontuação média, demonstrando um perfil bem organizado e adaptável no que diz respeito ao controlo mental dos seus pensamentos e acções. A escala Sc (Esquizofrenia) marca o valor 63, sendo indicador de um perfil confuso e reservado, com uso de alguma fantasia. Através da escala Ma (Hipomania), com valor 72, é possível sugerir a existência de ausência de direcção, assim como um perfil pouco realista na sua auto-valorização e baixa tolerância à frustração. Na escala Si (Introversão Social), com valor 42, o resultado está abaixo dos parâmetros normativos, mostrando um perfil ponderado e cordial.

#### 9.2.4. Análise das Escalas de Conteúdo

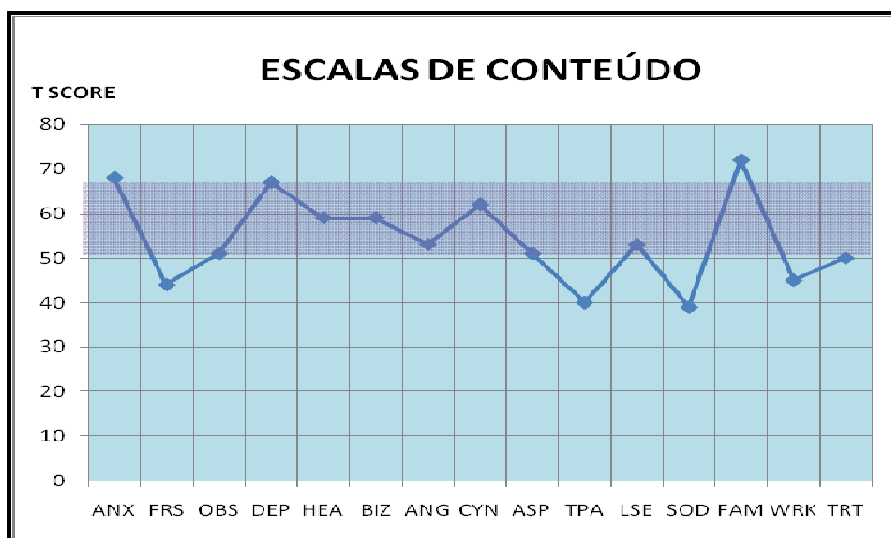


Figura VII – Escalas de Conteúdo do M.M.P.I. 2

(Média Normativa a escuro – de 50 a 65)

Relativamente à escala de Ansiedade, observa-se um valor ligeiramente acima da média normativa (com valor 68), como se pode contemplar na Figura VII, podendo sugerir tensão e dificuldades na tomada de decisão, com comprometimento ao nível da concentração. Referente à escala de Fobias, com valor 44, abaixo da média normativa, esta indica baixa probabilidade para fobias específicas. Com a escala de Obsessão, com valor 48, foi possível

constatar também um resultado abaixo da média normativa, sugerindo baixa frequência de pensamentos e condutas compulsivos.

Observando a escala de Depressão, esta apontou um valor de 67, sugerindo sentimentos de incerteza perante o futuro, sem interesse sobre a sua vida, com tendência para ideação suicida. Com a escala de Preocupação com a Saúde (HEA), revelou-se uma pontuação dentro da média normativa, não indicando existência de queixas psicossomáticas. Nas escalas de Pensamento Bizarro (BIZ), Hostilidade (ANG), Cinismo (CYN), Condutas Anti-sociais (ASP) e Indicadores Negativos de Tratamento (TRT) revelaram valores dentro da média normativa, assim como a escala de baixa auto-estima (LSE).

Com a escala de Comportamento tipo A (TPA), os valores estão abaixo da média normativa, com 40, como se pode ver na Figura VII, denunciando um perfil moderado e conformista. A escala de mal-estar social (SOD), com valor 39, apresenta um valor abaixo da média, sugerindo ausência de condutas problemáticas e práticas anti-sociais. A escala de Problemas Familiares (FAM) encontra-se acima da média normativa, com 72, indicando presença de conflitos familiares, com história familiar conturbada e ausência de afecto. Na escala de Interferência Laboral (WRK), os valores são abaixo da média normativa, com valor 45, indicando ausência de dificuldades na execução de tarefas laborais.

#### 9.2.5. Escalas Suplementares

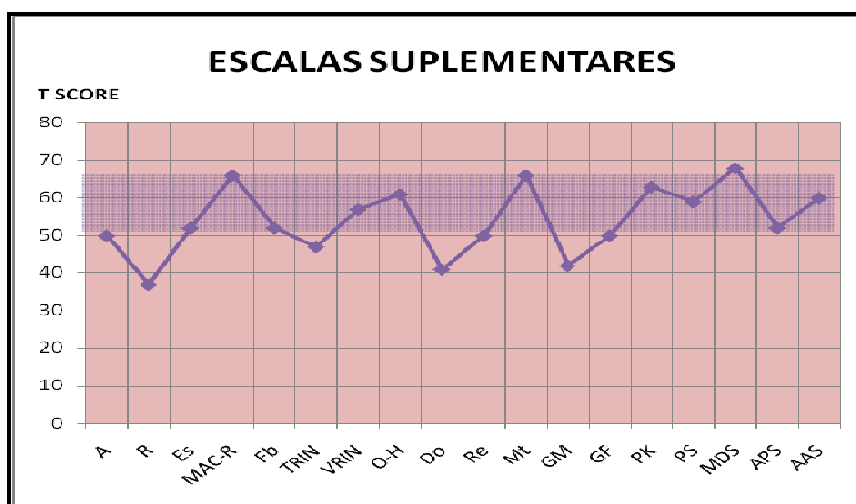


Figura VIII – Escalas Suplementares do M.M.P.I. 2

(Média Normativa a escuro – de 50 a 65)

Estas escalas suplementares, tal como as subescalas, apoiam as escalas básicas e de conteúdo, verificando os valores ou detectando factores específicos de um possível problema. Sendo assim, é importante revelar as escalas que se encontram dentro dos valores normativos, em primeiro lugar, para depois as outras escalas serem apreciadas com maior pormenor.

No que se refere às escalas com valores dentro da média, podendo-se verificar através da Figura VIII, estas são a Ansiedade, a Força do Ego, Hostilidade, Responsabilidade Social, Identidade Sexual Feminina, Transtorno de Stress Pós-Traumático, Potencial de Adição, Reconhecimento de Adição, F posterior e Vrin (os dois últimos já referidos anteriormente nas escalas de Validade), não apresentando valores significativos.

Em relação às escalas com valores inferiores à média, tal como a da Repressão (R), com valor 37, que sugere um perfil expressivo, acomodado e adaptável. Em relação à escala da Dominância (Do), o valor é de 41, sugerindo um perfil característico de pouca assertividade, facilmente influenciável, com falta de confiança em si próprio e dificuldade em enfrentar os problemas.

A escala de Género Masculino (GM), com valor 42, relacionada com a auto-confiança, encontra-se abaixo da média, indicando além da baixa auto-confiança, também falta de interesse por coisas novas e preocupações com sentimentos de auto-referência. A escala Trin encontra-se ligeiramente abaixo da média, contudo a sua avaliação é feita através da pontuação directa e não da pontuação T, que indica uma pontuação normativa válida.

No que concerne as escalas com pontuação elevada, pode-se constatar que a escala MAC-R (Alcoolismo), com valor 66, sugerindo propensão para abuso de substâncias, com probabilidade de consumo efectivo e um perfil com características de desafio de limites.

Outra escala com valores elevados é a Mt (Ajuste Emocional), com valor 66, apontando um perfil com dificuldades de adaptação em determinado contexto, com tendência para ansiedade e pessimismo. No MDS (Mal-estar Matrimonial), tem o valor mais elevado de todos, sugerindo conflitos com o companheiro, causando desconforto e perda de qualidade da relação afectiva.

### 9.2.6. Subescalas

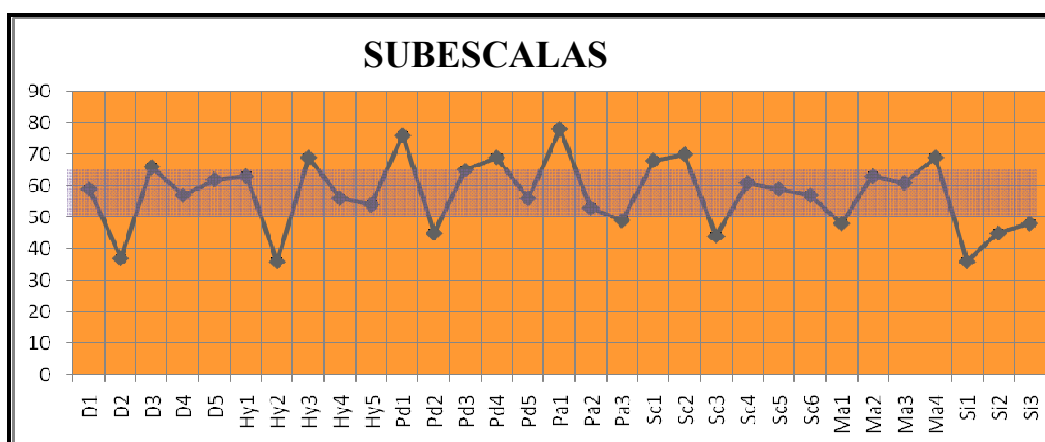


Figura IX – Sub-Escalas do M.M.P.I. 2  
(Média Normativa a escuro – de 50 a 65)

Atendendo à Figura IX, pode-se verificar os seguintes resultados:

- De acordo com os valores das subescalas da Depressão, observamos a D1 (Depressão Subjectiva), com valor 59, e a D2 (Lentificação Psicomotora), com valor 37, sem apresentarem indícios significativos. Contudo, a D3 (Disfunção Física), com valor 66, sugere propensão à preocupação com o seu próprio funcionamento físico e rejeição da ideia de que tem boa saúde, salientando uma ampla variedade de sintomas somáticos específicos. As subescalas D4 (Lentificação Mental) e D5 (Ruminação) encontram-se dentro dos parâmetros normativos, com valores de 57 e 62, respectivamente, não indicando sintomas significativos.
- Em relação às 5 subescalas de Histeria, a Hy1 (Negação da Ansiedade Social), Hy2 (Necessidade de Afecto), Hy4 (Queixas Somáticas) e Hy5 (Inibição da Agressão) apresentaram valores dentro da média normativa. No entanto a subescala Hy3 (Lassidão/Mal-estar), apresentou o valor de 69, indicando incómodo e saúde frágil, tendência para sentimentos de debilidade e fadiga, dificuldades em se concentrar e regular o sono e tendência para sentir tristeza e amargura.
- Dentro das subescalas do Desvio Psicopático, só duas se mantêm com valores pouco significativos, sendo a Pd2 (Problemas com a Autoridade) e a Pd5 (Auto-Alienação), com 45 e 56, respectivamente. A Pd1 (Discórdia Familiar), detém um valor de 76, sugerindo um perfil que contempla a sua família actual ou de origem como crítica, carente de amor, compreensão

e apoio, não tendo permitido uma liberdade e independência adequadas. Com a Pd3 (Insensibilidade Social), o valor presente é de 65, no limite máximo da média, mas com importância a observar. Este valor aponta um perfil cómodo e confiante em situações sociais, tendo opiniões seguras acerca de várias coisas e lutando por essas mesmas opiniões. Em relação a Pd4 (Alienação Social), o valor acusou a pontuação de 69, indicando sentimentos de alienação, isolamento e estranheza, com crenças de que os outros não os compreendem e que os trataram mal.

- As subescalas de Paranóia apresentam valores diferentes, apontando a Pa1 (Ideias Persecutórias) com valores muito significativos, de valor 78, revelando uma visão do mundo como um lugar de ameaça, com atitudes de desconfiança e suspeita e, em casos extremos, ilusões de perseguição. As restantes subescalas, Pa2 (Hipersensibilidade) e Pa3 (Ingenuidade), com 53 e 49, respectivamente, não apresentam valores significativos.

- Com a escala de Esquizofrenia, 6 subescalas desdobram-se para especificar melhor os sintomas. As subescalas com valores acima da média normativa são a Sc1 (Alienação Social) e a Sc2 (Alienação Emocional), com os valores 68 e 70, respectivamente. Este valores sugerem, na Sc1, um indivíduo que se sente maltratado, incompreendido e não amado, podendo, em casos extremos, acreditar que os outros tentam prejudicá-los fisicamente, na Sc2, apresenta-se com sentimentos de medo, depressão e apatia, podendo, em alguns casos, desejar estar morto. As outras subescalas (Sc3 - Ausência de Controlo do Eu, Cognitivo, Sc4 - Ausência de Controlo do Eu, Conativo, Sc5 - Ausência de Controlo do Eu, Inibição Defeituosa e Sc6 - Experiências Sensoriais Estranhas) encontram-se dentro da média normativa, como se pode constatar na Tabela VI, não apresentando sintomas significativos.

- As subescalas de Hipomania apresentam na Ma1 (Amoralidade), Ma2 (Aceleração Psicomotora) e Ma3 (Imperturbabilidade) valores dentro da média normativa, sem sintomas significativos. Contudo, a subescala Ma4 (Auto-envaidecimento), com valor 69, sugere avaliações irreais positivas que o indivíduo faz acerca de si próprio e das suas capacidades.

- Por último, com as subescalas de Introversão Social (Si1 - Timidez/ Auto-Contenção, Si2 - Evitação Social e Si3 - Alienação a Respeito a si Mesmo e aos Outros), os valores revelam-se abaixo dos valores normativos, não apresentando sintomatologia significativa.

### 9.2.7. Análise Final do M.M.P.I. 2

A avaliação seguiu os parâmetros recomendados por Butcher et al., e adaptado por Avila e Jiménez (1999).

Em relação à validade da prova, a “J.P.” respondeu a todos os itens, utilizando um registo aceitável, denotando respostas típicas e um bom funcionamento na prova. Contudo apresentou um quadro defensivo, por suposto conformismo e rigidez moral, com possível tendência em negar os seus problemas e dificuldades. Os resultados indicam que, apesar deste quadro, a validade da prova foi assegurada.

Os resultados na prova apontaram um perfil de imaturidade, centrado em si mesmo, com dificuldade em compreender as causas dos seus sintomas, revelando-se facilmente sugestionável. Também sugere um perfil com dificuldades no contacto social, demonstrando um senso crítico pobre, onde a instabilidade e a agressividade podem estar presentes. Há indícios de ausência de direcção, com sinais de traço pouco realista na sua auto-valorização, sugerindo falta de confiança sobre si própria, auto-depreciação e baixa tolerância à frustração. Em relação ao conteúdo das respostas, a “J.P.” manifesta sintomas aliados a problemas de ansiedade, nomeadamente de tensão e dificuldade nas tomadas de decisão, com possível comprometimento ao nível da concentração. Sugere ainda falta de interesse por coisas novas, indicando dificuldade em enfrentar os problemas e preocupações, com sentimentos de auto-referência. Ao nível das relações pessoais, descreve um perfil característico de pouca assertividade, facilmente influenciável, com indícios de conflitos familiares, ausência de afecto, falta de liberdade e independência adequadas. Sugere ainda avaliações irreais positivas que faz acerca de si própria e das suas capacidades.

Em relação à estabilidade comportamental, os resultados apontam para propensão à preocupação com o seu próprio funcionamento físico, indicando incómodo e saúde frágil, com tendência não só para debilidade e fadiga, como também para dificuldades em se concentrar e regular o sono, com inclinação para sentimentos de tristeza e amargura. Os valores apontam também para propensão de abuso de substâncias, com probabilidade de consumo efectivo, e um perfil com características de desafio de limites.

Os resultados alvitram uma possível psicose paranóide, apontando dificuldades de adaptação em determinado contexto, com indícios de uma visão do mundo como um lugar de ameaça, podendo levar a atitudes de desconfiança e suspeita e, em casos extremos, a ilusões

de perseguição. Sugere ainda sentimentos de incerteza perante o futuro, sem interesse sobre a sua vida, com possível tendência para ideação suicida.

### 9.3. T.A.T.

#### 9.3.1. Análise Detalhada dos Cartões

Na lâmina 1 a “J.P.” manifestou dificuldade em projectar-se, havendo presença de pensamentos ambivalentes. Caracterizou a personagem de forma depreciativa, como um menino ambicioso e orgulhoso. Apresentou angústia de castração e regressão, com sentimento de passividade e embotamento afectivo. Revelou uma concepção do mundo desordenada, sem margem para reparação dos erros cometidos e resignação dessa realidade. Abordou ainda sobre o conflito de existência de oportunidades para fazer o que quer, mas ao mesmo tempo não conseguir agir para realizar os seus desejos, sugerindo sentimentos de derrota e de impotência, ainda que tenha a noção de que esse sentimento é intrínseco

Na lâmina 3 GF, a “J.P.” respondeu ao estímulo, apresentando um desfecho dramático, com abnegação total do tipo de vida anterior ao acontecimento (traição conjugal). Descreveu a personagem como uma mulher fragilizada, mas ao mesmo tempo implacável, denotando angústia pela perda de objecto. Demonstrou instabilidade emocional, com sentimento de impotência e abandono, sugerindo inflexibilidade na compreensão do ambiente. Apresentou repressão e formação reactiva como mecanismos de defesa, salientando ainda as consequências do desfecho alargadas a todo o sistema familiar, indicando a sua destruição, sem oportunidade de minimização de danos, como sendo irreversível. Contudo a última frase denota indícios de reelaboração da sua auto-estima.

Na lâmina 4, a resposta ao estímulo desta lâmina seguiu a linha da lâmina anterior, sendo o tema semelhante. A descrição que fez da personagem principal destacou-se pela integridade e expectativa de alguém que foi traído, evidenciando angústia pela perda de objecto. Manifestou repressão e introjecção, no posterior desinvestimento na relação e na concepção do mundo, através do reforço da ausência de relações de confiança, e de não reciprocidade de boas intenções. Apresentou como conflito significativo a entrega na relação versus a traição e decisão de finalização da mesma. O final remeteu ainda para o

arrependimento da traição, pela outra personagem, mas sem haver hipótese de remediar a situação e conformidade sobre o desfecho. A “J.P.” reporta-se à infância perdida, quando refere que uma das personagens trabalha num bordel, mas que é inocente, criando um paradoxo e indicando pena por ter perdido a inocência.

Na lâmina 6 GF, o estímulo foi aceite com alguma resistência por parte da “J.P.”, manifestando algum incómodo durante a sua resposta. A caracterização que fez da personagem principal indicou uma jovem imatura e aterrorizada por um pai severo e onnipotente, que a impediu de seguir com a sua vontade. Apresentou angústia de castração, com sentimento de impotência, repressão e racionalização do estímulo em relação ao final, em que prevaleceu a autoridade paterna, com prejuízo da individualidade da personagem. Designou o meio como dominador, sem espaço para as escolhas pessoais e conseqüente conformismo pelo mesmo. Novamente, invocou o roubo da infância, sentindo-se impotente perante o pai, perdendo assim a sua inocência, a sua identidade

Na lâmina 7 GF, o estímulo foi respondido sem dificuldade, no entanto destacou-se o embotamento afectivo demonstrado durante a resposta. A personagem principal foi descrita como uma menina que sofria de abandono afectivo dos pais, manifestando angústia pela perda de objecto. Foi ainda referida a sua imaturidade, bem como o seu desinteresse pelos outros e pelo meio, causado pela ausência dos pais. A concepção do mundo passou pela superficialidade nas relações familiares, sem existência de afecto. A sua projecção foi patente, tal como o deslocamento, sendo o desfecho descrito por conformismo, com clara consciência da culpa dos pais, mas contudo com posterior modelagem dos comportamentos dos pais na sua idade adulta.

Na lâmina 12 F, o estímulo foi respondido de forma desestruturada, tendo a “J.P.” recorrido ao uso da fantasia. Teve como personagem principal o fantasma de uma mulher morta, que tinha como objectivo o uso da vingança para com a sua neta como forma de resolver questões pendentes. Descreveu sentimento de impotência, com criação de meio fantasioso e alienado. Apresentou final mágico, com recorrência a ajuda divina (médium) que mediou o conflito e evitou o prolongamento da situação, manifestando um claro pedido de ajuda, podendo este médium estar associado à psicóloga.

Na lâmina 13 MF, o estímulo foi correspondido com facilidade, mostrando empenho na história. A personagem principal foi descrita como um assassino em série, um homem perturbado que matou mulheres para se vingar da mãe, enunciando uma causalidade fatalista.

O conceito do meio revelou um mundo onde todas as mulheres eram modelos da sua mãe, considerando insuportável viver nele. Está presente a angústia de fragmentação, onde o sofrimento se revela através da violência e morte. A racionalização, bem como a expiação, também são expressivos, tendo como forma de resolução o suicídio da personagem principal. Esta solução, desajustada, é reforçada pela existência de consciência do erro que comete, não havendo espaço para qualquer oportunidade de reparação. A “J.P.” desresponsabiliza-se, no fundo, pelos seus actos, por estar traumatizada.

Na lâmina 16, a “J.P.” sentiu dificuldade em responder, contudo a sua resposta indicou grande susceptibilidade ao estímulo. Colocou como personagem principal ela própria, mas com 9 anos, estando evidente a regressão. Descreveu-se como uma menina imatura e frágil, alvo dos desajustes dos pais, tendo só como garantia o afecto dos irmãos. Depois projectou-se para a actualidade, onde se viu como uma mulher realizada. Apresentou um conceito do mundo desestruturado e sem protecção, onde também ficou patente a ambivalência entre o sofrimento pelo abandono, e a violência dos pais, com o seu afecto por eles. A angústia de castração está presente, assim como a racionalização e a compensação, revelando igualmente conformismo e fantasia no desfecho da história, sem presença de penalização para os pais, denotando indícios de uma projecção quase psicótica.

Na lâmina 17 GF, o estímulo provocou na “J.P.” alguma hesitação, procurando esquivar-se à resposta, denotando embotamento afectivo. Construiu a personagem principal como uma adolescente imatura e desinteressada pela vida, sugerindo no suicídio uma forma de acabar com o seu sofrimento. Destacou-se a angústia de fragmentação, onde o conflito prevaleceu entre a decisão pela vida ou morte. A concepção do mundo revelou-se desestruturada, com ambivalência de domínios entre os factores que a consternavam e os factores que a prendiam à vida. Apresentou racionalização e ideação suicida, numa projecção quase psicótica, denotando conformismo e fantasia no desfecho.

Na lâmina 18 GF, o estímulo provocou alguma inquietação, contudo a resposta foi dada seguidamente. Construiu a personagem principal através de uma mulher, já idosa, com ideação homicida em relação ao marido doente. Mais uma vez, a angústia de fragmentação evidenciou-se, com embotamento afectivo e acesso à racionalização na explicação do motivo para a ideação. Revelou o meio como algo obsoleto e estagnado, sem existência de compensação na vida. Apresentou conformismo e expiação, através da não realização do impulso homicida e da conseqüente prestação continuada de cuidados ao marido, e também

negação, reforçada pela consciência da incapacidade de matar, não negando, contudo, a ideação.

### 9.3.2. Análise Final do T.A.T.

A análise foi orientada pelo manual de utilização de Shentoub e colaboradores (1990). Em relação à estrutura inconsciente e às pulsões da “J.P.”, pode-se indicar a existência de um sistema baseado em ideias de auto-depreciação, com marcada ambivalência entre a sua vulnerabilidade para com os outros e a crença que as pessoas a maltratam, sugerindo imaturidade e baixa auto-estima. Em relação a este último, notam-se indícios de reelaboração da auto-estima, podendo estar relacionado com algumas mudanças recentes na sua vida, nomeadamente o emprego e o termo da relação com o companheiro. É importante referir as pulsões latentes de abandono e violência, manifestadas não só através de personagens que a abandonam e atraíam, como também do seu impulso em resolver os conflitos com abandono efectivo e sofrimento auto-infligido, como a ideação suicida, ou direccionado aos outros, desresponsabilizando-se das suas acções por causa dos seus traumas.

A sua concepção do mundo destaca-se pela ausência de liberdade, marcada pelo excessivo poder autoritário dirigido a si, pela falta de confiança nos outros, e pela superficialidade nas relações sociais, sem expressão dos afectos. Manifesta desta forma uma construção do meio desadequada e fantasiosa, apresentando sentimentos de impotência perante um mundo que a rejeita e não a protege (comparando-o à mãe), impedindo-a, ao mesmo tempo, de conseguir libertar-se (comparando-o ao pai). Este sentimento de impotência também está associado à perda da infância, da inocência, relatado nas histórias relacionadas com a figura paterna, revelando perda de identidade.

A sua relação com os outros é vista com desconfiança, com crença de que a atraíam e maltratam, não passando da socialização em superfície, com embotamento afectivo e imaturidade psicosexual. Também é notória a presença de vulnerabilidade perante os outros, sendo facilmente influenciável, apontando pouca capacidade na tomada de decisões. Os seus conflitos significativos indicam basear-se não só, na pouca capacidade em tomar decisões, pelas consequências que as suas decisões possam causar, como também na dificuldade em perceber as rejeições de que se sente alvo e na dificuldade em desenvolver uma relação

afectiva. Também está presente a ambivalência de sentimentos em relação aos seus pais, detectando, por um lado, a revolta pelo abandono e pelos maus-tratos a que foi submetida e, por outro, o afecto que sente por eles. Outro conflito apresentado revela que a “J.P.” tem noção da gravidade das acções dos pais contra ela, rejeitando esse modo de vida, contudo acredita que acabará inevitavelmente por fazer o mesmo. A oscilação de pensamentos de vingança e morte, contrabalançada pelo conformismo e resignação dos seus desejos, também é notória, sugerindo sentimentos de derrota e impotência perante si própria e os outros, com noção de que esse sentimento é intrínseco.

A natureza das suas ansiedades remete para a ansiedade de perda de objecto desejado (perda dos pais), perda de amor (na traição e rejeição), perda de identidade (angústia de castração) e perda de auto-estima (auto-desvalorização).

Os principais mecanismos de defesa utilizados foram a projecção (demonstrada num registo quase psicótico), a racionalização (procura da justificação racional de comportamentos anormais ou não admitidos socialmente), a repressão (afastar ou recalcar da consciência um afecto, uma ideia ou apelo do instinto) e a fantasia (concepção de uma situação que satisfaz uma necessidade ou desejo que não pode, na “vida real”, ser satisfeito). Também estão presentes, com menor frequência, a regressão, a formação reactiva, o deslocamento, a expiação, a compensação e a anulação.

Em relação à estrutura do *super-ego*, este revela-se de duas formas: por um lado, destaca-se de maneira inflexível, com penalização imediata da falha, não só para com a pessoa que errou, mas para todos os envolvidos, por outro revela-se através da passividade, não penalizando os ofensores. A estrutura do *super-ego* é instável e desajustada à realidade, não estando compensadas as principais funções do *super-ego*: consciência, auto-observação e formação de ideais. No que respeita à integração e constituição do *ego*, este não se encontra adaptado à realidade externa, manifestando-se como um reflexo do *super-ego*, através do desajuste ou conformismo. As angústias presentes são as de castração, de perda de objecto e de fragmentação, sendo a angústia de fragmentação a manifestada de forma mais significativa.

A análise da prova da “J.P.” sugere como instância dominante o *id*, indicando uma pessoa centrada nela própria, estabelecendo uma relação desestruturada com o meio, apresentando ainda um *ego* e *super-ego* a funcionarem num registo similar, sendo a sua

angústia principal a fragmentação. Apresenta ainda dificuldade em se adaptar à realidade, com clivagem e repressão acentuadas, indicando possibilidade de psicose.

#### 10. Entrevista e Observação do Estado Mental

Para Yin (2003), as entrevistas apresentam uma fonte essencial de evidências para estudos de caso, visto a maioria tratar de questões humanas. Na visão do autor, o processo de recolha de dados no método de estudo de caso é mais complexo do que a maioria dos restantes métodos.

A partir das diversas entrevistas feitas durante as consultas, tornou-se necessário salientar alguns pensamentos e aspectos da vida da “J.P.”, através das suas próprias palavras, descrevendo também vários aspectos do seu estado mental observados durante a sua exposição, segundo a orientação de Kaplan e Sadock (1998). As entrevistas foram um instrumento muito importante para que a “J.P.” pudesse expor decisivamente vários aspectos da sua vida, ao mesmo tempo que a relação terapêutica se reforçava. A exposição destes acontecimentos esclareceu distintamente as relações com os diversos membros da sua família, com o ex-companheiro e sobre os últimos eventos.

Relativo à primeira afirmação que a “J.P.” formou sobre os seus pais, nomeadamente sobre o modo de vida que escolheram e a forma como a trataram, foi: *“Vejo os meus pais como um espelho, que reflecte tudo aquilo que eu não quero ser.”* Esta afirmação é sentida pela “J.P.” como uma orientação de vida, mostrando a sua determinação através da sua postura recta e adequada ao conteúdo.

A “J.P.” demonstrou por diversas vezes, nas entrevistas, vontade de provar não ser igual aos pais, e que apesar de ser filha deles, acredita poder lutar contra essa forma de vida. Comparando a sua vida actual à vida dos seus pais, disse: *“O que eles fizeram e como eles viveram não é exemplo para ninguém, (...) eu consegui fazer a minha vida sem ser igual a eles. Mas só mais tarde, já crescida, é que percebi realmente que os meus pais não eram normais.”* O seu procedimento perante este comentário mostra um estado emocional desanimado e envergonhado, no sentido em que a “J.P.” pensa que devia ter-se dado conta mais cedo sobre o real carácter dos pais e a gravidade dessa situação.

Sobre a relação familiar, refere hesitações em relação ao investimento afectivo, contudo acaba por não se conseguir desligar da família, não só dos pais, como também dos irmãos. Em seguida, são apresentadas algumas citações que elucidam esta situação: *“Sinto-me revoltada, ainda me sinto revoltada... sempre quis ajudá-los, sempre dei tudo o que tinha para eles, não acho correcto que me tratem assim. (...) Sei que só gostam de mim por causa do dinheiro, sei que isso é verdade, toda a gente me diz isso. Sinto-me muito magoada”*. O seu comportamento, respeitante a estes comentários, foi agitado, com atitude irritável e humor tenso e ressentido. Mais uma vez, o sentimento de vergonha tornou a aparecer, derivada à facilidade com que se deixa manipular pela família, com expressão dos afectos instável.

No que toca, especialmente, à sua relação com a mãe, a “J.P.” acrescenta: *“Desde que fiquei grávida da “I”, comecei a querer afastar-me da minha mãe, também porque não queria esse tipo de pessoas na vida da minha filha. Mas com a morte da “I”, voltei a dar uma hipótese à minha mãe, por ter pena dela... ninguém lhe liga. (...) Não sei se seria uma boa mãe, tendo em conta o exemplo de mãe que tenho. (...) Sinto-me órfã de mãe, nunca mais quero ter nada com ela. É castigo de Deus ter tido esta mãe e ela me dar tantos problemas. Sempre a ajudei a minha mãe, porque sinto pena dela, por esta ter S.I.D.A. Gostava de ter tido uma mãe normal, a minha mãe é muito estranha.”* Sempre que a “J.P.” se referiu à mãe, o seu comportamento revelou-se agitado, com estado de humor tenso e ressentido, tendo também, por duas vezes, ter cerrado os punhos durante alguns minutos, com muita força.

Em relação ao pai, manifestou sempre alguma dificuldade em falar, demonstrando-se, muitas vezes, triste e desanimada, preferindo escrever primeiro sobre ele e depois, durante as consultas, expor as experiências que viveu. Contudo, mostra-se mais ressentida em relação ao seguinte aspecto: *“O meu pai nunca confiou em mim, ao contrário dos outros filhos... Sempre me disse que era parecida com a minha mãe e que por isso eu não mereço confiança. (...) Aos outros filhos dá tudo, a minha irmã mais nova gasta tudo o que tem na droga, e ele dá-lhe tudo o que ela pede...e eu que sempre fiz tudo bem, nunca causei problemas, nem vícios...ele trata assim, já me prejudicou de propósito para que eu não conseguisse um empréstimo no banco para a casa. (...) Chegou a dizer-me que a “I” não era neta dele. (...) O pior é que quando ele está doente, é a mim que chama para cuidar dele.”*

Quando questionada sobre a perda da filha e dos poucos momentos que viveu com ela, a “J.P.” mostrou-se, várias vezes, revoltada, não só pela perda, mas por se sentir derrotada, comparando a sua situação com as das outras mães, com bebés internados na mesma altura

que a sua filha, e que sobreviveram: *“É injusto ter perdido a “I”. (...) Passei aquele tempo todo na Neonatologia, com esperanças, a dar apoio às outras mães, a dizer para terem força, que tudo ia correr bem...e eu é que perdi a minha filha. Os outros bebês ficaram bem...Só a minha é que morreu. Parece ironia do destino.”* O seu comportamento revelou-se tenso, com humor sombrio e ressentido, uma postura encurvada e embotamento afectivo. O seu curso de pensamento foi expressado com associações entre o que considerava ser justo para ela e a sensação de ironia relativa ao apoio que deu a outras mães, que não perderam os seus filhos.

Sobre alguns pormenores referentes à relação com a filha e como o luto foi iniciado após a perda, a “J.P.” referiu: *“Antes do enterro, beijei a minha filha e acariciei-a, a sua cara levou as minhas lágrimas. (...) Toda a gente me diz para a esquecer, até para apagar todas as fotos e vídeos dela, para agir como se ela nunca tivesse existido. Isso magoa-me, porque estão a pedir-me para esquecer a minha filha. (...) Quando ela estava viva, descobri que sempre que eu fazia um determinado som com a boca, a “I” sorria para mim. Quando a “J.P.” fez esta última afirmação, sorriu pela primeira vez desde a perda da filha, mostrando-se uma postura e estado emocional adequados ao conteúdo. Mais tarde, disse: “Custa-me ver a minha filha lá enterrada (no cemitério), no meio das outras campas. Vou lá para pôr flores, porque alguém tem de o fazer, mas não gosto de lá ir, venho logo embora. Já pensei que podia ter pedido para a “I” ser cremada, para poder ficar com as cinzas dela, guardá-las na minha casa ou lançá-las ao mar. Sinto que seria mais fácil para ultrapassar a perda, do que vê-la no cemitério.”* A sua relutância em aceitar a perda da filha nota-se não só nas suas palavras, mas também nas suas acções, culminando com a dificuldade física e psicológica que sente em ir ao cemitério.

A relação com o companheiro foi sempre considerada pela “J.P.” como pouco estável e consistente, relativa aos ciúmes do companheiro, contudo referia que ele a amava e por isso mantinha a relação: *“Ele foi o único que demonstrou amor por mim, por isso sei que ele pode-me fazer feliz...Ele ainda não cresceu, tem medo de me perder por eu ser mais velha, mas sinto que ele me ama de verdade”*. Todavia, expôs que foi com ele que se sentiu mais magoada: *“Depois de uma discussão com ele, fui à cozinha e olhei para uma faca, senti que nada valia a pena, pensei na filha que perdi, pensei que já não valia a pena viver, senti-me sozinha... Ele chamou-me mentirosa, disse-me que o tinha traído...só falei com a tia dele ao telefone...Percebi que nem o “M” tinha mais comigo.”* Os seus comentários sobre o

companheiro manifestaram sempre um comportamento lentificado, com humor deprimido e afecto instável.

Já durante as consultas demonstrava vontade em acabar com a relação com o “M”, dizendo que, ao alugar uma casa, não se via a viver lá com ele: “*Imagino-me a viver sozinha, imagino-me a mudar de casa com o “M”, mas não a viver lá com ele. Ele não se vai adaptar a nova situação, a um emprego fixo, a responsabilidades. (...) Quero organizar a minha vida, com ou sem ele. Mas não tenho coragem para lhe dizer isso.*” Quando a relação acabou, a “J.P.” disse: “*Durmo melhor sem ele... Quando estava com ele, não conseguia dormir bem, sentia-me insegura e desconfortável, porque já não gostava dele e não queria partilhar mais nada com ele.*” Neste último comentário, o seu comportamento indicou-se tranquilo, com humor feliz e afecto adequado ao conteúdo.

Ainda de salientar que numa tarefa de Projecto de Vida, a “J.P.” revelou no final: “*Se Deus quiser...*”, e em relação a isso explica: “*Disse que Ele é que decide sobre como a minha vida vai correr, eu tenho força para muita coisa, mas sozinha não consigo, precisa da ajuda Dele.*” A sua postura indicou alguma hesitação, mostrando-se reservada em relação a esta afirmação, contudo mencionou confiança em relação ao futuro. A “J.P.” parece ter encontrado algum consolo na espiritualidade, sugerindo uma atitude auspiciosa, uma vez que o circuito familiar e de amigos não parece dar-lhe nenhum tipo de suporte.

## Discussão dos Resultados

### 1. Introdução

A família é um tipo especial de sistema, para Haley (1979), por possuir uma história, isto é, um passado e um futuro. Por sua vez, Reis (1984, cit. *in* Lane et al., 1985) afirma ser na família, o local privilegiado de reprodução ideológica, onde se desenvolve a aprendizagem do primeiro papel social: o de filho, cuja submissão, aceitação dos valores e controlo dos pais são apresentados como naturais e necessários.

Porém, quando na família se traça um percurso de violência, segundo Ferrari e Vecina (2002), isso pode dever-se a um fenómeno multicausal (experiência de socialização, características patológicas, factores situacionais de stress, factores culturais, sociais e políticos, características particulares dos pais e/ou dos filhos); como também a problemas de comunicação na família, mecanismos específicos de defesa (cisão, negação, identificação projectiva), baixa auto-estima dos membros, dificuldade na criação e controlo de limites, isolamento social acentuado e o silêncio. Em relação a este último factor, Sudermann e Jaffe (1999, cit. *in* Sani, 2006) afirmam que as pessoas vivem em segredo, com o problema da violência na sua família, e que o medo reforça esse silêncio.

De acordo com Andolfi (1996), quando falamos de família, não nos podemos limitar em termos de progenitores e filhos, devendo sempre ter uma visão mais ampla que leve em consideração as gerações anteriores e as regras sociais próprias de cada época, sendo a história das gerações, que precederam o indivíduo, cheia de significados.

Segundo Lopes e Fleming (1998), certos aspectos (como a violência, por exemplo) também passariam de geração em geração, comprometendo as percepções e vivências dos sujeitos, ficando este ligado a uma rede de significações, que lhe poderia retirar competências para saber e decidir por si próprio, mais dirigido para um saber e experiências transmitidos por outros, pelos quais se vê emaranhado.

Bowen (1988, cit. *in* Brown, 1999) refere que a proximidade extrema ou o distanciamento numa relação familiar, podem ser a chave geradora de stress nas famílias, sendo o grau de stress, em qualquer família, determinado pelos níveis correntes de stress externo e a sensibilidade a temas particulares transmitidos pelas gerações na família.

O estudo de caso apresentado evidencia estas questões, relacionando o sistema familiar com o contexto da violência, destacando também a importância da transgeracionalidade na vivência de um determinado indivíduo. O objectivo deste estudo permite um contacto detalhado com uma existência e uma pertença, ligadas a um sistema familiar disfuncional e desmembrado, com histórico de violência, onde se torna singular compreender o seu percurso. Para a prossecução dos objectivos optou-se pelo método do estudo de caso, sendo importante referir Creswell (1997), que afirma a importância do método de estudo de caso, tendo como foco desenvolver uma análise com profundidade de um único caso ou de casos múltiplos.

## 2. Síntese de Anamnese

A “J.P.” é uma senhora de 29 anos. É divorciada, mora em Vila Nova de Gaia e trabalha como técnica de apoio ao cliente no serviço de pós-venda de uma superfície comercial. A sua caracterização física descreve uma mulher de estatura média, cabelos louros e olhos escuros, com uma expressão corporal e facial tranquila.

A “J.P.” nasceu num sistema familiar disfuncional, com presença de outro relacionamento afectivo do pai, o qual foi aceite pela sua mãe, juntando as duas famílias, ao longo do tempo. Os episódios de abandono da mãe e de violência do pai foram frequentes durante a sua infância, seguindo uma escalada à medida que ia crescendo e o número de irmãos ia aumentando, em ambas as famílias. A “J.P.” chegou a reprovar alguns anos na escola por ficar em casa a cuidar dos irmãos. Com 10 anos, foi para uma instituição de solidariedade social, onde se manteve até aos 15, altura em que tornou a viver com o pai, repetindo-se os episódios de violência. Com 18 anos, decidiu ir viver com o namorado, casando dois anos mais tarde. Aos 23 anos, engravidou, a pedido do marido, mas às 20 semanas ocorreu morte fetal. Este acontecimento desencadeou a ida, com o marido, para o Reino Unido e recomeçar a vida. Lá descobriu que o marido a traía, e decidiu separar-se e ficar lá sozinha a trabalhar. Três anos depois voltou a Portugal, onde encontrou o último companheiro, 5 anos mais novo, e decidiu viver com ele. A situação dele era precária, sem formação ou trabalho, “vivendo às custas dela”. O relacionamento com a família continuou conflituoso, principalmente com a mãe, que lhe cobrava dinheiro e bens por atenção. A “J.P.”

decidiu engravidar novamente, pelo pretexto de que este companheiro a amaria de verdade e que isso lhe dava vontade de ser mãe. Às 28 semanas, houve complicações na gestação, precipitando o parto. O bebê, do sexo feminino, acabou por falecer 16 dias depois, derivado a uma grande imaturidade dos órgãos. Esta situação levou a um confronto com o companheiro, que precipitou o afastamento dos dois, mais tarde tendo-se separado do mesmo. Em relação à família, surgiu uma ambivalência de sentimentos e no investimento afectivo, provocando situações de evitamento do pai e grande conflito com a mãe e irmãos, mas sem ruptura definitiva, isto é, com retorno constante para a família, o que sustenta o conflito.

### 3. Observação e Exame do Estado Mental das Entrevistas

A sua participação, durante as entrevistas, foi colaborante e adequada ao contexto, aumentando a exposição dos episódios que viveu, de acordo com o reforço e suporte da relação terapêutica. No entanto, torna-se importante referir alguns aspectos principais. Nas várias ocasiões em que se referiu à mãe, houve um extrapolamento da sua reacção, tendo, numa das vezes, cerrado os punhos com força, demonstrando abertamente a tensão que de resto só muito lentamente foi diminuindo demorando-se a acalmar: *“Sinto-me órfã de mãe, nunca mais quero ter nada com ela. É castigo de Deus ter tido esta mãe e ela dar-me tantos problemas.”*

Em relação ao pai, por sua vez, manifestou sempre alguma dificuldade em falar, demonstrando-se, muitas vezes, triste e desanimada, preferindo escrever primeiro sobre ele e depois, durante as consultas, expor as experiências que viveu: *“O meu pai (...) sempre me disse que eu era parecida com a minha mãe e que, por isso, eu não mereço confiança.”*

Também se observou um estado emocional desanimado e envergonhado, em relação à crença de que devia ter-se dado conta mais cedo sobre o real carácter dos pais e sobre as consequências dessa situação; e pela facilidade com que se deixa manipular pela família, com ambivalência de sentimentos: *“Sei que só gostam de mim por causa do dinheiro, sei que isso é verdade, toda a gente me diz isso. Sinto-me muito magoada”*.

Os seus comentários sobre o companheiro manifestaram sempre um comportamento lentificado, com humor deprimido e afecto instável: *“Quero organizar a minha vida, com ou*

*sem ele. Mas não tenho coragem para lhe dizer isso.*” No entanto, após a separação, o seu comportamento indicou-se tranquilo, com humor feliz e adequado ao conteúdo.

Nas diversas ocasiões em que se referiu à perda da filha, o seu comportamento revelou-se tenso, com humor sombrio e ressentido, uma postura encurvada e embotamento afectivo. O seu curso de pensamento foi expressado com associações entre o que considerava ser justo para ela e a sensação de ironia relativa ao apoio que deu a outras mães, antes de a sua filha falecer, que não perderam os seus filhos: *“Só a minha é que morreu. Parece ironia do destino.”*

A sua relutância em aceitar a perda da filha notou-se não só nas suas palavras, mas também nas suas acções, culminando com a dificuldade que sente em ir ao cemitério: *“Custa-me ver a minha filha lá enterrada (no cemitério), no meio das outras campas. Vou lá para pôr flores, porque alguém tem de o fazer, mas não gosto de lá ir, venho logo embora.”*

Torna-se relevante salientar o apoio que a “J.P.” busca através da espiritualidade, em relação ao futuro, quando diz: *“Se Deus quiser”*, vendo nessa forma de ser e de estar, alguma esperança para a sua vida.

#### 4. Análise do Resultado dos Testes

Em seguida serão apresentados alguns aspectos importantes, destacados de cada prova, da personalidade da “J.P.”.

No Rorschach, verificou-se uma ausência de análise e de curiosidade em relação aos estímulos externos, sugerindo também uma atitude defensiva e inexistência de capacidades de investigação, em relação a estímulos novos e desconhecidos, com inibição do pensamento. Denota-se ainda a tentativa de um funcionamento corrente e necessário, de forma a apreender a realidade o mais próximo possível do contorno formal. Observa-se assim um rigor no pensamento, com fraca produtividade e evitamento ao imaginário.

Os resultados também apontam para uma socialização em superfície, com dificuldades nos processos afectivos e emocionais e atitude conformista perante os outros, estando a socialização em profundidade comprometida. Os valores sugerem ainda um nível de aspirações que são conduzidas para o nível da fantasia. Estão presentes sentimentos de insatisfação, dependência e angústia de perda de objecto, encarados com resistência por parte

da “J.P.”. No entanto, também revela capacidade de transformar esse sofrimento, através da introspecção e auto-crítica.

Também foi averiguada a existência de sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos às pessoas em geral (sociedade). A inibição do pensamento relativa à representação de si própria e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se através da angústia de fragmentação, percebendo a realidade de forma distorcida.

Na prova do M.M.P.I. 2, sugere um perfil com dificuldades no contacto social, demonstrando um senso crítico pobre, onde a instabilidade e a agressividade podem estar presentes. Há indícios de ausência de direcção, com sinais de traço pouco realista na sua auto-valorização, sugerindo falta de confiança sobre si própria, auto-depreciação e baixa tolerância à frustração. Ao nível das relações pessoais, descreve um perfil característico de pouca assertividade, facilmente influenciável, com indícios de conflitos familiares, ausência de afecto, falta de liberdade e independência adequadas. Sugere ainda avaliações irreais positivas que faz acerca de si própria e das suas capacidades.

Os valores apontam também para propensão de abuso de substâncias, com probabilidade de consumo efectivo, e um perfil com características de desafio de limites. Os resultados alvitram uma possível psicose paranóide, apontando dificuldades de adaptação em determinado contexto, com indícios de uma visão do mundo como um lugar de ameaça, podendo levar a atitudes de desconfiança e suspeita e, em casos extremos, a ilusões de perseguição. Sugere ainda sentimentos de incerteza perante o futuro, sem interesse sobre a sua vida, com possível tendência para ideação suicida.

A prova de T.A.T. revela uma concepção do mundo destacado pela ausência de liberdade, marcada pelo excessivo poder autoritário dirigido a si, pela falta de confiança nos outros, e pela superficialidade nas relações sociais, sem expressão dos afectos.

Manifesta desta forma uma construção do meio desadequada e fantasiosa, apresentando sentimentos de impotência perante um mundo que a rejeita e não a protege (comparando-o à mãe), impedindo-a, ao mesmo tempo, de conseguir libertar-se (comparando-o ao pai). Este sentimento de impotência também está associado à perda da infância, da inocência, relatado nas histórias relacionadas com a figura paterna, revelando perda de identidade. A análise da prova sugere como instância dominante o *id*, indicando uma pessoa centrada nela própria, estabelecendo uma relação desestruturada com o meio, apresentando ainda um *ego* e *super-ego* a funcionarem num registo similar, sendo a sua angústia principal a

de fragmentação. Apresenta ainda dificuldade em se adaptar à realidade, com clivagem e repressão acentuadas, indicando possibilidade de psicose.

## 5. Conclusão da Análise

O resultado das provas sugere rigidez no pensamento, com fraca produtividade e evitamento ao imaginário. Também apontam para uma socialização em superfície, com sentimentos de agressividade reprimidos e dirigidos às pessoas em geral. Ao nível das relações pessoais, descreve um perfil característico de pouca assertividade, sendo facilmente influenciável, com baixa auto-estima. Há indícios de propensão de abuso de substâncias e um perfil com características de desafio de limites.

As provas apontam para uma pessoa centrada nela própria, estabelecendo uma relação desestruturada com o meio, com indícios de uma visão do mundo como um lugar de ameaça, podendo levar a atitudes de desconfiança e suspeita, com possível tendência para psicose.

A inibição do pensamento relativa à representação de si própria e das suas relações em combinação com a dissociação de pensamento destacam-se através da angústia de fragmentação, percepcionando a realidade de forma distorcida, podendo levar a ideação suicida. Contudo, há indícios de reelaboração da auto-estima, e capacidade de transformar o seu sofrimento, através da introspecção e auto-crítica.

## 6. Plano de Intervenção

Os objectivos de um plano de intervenção, neste estudo de caso, correspondem a possibilitar um acompanhamento psicológico contínuo à “J.P”. Uma psicoterapia individual possibilitaria uma maior compreensão da sua vivência, bem como uma verificação do seu sistema de crenças, nomeadamente em relação aos seus pais. É necessário também enfatizar a construção de uma maior adaptação social, ajudar a criar competências para a criação de uma maior individualidade, possibilitando um crescimento da personalidade imatura.

Também seria importante existir um acompanhamento psicológico na sua família de origem (principalmente, o pai e a mãe). A terapia familiar auxiliaria nas relações afectivas e no suporte emocional, através do aumento da comunicação, bem como na possibilidade de

maior individualidade, sem prejudicar a coesão. Segundo Kaplan e Sadock (1998), a terapia familiar permite ajudar a família a compreender o processo de triangulação e a abordar o conflito mais profundo subjacente ao comportamento do paciente identificado.

È importante referir que a sua mãe tem acompanhamento psiquiátrico, por ser portadora do vírus da S.I.D.A., contudo seria também importante o pai ter algum tipo de acompanhamento psicológico individual, visto ter sido o principal agressor nos casos de violência.

A terapia de grupo poderia ser uma hipótese viável, onde a “J.P.” estaria em contacto com outras pessoas, também vítimas de violência familiar, partilhando a sua história, e permitindo-se a conhecer outras experiências de vida.

## 7. Discussão do caso

Transmitindo o que Lopes e Fleming (1998) dizem, a pessoa vê-se ao espelho na geração anterior, como numa espécie de jogo de espelhos, e transforma-se a si próprio no espelho da geração a seguir. Em relação à “J.P.”, a sua própria afirmação: *“Vejo os meus pais como um espelho, que reflecte tudo aquilo que eu não quero ser.”*, revela a tentativa de se soltar de uma herança da geração anterior, herança essa que lhe deixou profundas marcas, que ela não aceita continuar a suportar. A “J.P.” não se identifica com os seus progenitores, rejeitando o seu modo de vida, encarando o comportamento dos pais como o oposto do que pretende seguir.

A sua vivência tem sido de tal forma orientada contra os princípios de vida dos seus pais, que por várias vezes sentiu necessidade de se afastar deles. A “J.P.” fez esforços para se afastar da mãe, quando engravidou, na tentativa de recomeçar a sua vida longe da sua família de origem. Contudo, com a perda da filha, ela voltou a aproximar-se da mãe. Para Soifer (1980), a vivência persecutória consiste que a gravidez tão desejada implique a perda da própria mãe, por se haver concretizado a fantasia infantil invejosa: ter o filho pela destruição da mãe.

Uma das questões da “J.P.” remete para o facto de que, embora ambos os pais a rejeitem, justificando que não corresponde às expectativas deles, observa-se que sempre que precisam de apoio, é a ela que recorrem, desde a sua infância, onde passou muito tempo a

cuidar dos seus irmãos, até à actualidade. Segundo Groisman (1996), a escassa diferenciação entre os membros da família conduz a uma confusão de papéis que provoca perturbações na estrutura hierárquica da família, com inversões nas quais os filhos tornam-se pais e os pais tornam-se filhos, ou são todos irmãos, sem haver uma distribuição clara de papéis. Mannoni (1981), por sua vez, afirma que os pais, inconscientemente, deixam ao seu filho a responsabilidade de refazer a sua história, mas refazê-la de tal maneira, que nada deva ser mudado. É interessante notar que mais nenhum outro filho foi solicitado para desempenhar este papel de prestador de cuidados. De acordo com Boszormenyi–Nagy (1965, cit. *in* Sexton et al., 2003), isso pode acontecer desde a infância porque a criança aceita uma responsabilidade emocional, encarregando-se do cuidado de algum membro da família. Actualmente, a prestação dos cuidados está principalmente orientada para a sua mãe, através de bens alimentares e medicamentos.

Segundo Cerveny (1997), seria provável declarar categoricamente que toda família transmite o seu modelo, mesmo aquelas que trabalham para não o fazer. A autora revela que não são só os pais que se incluem, mas todo o sistema familiar, estando abrangidas as gerações passadas, servindo como modelo para a transmissão de padrões comportamentais, que tendem a repetir-se, podendo eventualmente saltar uma geração, mas sendo encontrados nas posteriores. A “J.P.” tem noção da gravidade das acções dos pais contra ela, rejeitando esse modo de vida, contudo acredita que acabará inevitavelmente por fazer o mesmo. Esse conflito, presente em tudo o que faz, é alvo da sua rejeição, contudo, é alimentado pelo espectro das gerações anteriores. Para Bowen (1978), enquanto a pressão imediata pode ser libertada pelo corte emocional, os padrões de reacção na relação próxima continuam inalterados e as versões do passado, ou a imagem do espelho são repetidas.

Apesar das condições actuais (idade, independência financeira) possibilitarem um afastamento em relação à família de origem, isso não se verifica, envolvendo a “J.P.” num ciclo vicioso. De acordo com Mannoni (1981), as crianças andam, não só porque têm pernas, mas porque os seus pais assim o permitem.

## 8. Pesquisas Futuras

Seria interessante, como pesquisa futura, comparar a história de sujeitos com passado familiar disruptivo e o seu impacto na estrutura da personalidade dos mesmos, nomeadamente em relação a possíveis psicopatologias.

## Bibliografia

Ackerman, N. W. (1986). *Diagnóstico e Tratamento das Relações Familiares*. Porto Alegre, Artes Médicas

Alarcão, M. (2002). *Desequilíbrios Familiares*. Coimbra, Quarteto

Almeida, L. & Freire, T. (1997). *Metodologia da Investigação em Psicologia da Educação*. Coimbra, Apport.

Andolfi, M. (1996). *A Linguagem Do Encontro Terapêutico*. Porto Alegre, Artes Médicas

Angelim, F. P. (2004). *Construindo novos discursos sobre a violência doméstica: uma articulação entre a Psicologia Clínica e a Justiça*. Dissertação de Mestrado. Brasil, Universidade de Brasília.

Ávila, A. & Jimenez, F. (1999). *MMPI 2, Inventário Multifásico de Personalidade de Minnesota*. Versão espanhola. Madrid, TEA

Bowen, M. (1978). *Family Therapy in Clinical Practice*. New York, Aronson

Bozormeny-Nagy, I. & Spark, G. (1973). *Invisible Loyalties*. New York, Harper Row

Boszormenyi-Nagy, I. & Krasner, B. (1986). *Between give and take. A Clinical Guide to Contextual Therapy*. New York, Brunner/Mazel

Brown, J. (1999). Bowen Family Systems Theory and Practice: Illustration and Critique. Education Update. *Fundamentals of Theory and Practice*, A.N.Z.J. Fam. Ter., Vol. 20, Nº 2, pp 94 – 103

Canavarro, M. (coord) (2007). *Psicologia da Gravidez e Maternidade*. Lisboa, Quarteto

Cancrini, L., Gregorio, F., & Nocerino, S. (1997). Las familias multiproblemáticas. In M. Coletti & J. Linares (Eds.), *La intervención sistémica en los servicios sociales ante la familia multiproblemática*. Barcelona: Paidós, pp. 45 - 82.

Carter, B. & Goldnick, M. (1995). *As Mudanças no Ciclo de Vida Familiar: uma estrutura para a terapia familiar*. Porto Alegre, Artes Médicas

Cervený, C. & Berthoud, C. (1997). *Família e Ciclo Vital: A Nossa Realidade Em Pesquisa*. São Paulo, Casa Do Psicólogo.

Cirillo, S. & Di Blasio, P. (1991). *Niños Maltratados*. Diagnóstico y Terapia Familiar. Buenos Aires, Paidós

Colman, A. & Colman L. (1994). *Gravidez, A Experiência Psicológica*. Coleção Cline. Lisboa, Edições Colibri.

Creswell, J. (1997). *Qualitative Inquiry and Research Design: Choosing Among 5 Traditions*. Thousand Oaks, CA, Sage Publications, Inc

Falceto, O. & Waldemar J. (2001). O ciclo vital da família. In: Eizirik C.L., Kapczinski F., Bassols M. *O ciclo da vida humana: uma perspectiva psicodinâmica*. Porto Alegre: Arned, pp. 49 - 72.

Ferrari, D. & Vecina, T. (org) (2002). *O Fim do Silêncio da Violência Familiar*. São Paulo, Editora Ágora

González Rey, F. (1998). Lo cualitativo y lo cuantitativo en la investigación de la psicología social. São Paulo, *Psicologia & Sociedade*, vol. 10, (n. 2) pp. 32 - 52.

González Rey, F. (1999). *La Investigación Cualitativa en Psicología: Rumbos y Desafíos*. São Paulo, Educ.

Groisman, M.; Lobo, M. & Cavour, R. (1996). *Histórias dramáticas: terapia breve para famílias e terapeutas*. Rio de Janeiro, Rosa dos Ventos.

Haley, J. (1979). *Psicoterapia familiar: um enfoque centrado no problema*. Belo Horizonte, Interlivro

Jimenez, M. & Valência, S. (2007). *Lectura sistematica sobre familia y el patron de la violencia*. Colômbia, Edição de Universidad de Caldas, Ciencias Jurídicas y Sociales

Kaplan, H. I. & Sadock, B. J. (1998). *Manual de Psiquiatria Clínica*. São Paulo. Artmed

Kerr, M. & Bowen, M. (1988). *Family Evaluation: an approach based on Bowen theory*. New York, W.W. Norton & Company.

Kitzinger (1978). *Mães: Um Estudo Antropológico da Maternidade*. Lisboa, Editorial Presença.

Koestler, A. J. (1981). *Jano*. São Paulo, Melhoramentos.

Koller, S. H. (1999). Violência doméstica: Uma visão ecológica. Em Amencar (Org.), *Violência Doméstica* (pp.32-42). São Leopoldo, Amencar.

Lane, S. & Codo, W. (orgs) (1985). *Psicologia Social: O homem em Movimento*, 3ª edição. São Paulo, Brasiliense

Lopes, A., & Fleming, M. (1998). Aspectos Psicológicos da Polineuropatia Amiloidótica Familiar: A Trama Subterrânea Intergeracional. *Brotéria Genética*, XIX (XCIV), pp. 183-192.

Mangueira, T. (2005). *Uso de Cannabis Sattiva Pelo Filho e as suas Repercussões nas Relações Familiares*. Recife, Universidade Católica de Pernambuco.

Mannoni, M. (1981). *A Criança Atrasada e a Mãe*. Portugal, Editora Moraes.

McGoldrick, R.; Gelson, R. (1987). *Genograma en la Evaluación Familiar*. Buenos Aires, Gedisa.

Minuchin, S. (1979). *Familias y Terapia Familiar*. (2ª ed.) Barcelona, Editorial Gedisa, S.A.

Minuchin, S. (1981). *Familias: funcionamento e tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Minuchin, S. (1990). *Familias, Funcionamento e Tratamento*. Porto Alegre, Artes Médicas.

Moro, M. (2005). *Os Ingredientes da Parentalidade*. Revista Latino-Americana de Psicopatologia Fundamental. Ano VIII, nº 2, 258-273. São Paulo, Brasil

Nobre, L. F. (1987). Terapia Familiar: Uma Visão Sistémica. In Py, L. et al. (org) *Grupo sobre grupo*. Rio de Janeiro, Rocco, pp. 31 - 44.

Reis, J. (1984). Família, Emoção e Ideologia. In: Lane, S.T.M. & Codo, W. *Psicologia Social O Homem Em Movimento*. São Paulo, Brasiliense, pp. 99- 124.

- Relvas, P. (1996). *O Ciclo Vital da Família, Perspectiva Sistémica*. Biblioteca das Ciências do Homem, Porto, Edições Afrontamento
- Relvas, A. & Lourenço, M. (2007). Uma Abordagem Familiar da Gravidez e da Maternidade: Perspectiva Sistémica. In: Canavarro, M. *Psicologia da Gravidez e da Maternidade*. Psicologias. Lisboa, Quarteto. (pp. 105-132)
- Roberto, L. (1992). *Transgenerational Family Therapies*. Guilford Press. New York, Edition illustrated
- Rodrigues, A., Regadas, D., Neves, H., Pereira, S. & Morais, S. (2007). *Genograma: Representação Gráfica da Vida Familiar*. Disponível no website [www.psicologia.com.pt](http://www.psicologia.com.pt). (Consultado a 15-12-2008)
- Rubin, R. (1984) *Maternal Identity and the Maternal Experience*. New York, Springer.
- Sanders, C. (1999). *Grief. The Mourning After: Dealing with Adult Bereavement* (2ª Ed.). New York, John Wiley & Sons, Inc.
- Sani, A. (1999). As Vitimas Silenciosas: A Experiência Da Vitimização Indirecta Nas Crianças. In *Psicologia: Teoria, Investigação e Prática*, 2, pp. 247-257
- Sani, A. (2006). *Vitimização indirecta de crianças em contexto familiar*. *Análise Social*, Vol. XLI (180), pp. 848-864
- Sani, A. (2007). *As Crenças das Crianças sobre a Violência e as percepções sobre Conflitos Interparentais*. B-Digital, Faculdade de Ciências Humanas e Sociais, Porto  
Disponível em <https://bdigital.ufp.pt/dspace/bitstream/10284/446/1/198-208FCHS04-12.pdf>  
(Consultado em 20/03/2009)

- Sexton, T.; Weeks, G.; Robbins, M. (2003). *Handbook of Family Therapy: The Science and Practice of Working with Families and Couples*. Brunner-Routledge, Psychology Press. New York, Illustrated
- Shentoub, V. et al. (1990). *Manuel d'utilisation du T.A.T. Approche Psychanalytique*. Paris, Dunod.
- Soares, I. (2007). Vinculação e Cuidados Maternos: Segurança, Protecção e Desenvolvimento da Regulação Emocional. *In: Canavarro, M. Psicologia da Gravidez e da Maternidade, Psicologias*. Lisboa, Quarteto. (pp. 75-104)
- Soifer, R. (1980). *Psicologia da Gravidez, Parto e Puerpério*. Artes Médicas, Porto Alegre
- Solis, L. e Ponton, M. (2004). *Ser Pai, Ser Mãe Parentalidade: Um Desafio P/ 3º Milénio*. São Paulo, Edição de Casa do Psicólogo, 1899
- Sousa, L. & Ribeiro, C. (2005). Percepção Das Famílias Multiproblemáticas Pobres Sobre As Suas Competências. *Psicologia*, vol. XIX (1-2) pp. 169 - 191
- Vaz, C. (1997). *O Rorschach: Teoria E Desempenho*. (3ª ed.) Bela Vista, Manole.
- Walsh, F. & McGoldrick, M. (1998). A Family Systems Perspective on Loss, Recovery and Resilience. *In: Sutcliffe P., Tufnell G. & Cornish U. (Eds.), Working with the Dying and the Bereaved*. London, MacMillan Press Ltd., pp. 1 - 27
- Whitaker, C. et col. (1988). *Dancing with the Family: A Symbolic-experiential Approach*. Edição de Psychology Press. New York, Brunner/Mazel.

Williams, A. (1994). *Psicodrama Estratégico. A Técnica Apaixonada: Indivíduos, Famílias e Grupos*. São Paulo, Editora Agora.

Yin, R. (2003). *Case studies research: design and methods*. (3ª ed.) Thousand Oaks, Sage.

Yin, R. (2005). (editor) *Introducing the world of education. A case study reader*. Thousand Oaks, Sage Publications.

## **ANEXOS**

## **Índice**

Consentimento Informado

Caracterização da Maternidade Júlio Dinis

Protocolo Rorschach

Psicograma

Tabelas Do M.M.P.I. 2

Protocolo T.A.T.

## Caracterização da Maternidade Júlio Dinis

A entidade acolhedora do presente estágio, na área da Psicologia Clínica e da Saúde é a Maternidade Júlio Dinis. Localizada em Massarelos, pertencente ao concelho e distrito do Porto, foi inaugurada em 1933. É um Hospital Central Especializado, e tem como objectivo principal assistir às necessidades da população, no que diz respeito da saúde da mulher e da criança. A população-alvo que compõe o espaço da Maternidade inclui crianças da primeira infância, adolescentes, adultos e casais.

Segundo o Manual de Qualidade da Maternidade Júlio Dinis, de 2006, tem uma área de influência distribuída essencialmente pelos concelhos de Vila Nova de Gaia, Gondomar, Porto, Valongo, Maia e Matosinhos e abrange uma faixa de população de aproximadamente 500.000 habitantes. Em 1991, a Comissão Nacional de Saúde Materno-Infantil criou as Unidades Coordenadoras Funcionais (UCF) com o objectivo de promover uma rigorosa interligação e coordenação entre os Cuidados de Saúde Primários e os Cuidados Hospitalares. A U.C.F. da Maternidade Júlio Dinis é constituída pelos Serviços de Aldoar, Batalha/Bonfim, Campanhã, Carvalhosa/Foz do Douro, Gondomar/Foz do Sousa e Rio Tinto/S. Pedro da Cova, da Sub-região de Saúde do Porto. Entre os seus serviços destacam-se os de Internamento (Ginecologia, Obstetrícia e Neonatologia), Urgências (com as mesmas especialidades que o serviço anterior), Bloco Operatório (Ginecologia e Obstetrícia), Núcleo de Partos (Obstetrícia), Serviço Social, Consultas Externas (Psicologia, Anestesiologia, Ginecologia, Imuno-Hemoterapia, Obstetrícia, Pediatria, I.G.O., Patologia do Colo, Diagnóstico Pré-Natal, Pré-concepção e Espaço Jovem) e os Serviços Administrativos.

Desde o dia 1 de Outubro de 2007 passou a pertencer à direcção do Hospital de Santo António, sendo agora parte integrante do Centro Hospitalar do Porto, e a denominar-se de Unidade da Maternidade Júlio Dinis.

O Serviço de Psicologia é constituído por duas psicólogas, Dra. Mónica Fernandes e Dra. Himali Bachu. De acordo com o Plano de Actividades da Maternidade Júlio Dinis de 2007, no que diz respeito à Consulta de Psicologia, esta está ligada a vários serviços, tais como a unidade de Neonatologia, serviço de Pediatria, serviço de Obstetrícia, serviço de Ginecologia, Núcleo de Prevenção de Menores em risco e Espaço Jovem.

A Consulta de Psicologia referente ao Serviço de Obstetrícia reflecte situações de gravidez de risco, nomeadamente grávidas adolescentes, grávidas que apresentam psicopatologias, grávidas que manifestam rejeição à gestação; grávidas seropositivas; grávidas que apresentam índices de ansiedade elevados, e situações de Pré-Concepção. A

Consulta de Psicologia, relativa ao Serviço de Ginecologia incide no apoio à Consulta de Oncologia, a Consulta de Climatério e a Consulta da Mama, acompanhando ainda situações do foro psicopatológico e de disfunções sexuais, ansiedade pré-operatório, sempre que solicitada. A Consulta de Psicologia pertencente à Consulta de Esterilidade realiza-se efectuando uma avaliação dos recursos internos e externos, sistemática de todos os casais com processos de Infertilidade, candidatos a Reprodução Medicamente Assistida.

A presença do Serviço de Psicologia no Espaço Jovem fornece um apoio no Atendimento diário de jovens de ambos os sexos até aos 25 anos, e na Dinamização de Acções de Formação na Área da Sexualidade destinadas preferencialmente a jovens, mas também para Pais, Encarregados de Educação e Professores, e na Participação em Encontros, Jornadas e Congressos Nacionais e Internacionais com várias comunicações/Posters. O Serviço de Psicologia também presta Apoio psicológico a Grupos de Suporte Pós – Interrupção Médica da Gravidez às utentes.

No Serviço de Neonatologia efectua-se Entrevistas de Triagem a pais em risco com filho na Unidade de Cuidados Intensivos e Cuidados Intermédios, com posterior acompanhamento psicológico, caso a utente o deseje. Em colaboração com o Serviço social, através do Núcleo de Prevenção de Menores em Risco, poder-se-ão efectuar Relatórios de Avaliação Psicológica e Entrevistas de Triagem com o objectivo de despistar problemas psicossociais em utentes com filhos em risco social.

O Serviço de Psicologia também fornece Acompanhamento Psicológico a utentes que fizeram interrupção voluntária da gravidez

## Protocolo Rorschach

Cartão	Resposta	Explicação	Cotação			
			Localização	Determinante	Conteúdo	Fenómenos Específicos
I	34' "...Tenho de dizer alguma coisa sobre isto... 1-Abóbora de Halloween" 50'	Por causa dos olhos e dos dentes, estas partes (aponta) não pertencem à abóbora, nem as veio. O resto é abóbora.	Gcort	F+	(H)	Choque de reacção (por dilatação de tempo)
II	34' "É difícil... 2-Máscara, diabólica" 50'	É por todo (rodeia com o dedo), tem cornos, nariz, caveira e algum sangue.	G	F-	MASC	Choque de reacção (por dilatação de tempo)
III	2' "3-Pinguim, quer dizer, um fato de smoking parecido com um pinguim" 15'	É por todo, menos aquelas duas coisas vermelhas. Tem o laço, e o fato é branco e preto. Estas duas coisas vermelhas (aponta) parecem cabelos compridos, caídos.	Gcort	F±	(A)	Contaminação
IV	3' "4-Um cão" 10'	Tem focinho, aqui estão as orelhas (indica com dedo), o cabelo arrebitado em cima, e ainda vejo as patas.	G	F+	A	
V	3' "5-Morcego" 10'	É escuro, tem as patas esticadas e asas grandes.	G	F+	A	Banalidade

VI	5' "6-Bacalhau" 10'	É por todo, menos aquela parte em cima (toca na placa). Tem rabo, espinha no meio e é espalmado. Também parece um tapete de animal, de pôr no chão, de tigre ou de pêlo.	Gcort	F+	A	Girar ansioso
VII	48' "7-Espartilho" 50'	Tem alças, fecho, parece a parte de cima de uma mulher, com essa roupa.	G	F+	HOBJ	Choque de reacção (por dilatação de tempo)
VIII	18' "8-Taça com gelado" 20'	Tem a taça com o gelado (toca na placa) e o gelado tem chantilly, laranja, morango e pistáchio ou menta. Não tenho a certeza qual dos dois sabores é.	G	F+	ALIM	Corfabulação
IX	13' "9-Uma máscara...como se diz...daquelas de rei. Uma máscara de baile dos castelos" 30'	É em tudo, menos aqui em baixo (aponta) que é um vestido de princesa. A máscara é daquelas de Veneza, feia, é comprida e grande. Olha-se para ela e não se sabe quem ou o que é. O vestido de princesa é até ao pescoço, com botões e mangas de balão.	Gcort	F±	MASC	Corfabulação
X	12' "10-Jardim 11-Torre Eiffel" 18'	O jardim tem muitas cores, tem passarinhos...Tem um lago, com relva dos lados e ramos de flores.	D	F+	NAT	
		A torre é alta, cinzenta, está no topo de alguma coisa. Também vejo caranguejos ou lagostas (patas, rabos, olhos) e um soutien (alça, forma do peito)	D	FK	ARQ	

### As que mais gostou:

Cartão IV – Porque é um cão, um cachorrinho. Mete-me pena por causa das orelhas.

Cartões IX – Vestem-se bem e usam uma máscara, uma máscara que não tem nada a ver. São tão bonitas e usam uma máscara feia, escondem algo.

**As que menos gostou:**

Cartão X – Não faz sentido, não consigo ver muitas coisas. É esquisito.

Cartão VI – Mostra um animal morto, é chocante.

Psicograma

**Avaliação Quantitativa**

Número Total de Respostas: 11

Número de Recusas: 0

Tempo Total das Respostas: 4 min. e 23 seg.

Tempo Médio das Respostas: 23,9 seg.

Tempo Médio de Reacção/Latência: 17,2 seg.

Reacção Cartão Acromático: 18,6 seg.

Reacção Cartão Cromático: 15,8 seg.

Resp. Cartão VIII, IX, X (côr): 36% (30%-40%)

Resposta Cartão X: 18%

Sucessão: Assistemática e Ordenada

T.R.I.: 0:0 (Coartado)

Índice de Angústia: 9% ( $\leq 12\%$ )

Prova de Escolhas:

+: IV e IX

-: VI e X

Tipo de Apreensão:

- G: 45% (20%-30%)
- Gcort: 36%

- D: 18% (60%-80%)

Determinantes:

- Total F: 10 (91%)
- F+: 7 (70%)
- F-: 1 (10%)
- F±: 2 (20%)
- FK: 1 (9%)
- F+°: 80%
- Fa°: 100% (50%-70%)
- F+a°: 81%

Incidência de M: 0

Incidência de Fm: 0

M : FM (proporção): 0 : 0

G : M (proporção): 6 : 0

Incidência de CN: 0; Cdesc: 0;

Csimb: 0; F-C: 0; C-F: 0; F/C: 0;

C/F: 0

M%: 0; M+°: 0; M-°: 0

$\Sigma C$ : 0; M :  $\Sigma C$  (proporção): 0

(Fm + m) : (Fc + c + C): 0 : 0

Conteúdos:

- A: 3 (27%)
- (A): 1 (9%)
- Ad: 0

- H: 0
- (H): 1 (9%)
- Hd: 0
- Hobj: 1 (9%)
- Masc: 2 (18%)
- Alim: 1 (9%)
- Nat: 1 (9%)
- Arq: 1 (9%)
- A% (A+Ad): 27%
- H% (H+Hd): 0%
- Ban: 1

### **Avaliação Qualitativa**

#### Fenómenos Específicos

##### por Cartões:

Gcort: I, III, VI e IX

G confabulada: VIII

Contaminação: III

Choque de Reacção

(por dilatação de tempo): I, II e VII

Girar Ansioso: VI

Confabulação: IX

Tabelas Do M.M.P.I. 2

Respostas	n	%
Verdadeiro	265	47%
Falso	302	53%
Total	567	100%

Tabela I – Resultados das Percentagens de Respostas com Verdadeiro e Falso

Esc.Validez	Raw Score	T score	Resp. %
L	8	64	100%
F	9	55	100%
K	12	45	100%

Tabela II – Resultados das Escalas de Validade

Escala Básica	Raw Score	PD Corrigida	T Score	Resp.%
Hs	14	20	60	100%
D	31	_____	63	100%
Hy	33	_____	70	100%
Pd	31	36	77	100%
Mf	33	_____	48	100%
Pa	19	_____	71	100%
Pt	24	36	57	100%
Sc	29	41	63	100%
Ma	27	29	72	100%
Si	21	_____	42	100%

Tabela III – Resultados das Escalas Básicas

Escala de Conteúdo	ANX	FRS	OBS	DEP	HEA	BIZ	ANG	CYN	ASP	TPA	LSE	SOD	FAM	WRK	TRT
Raw Score	18	6	7	19	13	6	8	16	9	6	9	2	16	8	8
T score	68	44	51	67	59	59	53	62	51	40	53	39	72	45	50
Resp. %	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%	100%

Tabela IV – Resultados das Escalas de Conteúdo

Esc. Supl.	A	R	Es	MAC-R	Fb	TRIN	VRIN	O-H	Do	Re	Mt	GM	GF	PK	PS	MDS	APS	AAS
Raw Score	16	13	34	26	5	9	10	17	13	21	29	23	34	23	27	9	23	3
T score	50	37	52	66	52	47	57	61	41	50	66	42	50	63	59	68	52	60

Tabela V – Resultados das Escalas Suplementares do M.M.P.I. 2

Subescalas	Raw Score	T score	Subescalas	Raw Score	T score
D1	16	59	Pa1	9	78
D2	6	37	Pa2	4	53
D3	6	66	Pa3	4	49
D4	6	57	Sc1	10	68
D5	7	62	Sc2	5	70
Hy1	6	63	Sc3	1	44
Hy2	5	36	Sc4	7	61
Hy3	10	69	Sc5	4	59
Hy4	6	56	Sc6	5	57
Hy5	4	54	Ma1	2	48
Pd1	7	76	Ma2	7	63
Pd2	2	45	Ma3	5	61
Pd3	6	65	Ma4	6	69
Pd4	9	69	Si1	0	36
Pd5	4	56	Si2	1	45
			Si3	6	48

Tabela VI – Resultados das Subescalas

## **Protocolo T.A.T.**

### **➤ História 1 (Cartão 1)**

É um menino, de 10 anos (como o meu sobrinho). Ele está numa aula e o professor queria que os alunos tocassem uma música. O menino queria tocar, mas o professor escolheu outro. Ele amou e o professor disse para ser ele então a tocar o violino, mas ele recusou-se. O seu colega acabou por tocar, o menino sentiu-se chateado, teve uma oportunidade e não a agarrou. É uma criança ambiciosa e orgulhosa, tem facilidade em saber tudo, mas não quer dar oportunidade aos amigos. O menino não mudou com a situação.

### **➤ História 2 (Cartão 3GF)**

Uma mulher parece desesperada, teve uma discussão. Não mostrou o ponto fraco na discussão, mas agora escondeu-se a chorar. Descobriu que o marido a trai, viu atrás da porta. Está desesperada, vai acontecer o pior, vai abrir a porta e apanhá-lo. Pensa nos filhos, vai mandar o marido embora. Vai ficar mãe solteira, a vida dela acabou, mas vai abrir aquela porta e mandá-lo embora.

### **➤ História 3 (Cartão 4)**

Um casal de namorados, numa linda noite. O namorado decide esperá-la ao trabalho e descobre que ela trabalha num bordel. Ela tenta-se desculpar, mas ele não a quer ouvir. Ele vai-se embora e deixa-a, nunca mais a quer ver. Ele já é mais velho que ela, já foi casado e tem filhos. É um bom homem, confiava nela e sentiu-se traído. Ela é mais jovem, queria ganhar um dinheiro extra, por ainda ser estudante. Nunca mais se viram, ele desistiu dela. Ela é muito jovem e inocente, não previu as consequências disto, é uma criança. Depois pensou que podia ter simplesmente pedido ajuda ao namorado, em vez de ter ido trabalhar para lá.

➤ **História 4 (Cartão 6GF)**

Ele disse-lhe algo que a assustou. É uma rapariga, com 25 anos, está numa sala de hotel à espera de um homem, com quem tem um envolvimento. Esse homem é amigo do seu pai, é mais velho que ela. Nesse dia, ela espera pelo homem, mas o pai segue-a e surpreende-a, ele tem 58 anos. É severo e inteligente, do tipo quando quer consegue. “O que fazes aqui?” – Ela não consegue reagir, ele já sabe de tudo. Ela vai embora com o pai, mas antes ele vai ter uma conversa com o amigo. A rapariga está em maus lençóis, já é maior de idade, mas o ultimato do pai é viver segundo as suas regras ou sair de casa. Ela vai abrir os olhos.

➤ **História 5 (Cartão 7GF)**

É uma menina, filha de pais ricos, carente, com falta de carinho. Desde que nasceu só a ama cuidou dela. Os pais são como desconhecidos. A ama lê-lhe um livro, ela não a ouve, pensa que não tem amigos, só tem a mesma rotina, com afazeres com a ama e professores. A ama cuida dela, tenta dar-lhe o carinho que os pais não dão. A menina vai acabar por fazer o mesmo que os pais, quando for adulta. Nem dá importância à ama.

➤ **História 6 (Cartão 12F)**

Isto é uma mulher que terá problemas, terá deixado algo para fazer a alguém e não consegue descansar. Assombra a neta para conseguir o que quer (a mulher está morta). A filha dela fez-lhe mal e agora vingá-se na neta. A neta sente-se impotente, ela não sabe o que fazer. A pessoa que a ajuda (médium), vê a fantasma, a mulher fala com a avó e entram em acordo e salva a neta.

➤ **História 7 (Cartão 13MF)**

É um assassino em série, é perturbado. A sua mãe batia-lhe muito, ficou traumatizado, sente necessidade de bater e espancar mulheres por a mãe o ter maltratado. Vai magoar muitas mulheres inocentes. Ele tem aparência normal e vai

acabar por pôr fim à sua vida, ele sabe que erra. A mãe dele já morreu, ele escolhe mulheres parecidas com a mãe e que tenham filhos. Ele estuda-as, seduze-las e mata-as.

➤ **História 8 (Cartão 16)**

É uma menina, de 8 anos, que é infeliz devido à irresponsabilidade dos pais, torna-se madura muito cedo. Sente-se infeliz quando vê meninos iguais aos irmãos. Não tem afecto dos pais. Estou a falar de mim. Depois é a mesma, mas com 29 anos, revoltada, mas não a fazer os mesmos erros dos pais. Gosta deles, mas nunca fariam o que eles fizeram. Apesar de tudo, a menina saiu-se bem. Ela e os irmãos eram muito unidos.

➤ **História 9 (Cartão 17GF)**

É uma miúda, que num dia bonito, encontra-se perdida e desesperada com a vida e decide ir à doca, onde há cargas e descargas dos pescadores, para pensar. Está com pensamentos maus, mas alguém a segura (os dois irmãos mais novos). Ela está debruçada, a olhar para o rio, decide que há muita coisa que vale a pena nesta vida e segue em frente, apesar das consequências. Queria ser alguém, faz tudo para lutar e consegue deixar de ter os pensamentos maus.

➤ **História 10 (Cartão 18GF)**

É um casal de idosos, a mulher quer matar o marido, porque ele dá-lhe muito trabalho. Ele está muito doente, de cadeira de rodas, ela está de pleno juízo, não aguenta mais e é má para ele. Ele não sente nada, já está demente. Ela está exausta e saturada daquele fardo. Acaba por não conseguir matá-lo e continua a cuidar dele, não é assassina, apesar de estar cansada. Ele é o homem que sempre a acompanhou ao longo da vida.